

# O Lugar Público na cidade contemporânea

O caso particular do **Jardim da Estrela**

**Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana**

Universidade de Évora

Discente **Maria João Monteiro Gomes**

Orientador **Professor Luís Vicente Baptista**

Abril 2008

# **O Lugar Público na cidade contemporânea**

O caso particular do **Jardim da Estrela**



168 022

**Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana**

Universidade de Évora

Discente **Maria João Monteiro Gomes**

Orientador **Professor Luís Vicente Baptista**

Abril 2008

**Muito Obrigada**

**Alexandra Canha Alexandre Jorge Cláudia Oliveira Inês Costa Lopes Isabel Lopes Lino Costa Luís Vicente  
Baptista Maria João Correia Maria João Maurício Susana Acácio Ricardo Ferreira Rita Coelho Vera Ramos**

## **O LUGAR PÚBLICO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA**

### **O CASO PARTICULAR DO JARDIM DA ESTRELA**

Pretende-se com este estudo contribuir para a compreensão do espaço público na cidade contemporânea, enquanto entidade com capacidade de edificar e reforçar relações entre grupos sociais.

Equacionou-se esta problemática à luz da cidade contemporânea, enquanto ecossistema urbano, ou seja, procurando compreender as novas características do território urbano e o modo como este é vivido pela sociedade contemporânea.

Há locais onde a relação das pessoas e o espaço público é mais profunda do que as meras relações funcionais, onde mais do que uma entidade física, o espaço é Lugar, concentrando em si as relações com significado, que o indivíduo, ou o grupo social estabelece com o espaço físico. Quando nestes espaços públicos existe coexistência e interacção social, surge o Lugar Público.

Por fim é feito um estudo do Jardim da Estrela enquanto Lugar Público potencial, integrado na sua camada ecológica envolvente.

**Palavras chave:** cidade contemporânea; espaço público; coexistência socioespacial; lugar; Lugar Público

## **PUBLIC PLACE ATTACHMENT IN THE CONTEMPORARY CITY**

### **CASE STUDY: JARDIM DA ESTRELA**

The following work means to contribute to the understanding of public space in the contemporary city, as an entity able to promote and reinforce relations within social groups. We will look at the city as an urban ecosystem, searching for the new characteristics on the urban territory, and the new ways of living in the contemporary society.

There are situations where the relationships people have with a public space become greater than a simple functional relationship. These public spaces become more than simple physical places. They become a place of attachment where the social groups, or the individual, establish a meaningful relationship with the public space. When in these public spaces we find social coexistence and interaction, we call it Public Place Attachment.

As a case study, we looked at Jardim da Estrela (Lisbon), as a potential place of Public Place Attachment, integrated in it's surrounding ecological layer.

**Key Words:** contemporary city; public space; public used space; social-spatial coexistence; place attachment; Public Place Attachment

**ÍNDICE GERAL**

<b>PARTE I .....</b>	<b>5</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 A CIDADE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 O ECOSISTEMA URBANO.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2 DA CIDADE AO TERRITÓRIO URBANO .....</b>	<b>9</b>
<b>2.3 VIVER NO TERRITÓRIO URBANO .....</b>	<b>12</b>
2.3.1 O HOMEM E O MEIO .....	12
2.3.2 A SOCIEDADE URBANA CONTEMPORÂNEA .....	14
<b>3 O ESPAÇO PÚBLICO .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 DIFERENTES OLHARES DIFERENTES CONCEITOS .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 O UNIVERSO DE ESPAÇOS DE USO PÚBLICO.....</b>	<b>20</b>
3.2.1 TENDÊNCIAS ESTRUTURANTES DO ESPAÇO DE USO PÚBLICO URBANO CONTEMPORÂNEO .....	21
3.2.2 O ESPAÇO PÚBLICO EXTERIOR NA CIDADE CONTEMPORÂNEA.....	26
3.2.2.1 DIFERENTES TIPOLOGIAS .....	26
3.2.2.2 A SOCIEDADE URBANA E A VIVÊNCIA DO ESPAÇO PÚBLICO .....	29
<b>4 O LUGAR PÚBLICO .....</b>	<b>32</b>
<b>4.1 O LUGAR .....</b>	<b>32</b>
4.1.1 LUGAR E SIGNIFICADO .....	33
4.1.2 O LUGAR ANTROPOLÓGICO.....	35
<b>4.2 O COMPORTAMENTO NO ESPAÇO PÚBLICO.....</b>	<b>37</b>
4.2.1 O 'CENÁRIO DE COMPORTAMENTO' .....	37
4.2.2 O COMPORTAMENTO E O TIPO DE INTERACÇÃO ENTRE INDIVÍDUOS .....	38
4.2.3 O ENVOLVIMENTO APROPRIADO .....	43
<b>4.3 O CONCEITO DE LUGAR PÚBLICO .....</b>	<b>45</b>
<b>5- O ESPAÇO PÚBLICO DE PROXIMIDADE.....</b>	<b>47</b>
<b>5.1 SERÁ IMPORTANTE PARA A CIDADE CONTEMPORÂNEA O ESPAÇO PÚBLICO DE PROXIMIDADE? .....</b>	<b>47</b>
<b>5.2- FACTORES QUE POTENCIAM O USO E A COEXISTÊNCIA NUM JARDIM PÚBLICO DE PROXIMIDADE .....</b>	<b>51</b>
<b>6 SÍNTESE DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICA.....</b>	<b>58</b>
<b>PARTE II - ESTUDO DE CASO: O JARDIM DA ESTRELA .....</b>	<b>59</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>60</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>61</b>
<b>3 ENQUADRAMENTO GERAL NO TERRITÓRIO URBANO CONTEMPORÂNEO (AML).....</b>	<b>66</b>
<b>3.1 LISBOA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>66</b>
<b>3.2 O JARDIM NA CIDADE DE LISBOA .....</b>	<b>70</b>
<b>4 CARACTERIZAÇÃO DO ENQUADRAMENTO ECOLÓGICO .....</b>	<b>73</b>
<b>4.1 ENQUADRAMENTO AMBIENTAL .....</b>	<b>73</b>
4.1.1 BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA MALHA URBANA ONDE SE SITUA O JARDIM DA ESTRELA .....	74
4.1.2 COLECTIVIDADES E INSTITUIÇÕES .....	76
4.1.3 JARDINS PÚBLICOS E PATRIMÓNIO EDIFICADO .....	78
4.1.4 ENVOLVENTE URBANA PRÓXIMA DO JARDIM DA ESTRELA .....	78
<b>4.2 ENQUADRAMENTO POPULACIONAL .....</b>	<b>81</b>
4.2.1 ANÁLISE SOCIO-ECONÓMICA .....	81
<b>4.3 SÍNTESE DA CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA.....</b>	<b>86</b>
<b>5 SISTEMA JARDIM DA ESTRELA.....</b>	<b>88</b>
<b>5.1 SISTEMA AMBIENTE (CENÁRIO).....</b>	<b>88</b>
5.1.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO JARDIM DA ESTRELA .....	88
5.1.2 CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA .....	90

5.1.3 CARACTERIZAÇÃO FÍSICA .....	90
5.1.4 ANIMAÇÃO CULTURAL .....	102
5.1.5 SERVIÇOS URBANOS DE MANUTENÇÃO .....	102
<b>5.2 SISTEMA UTILIZADORES (ACTORES).....</b>	<b>105</b>
5.2.1 ANÁLISE COMPARATIVA .....	105
5.2.2 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS .....	106
5.2.3 ANÁLISE MULTIVARIADA .....	114
5.2.4 ANÁLISE ESPACIAL DE USO.....	117
5.2.5 OBSERVAÇÃO COMPORTAMENTAL .....	119
<b>5.3 SÍNTESE DO SISTEMA .....</b>	<b>125</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>127</b>
<b>PARTE III - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>129</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>131</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>136</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS .....</b>	<b>137</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS .....</b>	<b>137</b>

## ANEXOS

I PLANTA DE JARDINS DE LISBOA

II TABELAS DE DADOS REGISTRADOS

III TABELAS SÍNTESE DE DADOS E DENDROGRAMAS

IV PLANTAS DE ANÁLISE ESPACIAL



## **1 Introdução**

Pretende-se com este estudo contribuir para a compreensão do espaço público na cidade contemporânea enquanto entidade com uma dimensão social, capaz de edificar e reforçar relações entre grupos sociais

Para tal é necessário equacionar esta problemática à luz da cidade contemporânea, enquanto ecossistema urbano, ou seja, procurando compreender as novas características do território urbano e o modo como este é vivido pela sociedade contemporânea.

Dentro deste contexto considera-se importante abordar o espaço público de modo integrado no universo de espaços de uso público, e entender quais as suas principais tendências estruturantes na sociedade actual. Assim, devidamente enquadrado, é possível olhar o espaço público urbano actual, procurar compreender o modo como este é actualmente vivido e entender a sua potencialidade enquanto espaço de coexistência e interacção entre diferentes grupos sociais.

Há locais onde relação das pessoas e o espaço é mais profunda do que as meras relações funcionais, onde mais do que uma entidade física, o espaço é Lugar, concentrando em si as relações que o indivíduo, ou grupo social estabelecem com o espaço físico.

Quando o Lugar é espaço público onde existe coexistência e interacção social, surge o conceito de Lugar Público.

### **Descrição do conteúdo do trabalho**

Este trabalho inicia-se de um modo sintético por abordar a cidade contemporânea, enquanto ecossistema urbano. Em seguida, faz-se uma breve abordagem às características emergentes a nível de indivíduo e redes sociais da sociedade urbana contemporânea.

Posteriormente aborda-se o conceito abrangente de espaço público contemporâneo, comparam-se conceitos. A actualidade abrangente do espaço de uso público e as tendências evolutivas em termos de vivência são questões muito importantes para entendermos o presente. Assim analisa-se o universo de espaços de uso público disponíveis na cidade dos nossos dias e as tendências estruturantes da sua produção e uso.

Aborda-se o espaço público, no sentido estrito do termo, e procura-se identificar o que mudou na sua vivência.

É proposto o conceito de Lugar Público enquanto espaço público apropriado, espaço lugar, com coexistência e interacção social.

Como componente essencial ao Lugar Público explora-se, através de uma abordagem multidisciplinar o significado de lugar.

Posteriormente aborda-se o comportamento dos indivíduos no espaço público, e o que gera e potencia a interacção entre indivíduos.

Finalmente aborda-se o espaço público exterior de proximidade, espaço propício à existência de Lugar Público, e a importância da sua existência. Seguidamente sistematiza-se factores que potenciam o uso e a coexistência espacial num jardim público de bairro.

Apesar da importância indiscutível das considerações de carácter histórico e evolutivo do espaço, da sociedade ou mesmo das diversas disciplinas que estuda a relação do homem com o meio, sem dúvida interessantes para uma análise holística do espaço público, tendo presente a necessidade de limitar o âmbito do trabalho, esta temática foram abordadas apenas sumariamente com o intuito de contextualização da problemática central.

Na II Parte surge a escolha do Jardim da Estrela (Jardim Guerra Junqueiro), como estudo de caso reflectindo o reconhecimento do seu carácter específico como espaço público, integrado no tecido urbano envolvente e na cidade de Lisboa.

Faz-se inicialmente uma leitura genérica do ecossistema urbano que é a cidade de Lisboa, das suas características, enquadrando o jardim na actualidade do território urbano actual.

Baseada no trabalho teórico, estuda-se este espaço de um modo sistémico fazendo-se uma caracterização do enquadramento ecológico. Assim, aborda-se a camada específica constituída pela realidade local, analisando-se as características históricas e culturais do tecido urbano e as características socio-económicas da população.

Posteriormente o estudo focaliza-se no jardim e na sua população utilizadora. Quem utiliza o espaço? Quando? Como? Que coexistências e interacções sociais são perceptíveis?

Finalmente, sintetiza-se os dados com o intuito de responder à pergunta de partida: Será que o Jardim da Estrela é um Lugar Público?

## **2 A Cidade Contemporânea**

### **2.1 O Ecossistema Urbano**

Segundo Serge Frontier (2001), ecossistema é um sistema de interações entre as populações de diferentes espécies que vivem num mesmo sítio, e entre estas populações e o meio físico.

A população é o conjunto de organismos da mesma espécie ocupando um dado espaço, têm varias características que fazem parte unicamente do grupo e não são características dos indivíduos que o compõem (Odum 1998).

Qualquer modificação do meio repercute-se na totalidade do povoamento, modificando a natureza ou a intensidade das interações e as condições de vida. O Homem, mais do que qualquer outra espécie tenta modificar o ambiente físico afeiçoando-o às suas necessidades imediatas.

Uma das categorias de interação mais marcante, actualmente, na biosfera é a acção do Homem sobre o ecossistema no qual ele se insere, mas duas características fundamentais distinguem-no dos restantes seres vivos; o aspecto sistemático e deliberado das suas acções e a grande escala espacial em que estas se exercem (Frontier *et al*,2004).

O território ocupado por uma sociedade humana distingue-se pela existência de ecossistemas, predominantemente artificiais, destacando-se as áreas urbanas como o ecossistema onde a transformação do meio é mais intensa.

Deste modo, no âmbito da Ecologia Humana, o ecossistema urbano consiste no sistema de interações dinâmicas entre a população humana e as características físicas, bióticas, culturais e sociais da cidade.

Neste estudo aborda-se a cidade contemporânea enquanto ecossistema urbano, resultante das interações da população urbana e o meio.

## 2.2 Da Cidade ao Território Urbano

*A cidade é uma aglomeração humana fundada num solo convertido em pátria, cujas estruturas internas e externas se constituem e desenvolvem por obra da história, para satisfazer e exprimir as aspirações da vida colectiva, não só a que nelas decorre, mas também a da humanidade em geral.*

Goitia, 1989:39

O conceito de cidade aparece definido em diferentes moldes, variando sobretudo em função da abordagem disciplinar. De qualquer modo, é o seu significado político, ou seja a centralização de poderes (político, económico e religioso) que a distingue determinantemente das outras formas de aglomerados populacionais (Mattoso 1987).

A característica fundamental de uma área urbana, em termos físicos, e principal critério de distinção desta de outras formas de ocupação, é a concentração de população numa área limitada. Isto resulta fisionomicamente na concentração de massa construída. Grandes densidades de população são acompanhadas por modificações extensas na ecosfera.

A aglomeração das actividades económicas nas cidades, fruto de uma tensão entre forças centrípetas e centrífugas, é uma das características mais relevantes das sociedades humanas.

As forças centrípetas têm a ver com as vantagens naturais (portos, rios, etc...), ou mais frequentemente com as economias de aglomeração associada à dimensão de mercados (mercados de bens, intermediários ou finais, mercado de trabalho) ou ainda com o acesso à tecnologia e ao entretenimento (Frontier et al 2004).

As forças centrífugas são constituídas pelos efeitos da concorrência em preço nos diferentes mercados (custos urbanos e do imóvel, custos do trabalho), promovendo o alastramento, ou seja o crescimento físico da cidade em área (Frontier et al 2004).

A existência da cidade tem um efeito económico eficaz: aumenta a concorrência entre empresas, incita à procura de novos ganhos produtivos e ao crescimento e desenvolvimento económico.

Quanto mais importante a cidade, mais população atrai, transpondo os seus limites físicos em direcção aos subúrbios e às cidades vizinhas que passam a confluir umas com as outras formando as denominadas áreas metropolitanas, ou comunidades urbanas.

Surge o suburbano e o peri-urbano, com as suas implantações difusas, nas quais as estratégias de organização da vida quotidiana se combinam com as exigências de mobilidade e com estilos de vida,

produzindo, assim um sistema urbano complexo, bastante diferente da cidade tradicional (Marinotti in Ferreira 2004).

O aumento das áreas suburbanas (ou peri-urbana imediata) tornou o limite da área urbana difícil de definir, tomando a separação em termos de análise, da área urbana e da não urbana contígua mais complicada. Quanto maior o aglomerado e as vias de acesso, mais extensa é a sua influência, mais alargada a área suburbana subsequente.

Assim do grande salto a nível da mobilidade e da conseqüente dispersão de actividades, surge o conceito de território urbano, como uma nova forma metropolitana ligando o urbano, a periferia e o rural. O resultado é uma rede, uma aglomeração de funções sem estrutura aparente, que não foi planeada, simplesmente cresce por si só.

Gerado a partir de cidade-centro, o território urbano forma-se como uma colecção de retalhos de áreas industriais, áreas de habitação unifamiliar, áreas de prédios de grande dimensão, pequenos núcleos tradicionais, espaços comerciais, campo, tudo isto formando um conjunto de aparência amorfa atravessado por linhas de transportes e vias de grande dimensão

Segundo Goitia (1989), o que caracteriza a cidade contemporânea é a sua desintegração. É uma cidade fragmentária, caótica, dispersa, a que falta uma figura própria. Ou seja, a periferia e o seu crescimento em mancha, são vistos como a antítese da cidade, da cidade como símbolo de civilização e cultura.

Apesar de tudo a periferia não é simplesmente 'não cidade', tem muito mais força e poder por si só. A primeira indicação deste magnetismo, é que a periferia atrai todo o tipo de funções, nomeadamente residenciais e empregabilidade da cidade. Em termos de estratégia, a acessibilidade e os baixos preços ganharam vantagem em relação à centralidade.

O território urbano, analisado segundo a produção e consumo de espaço, forma e gera uma sociedade de enclaves sociais, de ilhas que formam um arquipélago. Os grupos sociais de diferentes origens têm vindo a desenvolver cada vez mais estratégias espaciais para encontrar somente as pessoas que lhes agradam e excluir as restantes. Ao nível do território urbano poderemos distinguir inúmeros enclaves mono-culturais, desde comunidades fechadas (condomínios), parques de escritórios, e um sem número de não-lugares, espaços não territoriais, funcionais (Hajer e Reijndorp 2001).

Como resposta a esta atracção, partes da cidade-centro têm-se adaptado para corresponder aos requisitos dos promotores imobiliários e consumidores de habitação de luxo, que querem um ambiente seguro, controlado e segregado. As cidades estão gradualmente a ser alvo de aplicação de alguns princípios de desenho urbano e controlo, característicos da periferia (Hajer e Reijndorp 2001).

Na emergência de uma sociedade em rede cada qual cria a sua própria cidade para uso próprio, combinando os diferentes espaços que lhe interessam. Deste modo há uma individualização do desenvolvimento do território, ou seja, cada indivíduo constrói a sua própria cidade, a partir deste enclaves geograficamente dispersos (Hajer e Reijndorp 2001).

O espaço entre espaços quase não existe, torna-se apenas distância. Este facto além de juntar espaços distantes numa amálgama, também ostraciza o que está no meio. Espaços onde não interessa ir nem são olhados, eliminando a possibilidade de gerarem interesse, salvo, é certo, se algum meio de comunicação disser que têm valor, e que devem ser visitados (Hajer e Reijndorp 2001).

Os processos de transformação, tanto em relação às relações socio-culturais como físico-espaciais da cidade, alteram a estabilidade das relações entre forma do espaço, actividades sociais e significados culturais (Arroyo 2006).

O fenómeno da descontinuidade, ou seja em que as formas, actividades e significados se recompõem de acordo com as contingências em vez de por vínculos estruturais, fazem do espaço público um resultado e não uma categoria precisa e definida (Arroyo 2006).

## 2.3 Viver no Território Urbano

### 2.3.1 O Homem e o Meio

Segundo Odum (1988), o dilema sociológico da cidade é resumido considerando dois cenários possíveis: a cidade como suprema criação da civilização humana ou a cidade como alteração bruta da natureza que proporciona mil maneiras de destruir as condições básicas de que depende a dignidade humana.

A razão por que a cidade é tão atraente não decorre só da lógica da organização da produção, da pressão da urbanização e o desenvolvimento tecnológico. É também porque aparentemente é um estilo de vida em que o indivíduo se torna emancipado; liberta-se de constrangimentos naturais e sociais. A cidade é o local onde a vida não é ditada por condições físicas e naturais, nem pelo ritmo da natureza (Mayer 1998).

Segundo Soczka (2005):

*A cidade é um mosaico cultural, com a sua justaposição de estratos sociais e de funções diferenciadas, conotadas com específicas formas de viver o quotidiano, nos matizes das suas crenças, ideologias, valores, costumes e representações sociais. Na cidade estamos longe da relativa homogeneidade cultural e funcional que é apanágio das comunidades rurais, onde a mobilidade social é muito menor e as estratificações tradicionais, mais acentuadas. Não existe consenso cultural na cidade. Ela é de algum modo um zoo humano, uma exposição amostral das diferenciações socioculturais do homo sapiens.*  
(95)

Essa dinâmica de interpenetração de modelos subculturais gera conhecimento e evolução. A própria massificação urbana é produtora de subculturas ao permitir que os indivíduos com interesses comuns, por vezes pouco normalizados, formem grupos geradores de subculturas (Soczka 2005).

Se por um lado existe a cidade que assimila, deixando-se rapidamente de ser estrangeiro, por outro existe o reverso, a cidade inóspita, onde se concentram os problemas sociais e ambientais resultando na degradação da qualidade de vida das populações.

A visão pessimista dos efeitos da cidade como produtora de uma série de desequilíbrios, remonta pelo menos à cidade gerada na revolução industrial.

Assim, na segunda metade do séc. XX, como resultado dos problemas emergentes nos grandes meios urbanos ao nível, físico, psicológico e social das populações, surgem e intensificam-se, em diversas partes do mundo e ao nível de diversas disciplinas, estudos sobre a relação do homem com o meio.

Com o intuito de investigar os impactes negativos da experiência urbana surge a Escola de Chicago, pioneira da ecologia urbana.

Radicada na tradição de Simmel, e fundada por um dos seus discípulos, Robert E. Park conjuntamente com Ernest Burgess, a Escola de Chicago transpôs a sociologia do plano da conceptualização das estruturas globais da sociedade para o estudo dos grupos sociais concretos na sua realidade quotidiana: e essa realidade era por excelência a cidade, e o seu funcionamento social como rede de interacções (Soczka 2005).

Ao aplicarem uma teoria de adaptação das sociedades humanas ao ambiente, fundaram a Ecologia Humana.

O habitante da cidade é visto como uma vítima da sobredensidade populacional, em que as vinculações afectivas são destruídas e a vida urbana é marcada pelo isolamento, perdendo-se os laços comunitários vivos do meio rural. Os processos acelerados de competição e divisão do trabalho conduzem à dispersão e ao enfraquecimento das coesões grupais e dos valores, ou seja, à anomia (Soczka 2005).

A contrapor esta leitura pessimista da cidade, surgem dentro da Escola de Chicago os primeiros argumentos a notar que a massificação anónima e anómica, gerava igualmente sistemas de adaptação, através de uma organização social em agrupamentos relacionais directos, constituindo-se como um «mosaico de mundos sociais», relativamente imunes ao efeito do gigantismo urbano (Gans, 1958, 1962; Oscar Lewis, 1952, 1972 in Soczka 2005).

Claude Fisher (*in* Soczka 2005) e a teoria subcultural representaria uma posição de síntese conciliando ambas as posições; nem os efeitos de massificação conduzem drasticamente a uma existência individualizada e anónima no seio da cidade, nem os submundos sociais defendidos como contrapartida são imunes aos efeitos de densidade, concentração e despersonalização social das urbes.

Assim na perspectiva de Fisher (como na de Oscar Lewis, 1952), o fenómeno urbano não é produtor de colapsos psicológicos, anomia ou desordens mentais, na medida em que os urbanitas também se organizam subculturalmente em «mundos sociais» estruturados e com valores próprios, internamente vivos e interactuantes, mas sobre os quais não deixam de se repercutir os fenómenos de larga escala inerentes ao próprio crescimento urbano (Soczka 2005).

A relação da cidade com o Homem esteve sempre em constante mudança, em paralelo com a evolução do território e a evolução da sociedade.

Actualmente, e desde as últimas décadas do séc. XX, potencializada pela evolução ímpar dos meios tecnológicos, e pela democratização da distribuição dos mesmos, esta transformação adquiriu uma rapidez e uma abrangência tal que obriga à reinterpretação de toda uma realidade nova.

O estudo da relação do Homem com o meio urbano tornou-se cada vez mais complexo e simultaneamente mais premente.

### 2.3.2 A sociedade urbana contemporânea

*Na expansão do espaço urbano, a Cidade no seu conjunto se redefine. O centro se esvazia, se especializa. Os bairros e suas classes se expandem, multiplicam-se, deterioram-se. O passado mostra-se no presente como reminiscência histórica, lugar por vezes de contemplação, do que existiu, do exótico. Na expansão do espaço urbano a cidade encontra novos meios de relação. O urbano se espalha na perspectiva da relação entre lugares de distintas distâncias. Os lugares passam a estar em rede. Os nódulos de urbanidade estão em contacto, em escala progressivamente mundial. E a relação entre os lugares são fluxos. A rede é um continente. Um continente descontínuo, de urbanidade desnivelada e intensamente hierarquizada.(...) Nesta linha progressiva e cumulativa de fluxos, pessoas sempre migram do campo para a cidade, de um país para outro ao sabor das novas geografias que se construíram, numa acção de desterritorialização e reterritorialização, num ato de romper com a identidade e reconstruí-la noutro lugar. E nesta linha evolutiva de fluxos, neste processo de pessoas em trânsito, o mundo se urbanizou, ou o urbano tornou-se hegemónico. Construiu-se um mundo de cidades urbanas, de indivíduos urbanos.*

(Rodrigues Martins, 2001: 4)

A cidade na viragem de séc. XX/XXI, gera e é gerada por uma grande transformação em termos sociais, económicos, científicos e tecnológicos. Se as necessidades básicas de sobrevivência do ser humano são as mesmas de sempre, as necessidades de vida e os hábitos de grande parte da população do mundo ocidental em que vivemos é dramaticamente diferente.

A transformação das relações humanas, com uma profunda alteração dos modos de sociabilização, em termos espaciais e temporais, torna impossível uma vivência do espaço público nos mesmos moldes de outrora.

A esta transformação acelerada do mundo contemporâneo, Marc-Augé (2005) denomina “sobremodernidade” utilizando três figuras para uma definição de sobremodernidade:

- A superabundância de acontecimentos. O excesso de tempo, a dificuldade de pensar o tempo associada à superabundância de acontecimentos;
- A superabundância espacial. O excesso de espaço, estamos na era da mudança de escala (os meios de transporte rápidos, os meios de comunicação);
- A individualização de referências. O excesso de ego, o indivíduo entende interpretar, por e para si, as informações que lhe são fornecidas, o indivíduo *quer-se um mundo*, ou seja, há uma individualização dos modos de proceder, sendo a produção individual de sentido mais importante do que nunca.

A percepção actual de tempo e espaço são muito diferentes de outrora, gerando as denominadas superabundância de acontecimentos e superabundância espacial. A eficiência dos meios de transporte e de comunicação, a sua acessibilidade a grande parte da população activa, permite movimentarmos pelo mundo fisicamente ou virtualmente, via os meios de comunicação, vivendo o mundo global em detrimento do mundo local.

Assim potencializados pelas novas tecnologias, desenvolvem-se processos de desterritorialização. Será que não surgem também novas territorializações?

Numa sociedade muito móvel (com excepção dos economicamente desfavorecidos) e com mudanças da população no sentido da descentralização e da suburbanização, as comunidades estão a evoluir para uma sociedade «transespacial» na qual o círculo de amigos e de conhecidos estão menos circunscritos pela proximidade espacial. O grau em que as pessoas são espaciais ou transespaciais em termos de quem conhecem é, provavelmente, influenciado por um conjunto de factores socio-económicos, tais como, o emprego passado e presente, a biografia de lugares do ciclo de vida e os avanços da tecnologia (por exemplo a internet) (Speller 2005).

A individualização de referências é uma realidade da sociedade actual; nunca existiram tantas oportunidades de escolha, nem nunca as liberdades individuais foram tão valorizadas.

### **A comunidade e as relações de vizinhança na cidade contemporânea**

Segundo Charles Laundry (2001) os três pilares tradicionais da comunidade são: homogeneidade social, imobilidade e a necessidade de cooperação com a vizinhança. Actualmente a maior parte dos bairros de uma cidade tem pessoas com interesses, origens e estilos de vida muito diferentes, detentoras normalmente de grande mobilidade.

Perante as condições da cidade contemporânea, é pertinente questionar se estaremos perante um colapso da comunidade e das redes sociais. Existirá comunidade sem relações de proximidade, de vizinhança?

É frequente que o local onde se viveu a infância e o local que se escolhe para viver, por múltiplas razões, não seja o mesmo. É igualmente usual que as diversas escolas que uma criança frequenta ao longo da sua vida sejam escolhidas por uma soma de factores, que não apenas a proximidade da casa. Os locais de trabalho variam consoante a carreira profissional e de acordo com as localizações e deslocações das empresas ou instituições. As relações de vizinhança aparentemente já não são necessárias, ou deixaram de ser determinantes nas escolhas individuais.

O indivíduo com mobilidade e com acesso a uma panóplia de meios de comunicação, estabelece relações sociais não necessariamente associadas ao território próximo. Escolhe a cidade em que quer viver, escolhe cada espaço que frequenta, de acordo com a sua 'tribo urbana'<sup>1</sup>, espaço onde se sente bem, seguro e livre de confrontos (Hajer e Reijndorp 2001).

Além da sensação de segurança, o indivíduo também é impelido pela necessidade ou anseio de ascensão social e/ou cultural; o estar presente, o estar actualizado e partilhar subseqüentemente com os outros, é importante na definição da identidade do indivíduo.

A segregação espacial contemporânea baseia-se cada vez mais no facto de que as redes de funcionamento de cada grupo quase não se sobrepõem.

Neste contexto, surge o conceito da sociedade em rede em que as pessoas 'montam' estilos de vida a partir dos 'componentes' disponíveis. Cada um ao construir a sua cidade cria uma nova forma de urbanidade (Hajer e Reijndorp 2001).

De qualquer modo subsistem, ou surgem de novo, na cidade contemporânea núcleos, frequentemente empobrecidos, em que as relações de vizinhança e o funcionamento em comunidade são muito importantes, como por exemplo, comunidades de imigrantes.

Segundo Brown & Werner (1985 in Speller2005) utilizando os conceitos de Altman<sup>2</sup> de território primário, secundário e público, no seu estudo de vinculação à vizinhança concluíram que o território

---

<sup>1</sup> O conceito de tribo-urbana é utilizado por Solá-Morales, para designar grupos formados por pessoas que partilham interesses comuns. Nos restantes aspectos os indivíduos podem ser complementemente diferentes. (Hajer e Reijndorp, 2001)

<sup>2</sup> Altman (1975 in Speller 2005), definiu três tipos de território: primário, secundário e público. O território primário corresponde geralmente ao encontrado no lugar de residência, os territórios secundários são espaços a serem partilhados com outros mas num grupo mais restrito, os territórios públicos estão abertos ao acesso público

secundário, ou seja, espaço a ser partilhado com os outros mas num grupo restrito, é essencial para o sentido de comunidade próxima.

Um aspecto importante é o facto que durante os diferentes estádios da vida a necessidade de um território próximo familiar ou pelo menos acolhedor, varia. A necessidade de se sentir parte de uma comunidade próxima é maior nos dois extremos da vida; na infância e sobretudo na velhice; o aumento do tempo livre, uma maior debilidade física para explorar territórios distantes, leva a uma valorização das relações de proximidade.

Se por um lado não existe comunidade próxima sem relações de vizinhança, por outro certamente existem relações de proximidade em locais onde não se estabelece propriamente uma comunidade; laços mais ténues, menos definidos, mais pontuais, mas que são certamente relevantes. Como por exemplo a potencialidade de uma relação baseada no facto do outro não ser totalmente estranho, de se saber onde o outro vive, e nalguns casos, alguns dos seus hábitos. Os laços embora ténues, perante uma semelhança, uma coincidência, permitem um cumprimento ou mesmo uma conversa.

Se determinados ambientes físicos e sociais proporcionam um ambiente de bairro, estimulando o contacto e as relações, outros provocam reacções opostas.

### 3 O Espaço Público

#### 3.1 Diferentes Olhares Diferentes Conceitos

A teorização do conceito de espaço público abarca uma multiplicidade de sentidos, fruto da complexidade que o caracteriza (Castro 2002).

O espaço público urbano, na morfologia da cidade, é indissociável da relação entre o espaço edificado e o não edificado. A identidade própria do espaço, surge da diversidade resultante do suporte físico e das funções que lhe estão associadas. A arquitectura e o valor patrimonial a esta associado, ou a mera configuração do espaço e dimensão é enriquecedora do território urbano.

Num sentido estrito e simplificado **espaço público**, é todo aquele que é exterior, pertence ao domínio público, e é concebido para ser usufruído por toda a população, ou seja de uso livre.

Num sentido lato considera-se espaço público como **espaço de uso público**, ou seja, todo o espaço que pode ser usufruído pela população, ou sujeito a um uso colectivo, seja exterior ou interior, público ou privado.

Actualmente, as relações de propriedade, tanto em espaço exterior como interior, são mais complexas: existem espaços privados de uso público (jardins de fundações, feiras de diversões, centros comerciais, condomínios privados com espaços exterior de acesso público) e espaços públicos, de uso condicionado e por vezes pago, por exemplo quando afectos a uma instituição (universidade, hospital, aeroporto). Temos igualmente equipamentos como espaços desportivos, parques infantis ou jardins, públicos ou privados, de uso livre, condicionado ou restrito a determinada população, geridos por particulares, pelas Juntas de Freguesia ou pelas Câmaras Municipais.

Entre estas duas perspectivas de utilização do termo espaço público, cada autor, cada utilizador do termo redefine-o de acordo com a sua abordagem.

Segundo Krier, aos espaços exteriores livres e abertos com zonas públicas, onde ocorre movimento e actividade, é-lhes atribuída genericamente a designação de espaço público (Ramalho 2004).

Do ponto de vista das ciências sociais, não bastam as suas características físicas e administrativas; é essencial que o espaço tenha uma dimensão social.

Segundo Vítor Matias Ferreira, existe uma distinção fundamental entre espaço público urbano e espaço público da cidade. O autor considera o espaço público urbano como uma pluralidade diferenciadora dos respectivos espaços urbanos, ao contrário do espaço público da cidade, espaço de singularidade identificadora e identitária da cidade. (Ferreira 2004).

Segundo Rogério Leite (2002), baseado em Arendt e Habermas, um espaço urbano somente se constitui como um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de acções. Assim, quando determinadas acções atribuem o sentido de lugar a certos espaços urbanos e essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as acções, os espaços urbanos constituem-se como espaço público: locais onde as diferenças se destacam e confrontam.

Deste modo, para o autor o espaço público deve ser entendido com uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas acções que atribuem sentido a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas (Leite 2002).

Para Maarten Hajer e Arnold Reijndorp (2001), o verdadeiro 'espaço público' tem que ser palco de acções e conter significados de lugar e pertença, seja ele um espaço privado, público, exterior ou interior. O verdadeiro 'espaço público' é o local de troca social, denominado *Public Domain*<sup>3</sup>. Para os autores este termo não é tanto uma realidade física, mas uma 'experiência', caracterizada não apenas pelo encontro mas por trocas entre comunidades distintas.

Por exemplo, o facto do centro comercial nos dias de hoje ser um espaço urbano com uma grande diversidade social, confere-lhe características essenciais de espaço público. Mas se por um lado, teoricamente um centro comercial, pode ser um *Public Domain*, por outro, nem sempre é compatível com a sua funcionalização programada no sentido do consumo. Sorkin considera que o centro comercial nunca pode ser um verdadeiro espaço público, alegando que não pode haver verdadeiras manifestações públicas num centro comercial (Hajer e Reijndorp, 2001).

No presente trabalho utilizar-se-á o termo espaço público para designar o espaço físico exterior, administrativamente pertencente ao domínio público.

---

<sup>3</sup> Tendo em consideração o termo Domínio Público tem um significado muito distinto do pretendido, optou-se por utilizar a expressão original '*Public Domain*'

### 3.2 O Universo de Espaços de Uso Público

*O mundo da sobremodernidade não tem as medidas exactas daquele em que queremos viver, porque vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Teremos de reaprender a pensar o espaço.*

Augé, 2005:34

A dimensão pública da vida urbana dispersou-se pelos novos espaços de uso público, que se interligam constituindo um corpo orgânico de fluxos e confluências, formado por espaços variados, em dimensão forma e uso.

Segundo Hajer e Reijndorp (2001), pode-se falar actualmente num consumo selectivo de espaços, ou seja, tirando partido da mobilidade e da grande diversidade de escolhas, o indivíduo pode determinar de que espaços pretende usufruir em detrimento de outros. É de referir que, em termos sociais, esta transformação enfatiza as situações de isolamento entre as pessoas com menor mobilidade, quer por problemas financeiros quer por problemas físicos.

Como resultado, alguns espaços dentro do tecido urbano tendem a ficar vazios de vida, e o sistema de espaços públicos a ficar com espaços ociosos. Ou seja, o sistema tornou-se muito heterogéneo em termos de distribuição de população e passou a ter pontos preferenciais de confluência, muitas vezes nos denominados espaços de uso público.

Este facto é especialmente evidenciado em alguns espaços tradicionais no centro das cidades, como por exemplo em zonas outrora residenciais, e posteriormente sujeitas a uma terciarização. Nestas zonas, as ruas, as praças e os pequenos jardins, encontram-se ao anoitecer e ao fim de semana, quase desertos.

Por outro lado, nas zonas suburbanas onde o edificado se desenvolveu sem nenhum planeamento eficaz, os espaços públicos surgem frequentemente como um conjunto não articulado de espaços sobrantes, com pouca capacidade de atracção.

O pessimismo que ensombra o espaço público é gerado pelas dicotomias artificiais: centro da cidade/periferia e espaço público/espaço de uso público. Se olharmos a cidade e a periferia como um todo descobrimos um conjunto de inúmeros espaços públicos e espaços de uso público, que competem e simultaneamente se complementam, onde se pode encontrar diferentes modos de usar e viver o espaço.

A percepção desta realidade e o aprofundamento das capacidades do seu funcionamento como um sistema permite um melhor planeamento e gestão dos espaços, públicos e de uso público existentes.

### 3.2.1 Tendências estruturantes do espaço de uso público urbano contemporâneo

Marteen Hajer e Arnold Reijndorp consideram que as três grandes tendências que actualmente estruturam o espaço de uso público; são o funcionalismo, a estetização e uso não inclusivo.<sup>4</sup>

#### O funcionalismo

Como resposta à mobilidade existente e à rivalidade gerada entre espaços, desde há muito surgiu uma tendência para os espaços de uso público estarem essencialmente dominados por uma função programada, atraindo uma grande diversidade populacional.

O comportamento é programado pelo funcionamento, e conjuntamente com o desenho e a gestão do espaço permite um uso colectivo, por vezes de grande densidade, de diversos grupos, com uma diminuta probabilidade de conflito e confronto entre utentes.

Estes espaços normalmente não necessitam de ter significado histórico nem de evocar memórias, não são objecto de apropriação, são locais funcionais para responder a uma missão específica, num tempo específico.

A prioridade dada ao controlo e à gestão de grandes quantidades de pessoas que afluem a um determinado local, dita em larga medida a disposição do espaço e o seu desenho. A funcionalização, nos aeroportos, nas interfaces de transportes, é essencial para o funcionamento eficaz destas megas estruturas. Obviamente que a qualidade da experiência do indivíduo-passageiro não é um objectivo principal, mas sim o conforto e o bem-estar dos passageiros como um conjunto.

Os espaços temáticos (como por exemplo jardim zoológico ou oceanário) e museus, atraem geralmente mais gente e mais variada do que um espaço público tradicional, mas são completamente dominados pela funcionalização. As pessoas encontram-se muito perto umas das outras, mas não há atritos. A sofisticação da política de animação dos espaços, com grande *know-how* acerca da criação e gestão de ambientes onde as pessoas se sentem bem, permite a gestão de conflitos latentes e a regulação de comportamentos despadronizados.

É importante destacar, uma nova dinâmica nos usos dos espaços, baseada na facilidade de mobilidade da população, os denominados territórios lúdicos, ou seja, lugares/cenários edificados de raiz para serem usados como espaços de entretenimento e consumo programado. Esta lógica aplica-se à praia,

---

<sup>4</sup> tradução do termo *parochialization*

à montanha e ao campo, e cada vez mais, à cidade, e enquadra-se numa crescente 'industrialização' do uso dos tempos livres (Baptista,2005).

De igual modo se pode falar das cidades históricas em que há frequentemente percursos para conduzir o visitante, abreviando "o que não interessa", resumindo a cidade a meia dúzia de locais de interesse turístico.

Os centros das cidades viram-se para o mercado do turismo, sendo essencial para tal uma rua mais segura; aumenta-se a iluminação e a vigilância, organiza-se e simplifica-se o espaço.

O desenho e a gestão do espaço público têm actualmente como um dos objectivos principais atenuar potenciais conflitos. A ludificação de rua é utilizada como estratégia para tornar o espaço público atraente para um público diverso, que ao optar entrar na função promovida, comporta-se segundo as regras. Não existe margem para uma apropriação exclusiva.

As vantagens da funcionalização ou mesmo tematização de grandes espaços são óbvias e adaptam-se à sociedade moderna, em que para muitos o tempo é um bem escasso, e usufruir um espaço sem uma missão clara não é concebível.

A questão que se coloca é se as pessoas se relacionam, se existe interacção com os outros neste tipo de ambiente. O facto de haver a segurança por vezes promove contactos fortuitos, mas o facto de ser um espaço de anonimato onde há pouca probabilidade de reencontro, gera trocas pouco significativas em termos de relações entre diferentes grupos sociais.

O facto de serem frequentemente espaços privados de uso público, ou/e espaços pagos normalmente com fortes sistemas de segurança, implicitamente ou explicitamente, não promovem a entrada do indivíduos marginais.

A localização de espaços estudados para atraírem muito público é frequentemente periférica e dependente de transportes motorizados. Além de inviabilizar o acesso a uma franja da população com menos mobilidade, a sua potencial capacidade de dinamização do tecido urbano envolvente é desperdiçada.

Se um espaço urbano funcional e de atracção de um público diverso estiver integrado num tecido urbano, e se for acessível por transportes públicos, do lado de fora do espaço podemos ter um espaço vivo, acessível a todos, onde de se podem gerar dinâmicas alimentadas pelo grande fluxo de pessoas.

### **Uso não inclusivo**

A tendência para uso não inclusivo do espaço público, ou seja, a apropriação por determinado grupo, determinada tribo urbana em exclusivo, é visto por alguns autores como a razão mais importante para o

declínio, ou mesmo o fim, do espaço público com espaço de encontro e partilha, entre diferentes grupos.

Como já referido, as pessoas cada vez mais criam e geram a sua própria cidade, montando-a a partir dos espaços urbanos e infra-estruturas disponíveis no território, frequentando os eventos, festivais, escolas e lojas que de acordo com a sua identidade, evitando outros locais. Ou seja, diferentes grupos na sociedade seguem diferentes caminhos através do tempo e do espaço.

O aumento do número e diversidade de espaços disponíveis, acessíveis por uma grande mobilidade, associado a mudanças nas estruturas familiares, e a uma sociedade cada vez mais polarizada em termos económicos, gera para muitos uma sensação de insegurança. A mudança na vivência do território está a ser muito rápida. A incerteza e a instabilidade geram medo e a sensação de vulnerabilidade (Snyder 2000).

Segundo Francesco Indovina (2001), a percepção de se estar menos seguro não deriva do aumento do número de actos mas sim do facto da questão da falta de segurança ser um assunto recorrente no debate político e cultural sobre a cidade, fazendo aumentar a sua percepção subjectiva. Segundo este autor a falta de segurança, como situação colectiva, é uma construção social que espelha a situação de desconforto de uma parte da população devido a políticas económicas liberais. A intolerância perante as diferenças culturais e económicas, geram incompatibilidades que diminuem a coexistência entre diferentes grupos sociais.

Um exemplo de resposta, muito actual, é a proliferação de condomínios privados. Estes permitem um uso do espaço exterior, normalmente verde, por uma população limitada, economicamente homogénea, seleccionada. Os pais sentem segurança para deixarem as crianças e jovens usarem o espaço exterior, sem o perigo de encontros indesejáveis e normalmente sem o perigo do trânsito.

Com a difusão deste tipo de segmentação, surgem custos sociais para os que ficam do lado de fora; reduz o número de espaço público partilhado, espaços de encontro (Snyder 2000).

Neste contexto é de destacar duas forças proeminentes na produção e vivência do espaço; a necessidade de evitar confronto, ou seja o medo de vivências negativas, e o crescente consumo de experiências culturais.

Assim, quando as pessoas percorrem o espaço público querem estar em paz, não querem ter receios, não querem ter que estar em alerta. Este desejo vai sendo satisfeito em diferentes esferas da vida pública; ao nível da habitação pelos condomínios, ao nível do trabalho pelos ninhos de empresas, e obviamente ao nível dos transportes pelo o uso massificado do automóvel.

Quanto ao consumo de experiências culturais, é um fenómeno que se tem reproduzido nos últimos anos, insere-se numa sociedade onde a afirmação pessoal dentro de um grupo passa em parte por frequentar, acompanhar as experiências culturais relevantes para esse grupo.

Outro factor a salientar gerador de espaços de uso não inclusivo é quando, no âmbito de algumas políticas de urbanização, são criados pequenos espaços com o intuito de promover uso do espaço exterior e as relações de vizinhança em novos núcleos habitacionais. Estes espaços surgem frequentemente entre o edificado, dentro do quarteirão, separados da via pública no sentido de serem mais intimistas ou mais seguros para as crianças.

Segundo Brandão Alves (2003) é esta filosofia do “enclave” um dos problemas fundamentais mais perceptíveis no desenho urbano; numa tentativa de recriar o sentido de urbanidade geram-se espaços enclausurados.

Os espaços de estadia e convívio, sobretudo os de pequena dimensão, ao serem apropriados por um grupo são implicitamente ou explicitamente menos tolerantes com o uso deste mesmo espaço por outros, sobretudo por pessoas de um grupo social diferente.

A dispersão dos diferentes espaços, como o parque infantil, o campo de jogos, um espaço com mesas, ou o espaço verde, limitam contactos entre diferentes faixas etárias, proporcionam associada à privacidade e ao sossego, isolamento e insegurança.

Por vezes verifica-se em bairros sociais com menor poder económico e em que a mobilidade é mais reduzida, que os espaços exteriores próximos tendem a ser mais utilizados. Existem situações de espaços territorializados, por vezes por grupos não permissivos.

Nesta realidade de espaço público como uma colecção de espaços que são apropriados por grupos específicos, cultural e politicamente, dificilmente ocorre uma coexistência entre diferentes grupos, e uma apropriação partilhada.

### **Estetização**

A par de um interesse renovado pelo espaço público sobretudo a partir 1980, intensifica-se a atenção às características estéticas do espaço. O *design* tornou-se a solução mágica para uma série de problemas; desde a melhoria da imagem da cidade até à resposta a diversas faltas de vivência pública em certas zonas da cidade (Hajer e Reijndorp 2001).

Considera-se que inadequadamente o *design* ganhou um papel extremamente activo nas estratégias da política cultural, gerando respostas superficiais aos problemas. A lógica de embelezamento da

cidade, da limpeza e organização do espaço público, tem como base que um sítio limpo, novo e ordeiro é mais convidativo ao uso.

O fenómeno do *design* desenvolveu-se, de um modo genérico, em torno de objectivos estéticos, sem se prender a conteúdos éticos ou a significados existentes.

Assim, frequentemente o *design* remove signos e significados de um espaço particular, em vez de ter um papel activo na dinamização de novos sentidos, na reinterpretação dos sentidos existentes.

Dentro da cidade por vezes a tentativa de salvar os centros históricos em termos do património edificado e revitalização turística, ameaça a existência espaços de coexistência e troca entre grupos sociais. A existência de uma população economicamente desfavorecida associada por vezes a uma forte apropriação do espaço, não se encaixa nos conceitos de homogeneização e tematização, tão frequente na dinamização turística. Há, por vezes, uma tentativa de 'guardar um espécimen' de espaço 'original', delimitado e controlado acabando por ser apenas uma imitação do verdadeiro (Hajer e Reijndorp 2001).

A relação com a história que se vive nas nossas vilas e nas nossas cidades, corre o risco de uma estetização que conduza a uma artificialização, com perdas ao nível da vivência social do espaço, do habitante. Os centros históricos estão a transformar-se em museus (monumentos rebocados, expostos, iluminados, sectores reservados e ruas pedonais) ao mesmo tempo que os desvios, auto-estradas, comboios de grande velocidade e vias rápidas nos afastam delas (Augé 2005).

A atribuição de novos significados a espaços pré-existentes resulta por vezes numa tematização do espaço, numa formatação do espaço adaptando às exigências do turismo, gerando perda de diversidade.

*A multiplicidade de significados originais é então geralmente reduzida a um: o da brochura promocional..*

Hajer e Reijndorp, 2001:37

A intervenção na cidade não deve ser sinónimo de estetização; pelo contrário deverá ser fruto de uma política coordenada para o desenvolvimento.



### **3.2.2 O espaço público exterior na cidade contemporânea**

#### **3.2.2.1 Diferentes tipologias**

Num quotidiano invadido por ambientes funcionais, seguros e limpos, será que ainda faz sentido associar os principais espaços de utilização pública à rua, à praça ou ao jardim?

As tipologias tradicionais e a linguagem a elas associada, permitiam uma leitura clara da cidade. Por exemplo, tradicionalmente as praças distinguiam-se da rua não só pela forma mas pelos significados e usos a elas associados. Nas décadas recentes, a sociedade urbana mudou radicalmente; não apenas socialmente mas também no que diz respeito ao sentido do espaço.

Por inúmeras razões, a relação entre formas e significados se tem vindo a perder. Uma delas é o facto de a tipologia de leitura clara se ter diluído com a cidade moderna. Outra é a diluição de fronteiras, a nível de espaço exterior, entre espaço público e espaço de uso público.

Apesar de tudo, considera-se que o espaço público no território urbano é um espaço com uma potencial dimensão social única, para muitos o único local onde a essência da vivência urbana pode ser atingida, favorecendo a emergência da urbanidade.

Deste modo aborda-se sinteticamente as três tipologias principais de espaço público urbano; a rua, a praça e o jardim.

#### **A rua**

A rua, independentemente da sua morfologia, constitui um suporte por excelência às movimentações e deslocações.

Em Portugal, onde não existe a tradição da praça urbana, coube à rua o papel de lugar de encontro social e de troca de bens, o que foi hoje dissipado pelas transformações culturais, económicas e demográficas (Alves 2003).

Segundo Brandão Alves (2003), o aumento de formas de tráfego, e do seu volume tende a abstrair a forma mais óbvia de comunicação - ir de um lugar para outro; perdeu-se a noção de rua como veículo essencial de comunicação e como componente mais importante da estrutura urbana.

A eliminação de espaços de transição entre o particular e o público, é uma das características da rua do sec. XX, anulando espaços ricos em interacções sociais. A inexistência na cidade moderna de arcarias, portais, alargamentos e estreitamentos de rua, é um exemplo disso (Alves 2003).

A concepção modernista da cidade, como produto das funções urbanas dominadas pelos transportes, associada às transformações culturais, económicas e funcionais da rua, privam a mesma do seu papel vocacional e do seu significado (Alves 2003).

A dinâmica do comércio de rua e o controlo do seu tráfego são condições vitais, para uma diminuição de fenómenos de abandono da mesma e permitir a vitalidade desta como local de encontro.

## **A praça**

A praça é tipicamente um espaço pavimentado, fechado por estruturas densas, e rodeado por ruas, ou em contacto com as mesmas.

Segundo Guillén Martínez (in Low 200), a praça por si só, limitada no espaço pelos quatro lados, é a mais sublime expressão de vida social alguma vez atingida pelo génio da arquitectura e planeamento humano da cidade. A simplicidade do espaço é claramente um convite à liberdade social e moral das pessoas. Da Matta considera a praça como a metáfora da cosmologia urbana. (Low 2000)

A praça como centro de actividade numa área urbana, surgiu espontaneamente em diferentes partes do mundo. A praça rectangular surge com o aparecimento da cidade planeada.

A praça na Idade Média é um exemplo de concentração da vida social urbana. Normalmente no centro da cidade, a praça concentrava as actividades exteriores: o mercado, as festas, os encontros, as trocas de informação, as comunicações oficiais, e até as execuções. Em determinadas regiões, esta função da praça mantém-se na maioria dos seus aspectos.

Ao longo do tempo, nas grandes urbes, sobretudo em regímenes não democráticos, a grande praça surge como palco de demonstração de poder, é um espaço para ser visto, atravessado, mas não vivido, sendo reservado às praças secundárias as funções não políticas. Ao longo do tempo dissocia-se a praça formal, simbólica, da funcional.

Segundo Brandão Alves (2003) na cidade moderna Europeia, o papel da praça decaiu – praticamente toda a vida pública realiza-se em recintos fechados e espalhados pela cidade. A praça converteu-se num lugar de passagem/atravessamento ou de encontro momentâneo, mas raramente local onde se perpetuam actividade. Eventualmente ocorrem manifestações, concertos, exposições, etc .- mas desvinculadas das qualidades próprias da praça.

Pelo significado histórico, pela memória colectiva, as grandes praças mantêm a sua função na cidade. São grandes espaços vazios, ociosos em cidades cada vez mais densas. A praça secundária, o espaço aberto funcional surge assim presentemente como um elemento a redefinir no espaço urbano.

A praça como espaço de interacção de pessoas, grupos étnicos, diferentes classes sociais, está a desaparecer na sociedade moderna. A sua desagregação funcional, e a ausência de utilizadores daí resultante, origina fenómenos de insegurança, reforçando a tendência de abandono do espaço.

O encontrar novos usos e a valorização de usos existentes, o aproximar o espaço da população actual é essencial para a sua revitalização.

### O Jardim Público

Devido à grande diversidade morfo-tipológica do espaço verde na cidade, e pelas diferentes origens do mesmo dentro da cultura ocidental, a definição de jardim público integra-se num conjunto mais lato que são os espaços verde urbanos.

Os espaços verdes urbanos incluem desde o parque urbano, com uma forte expressão em termos de área, às zonas intersticiais verdes, com ou sem, equipamento ou mobiliário urbano.

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001) o jardim público é um terreno situado num local público geralmente fechado por muros ou grades, onde se cultivam árvores, arbustos, flores e plantas ornamentais. Segundo o mesmo dicionário o conceito de parque público é "jardim público arborizado".

Acrescenta-se ainda que o Jardim público é um espaço de dimensão variável cuja matéria e revestimento principal é o material vegetal sendo concebido para um uso mais intenso nas áreas pavimentadas. Está normalmente associado ao espaço próximo do edificado.

Dentro dos diversos espaços públicos, o jardim público é um dos espaços onde é mais socialmente aceitável estar. Estar sem intuito de consumir bens, estar sem objectivos funcionais claros.

No estudo "Condição social, Ambiente urbano e qualidade de vida na Metrópole de Lisboa" (Ferreira e Castro., 2000), os jardins, as praças e largos destacam-se como os locais que os inquiridos deste estudo privilegiam como locais de encontro. Os jardins e os parques são evidenciados como os locais preferenciais de passeio, sendo-lhes associado o prazer estético e o factor permanência. Os autores concluem também que o jardim é o lugar mais frequentemente privilegiado pelos inquiridos para desempenharem qualquer uma das funções atribuídas ao espaço público, localizado de preferência na envolvente do local de residência.

Com a evolução da cidade e da sociedade no sec. XX, com diversos tipos de abordagem ao planeamento, ou por ausência dele, o jardim público ficou frequentemente reduzido a zonas verdes, quantificadas por metro quadrado e até em número de árvores em tempo de eleições. Frequentemente

é no espaço sobrando do construído, que surgem estas pequenas zonas verdes, equipadas com uns bancos e umas mesas, ou por pequenos parques infantis.

Estes espaços surgem como resposta a índices de construção impostos, ou a partir da obrigatoriedade das zonas verdes e de espaço cedido para equipamento. Da dispersão, do acaso raramente surge espaço público convidativo ao uso, à estadia, à coexistência.

A desagregação funcional do jardim público, e a ausência de utilizadores daí resultante origina fenómenos de insegurança, reforçando a tendência de abandono do espaço.

O jardim público na cidade contemporânea, é um espaço com uma potencial dimensão social única. Segundo Ward Thomson (2002) este é um dos espaços na sociedade moderna onde a possibilidade de interagir com estranhos é maior.

### **3.2.2.2 A sociedade urbana e a vivência do espaço público**

Na sociedade contemporânea, o espaço público, é frequentemente palco de manifestações de diversidade entre grupos sociais, característica que o distingue da maioria dos restantes espaços exteriores de uso público. Actualmente, mais do que esperar a homogeneidade procura-se entender a diversidade de atitudes e expressões dentro da sociedade e responder à diversidade das necessidades existentes.

Segundo Sennet (1979 in Castro 2002) é esta liberdade, esta transparência, esta exibição da personalidade e da vida privada, este individualismo ou mesmo egocentrismo na vivência do espaço público, que levam ao declínio do espaço público na sua potencial dimensão social. Na sociedade contemporânea estão a desaparecer os papéis sociais definidos e os rituais sociais que geriam as relações no espaço público.

Considera-se assim que o espaço público exterior contemporâneo existe numa tensão entre duas concepções do que é o espaço público ideal:

Por um lado existe o conceito de espaço público como espaço democrático, local público impar de expressão da liberdade individual, espaço de todos, e por isso frequentemente de ninguém. Por vezes espaço de moda, muito usado, atraindo pessoas variadas, com uma grande diversidade de coexistência social. Neste tipo é importante transmitir a imagem do belo, seguro e limpo, de modo a promover a sensação de segurança entre os diversos frequentadores, necessitando deste modo de maior e mais visível controlo.

Por outro, existe a concepção do espaço público onde potencialmente a liberdade existe, mas que por conveniência, para bem do uso comum e para limitar situações de conflito, essa liberdade não é totalmente expressa. Espaço onde alguns se sentem em casa e outros não. Onde na realidade não são todos iguais, e o espaço “pertence” aos grupos que o usam com frequência e se apropriam dele. Ou seja, espaços onde existe um controlo social, que segundo Indovina (2001), representa frequentemente uma limitação à liberdade individual.

A partir da heterogeneidade da cidade e da sua diversidade cultural e funcional, na sociedade actual, o primeiro espaço público descrito não tende a induzir relações entre pessoas, ou a trocas substanciais, há apenas interpenetração cultural visual entre grupos. Na realidade quem o frequenta normalmente não quer ser interpelado por ninguém, quer viver o seu tempo livre em paz, com quem escolhe, à sua maneira.

Quanto ao segundo tipo de espaço, apesar de aparentemente menos “urbano” no sentido da cidade enquanto espaço de liberdade individual, de tolerância, menos actual no sentido em que a cidade/território urbano é vivido, pela vinculação dos seus utilizadores ao espaço, pela frequência de uso, perante a coexistência de diferentes grupos sociais existe uma maior potencialidade de gerar interrelações mais sólidas entre diferentes grupos sociais. Existe menos medo de abordar e ser abordado num espaço onde parte dos seus frequentadores se conhecem ou reconhecem.

Esta constitui a grande diferença entre o espaço atractivo para grupos sociais muito diversos, como por exemplo um parque nos subúrbios, onde cada um o vive, só ou com os seus, sem uma identificação de um grupo dominante, e o espaço usado com frequência por grupos menos diversos, um espaço mais apropriado, mais amado, mas frequentemente menos tolerante, como por exemplo um espaço público de bairro.

Os espaços públicos frequentemente existem entre estas duas concepções, no fundo entre a tensão do global e do local. Não representando uma realidade estática, variam em termos de vivência ao longo do tempo, por vezes consoante o dia da semana ou mesmo da hora.

A percepção de segurança, ou seja, a noção de uma cidade segura, é um factor determinante para o uso do espaço público.

Indovina (2001) propõem, para melhorar a percepção de segurança e conseqüentemente a coexistência sócio-espacial no espaço público, que é essencial aumentar o *limiar de tolerância* (nível de tolerância que torna aceitável as manifestações individuais ou de grupo) e o nível de *comportamento cívico* (a qualidade do que deve ser tolerado).

O autor considera o limiar de tolerância como o resultado convergente de dois fenómenos: de um lado a situação objectiva da segurança, de qualidade de vida da cidade e de "civismo" da população; por outro lado a sensação que o conjunto da população tem de viver em segurança.

Em relação ao comportamento cívico, Indovina (2001) salienta que não se pretende colocar barreiras na "liberdade do individuo" e na sua "livre expressão", mas somente recordar que a liberdade individual deve ser de todos e que, por isso, a livre expressão da própria individualidade não deve lesar a liberdade dos restantes.

*"Talvez se possa propor um conceito e comportamento que podemos definir de "controlo civil", em que todos exerçam uma acção sobre todos mas com a garantia da liberdade de cada um . Um controlo interessado, por um lado, em defender a convivência e, e por outro, em garantir a livre realização individual. Não mais vigilância, não mais indiferença, mas antes de mais atenção."*

(Indovina (2001) :30)

Ou seja, não se propõe mais policiamento como resposta à indiferença, nem um maior controlo/vigilância social, mas antes uma forma de controlo e equilíbrio mútuo que associada à tolerância, garanta da melhor forma a liberdade de todos.

## 4 O Lugar Público

Dentro do universo de espaços públicos exteriores, pretende-se neste capítulo abordar aqueles que concentram em si relações com significado entre diferentes grupos sociais, e entre estes e o espaço. É proposto o conceito de Lugar Público.

A compreensão do conceito de lugar e o entendimento dos modos como se processa o comportamento no espaço público são essenciais à compreensão do conceito de Lugar Público.

### 4.1 O Lugar

O espaço público surge configurado na cidade não só pelas suas características físicas mas também pela dimensão sócio-espacial. A relação com significado que o indivíduo, ou grupo social, estabelece com o espaço físico, confere "alma" ao espaço, transforma-o num lugar. Em que consiste o conceito de lugar?

As abordagens teóricas do conceito de lugar são extremamente diversificadas. Segundo Williams e Vaske (2003), a Sociologia, por exemplo enfatiza como os significados simbólicos de um local influenciam o contexto social das interações humanas. A Antropologia procura o significado do lugar no dia-a-dia. A Geografia Humana tem explorado o 'sentido de Lugar' muito semelhante ao conceito de 'vinculação ao Lugar' desenvolvido pela psicologia ambiental.

Dependendo da disciplina ou subdisciplina, «o lugar» é visto como essencialmente físico, social, cognitivo, comportamental, cultural, temporal e/ou espiritual.

Como vimos, para diversos autores o conceito de espaço público aproxima-se do conceito de lugar.

Às vantagens da multidisciplinaridade do conceito, alia-se o reverso, ou seja a desvantagem de apresentar diferentes significados enfraquecendo a sua definição operacional, e tomando-o por vezes um conceito enganador (Speller 2005).

No intuito de criar uma definição global e coerente do conceito de lugar, Gustafson, estudou diversas investigações teóricas e práticas com diferentes perspectivas de lugar. Assim identificou três grandes factores; o eu, os outros e o ambiente, como essenciais para entender os diferentes significados de lugar (Gustafson (2001) in Ponzetti 2004).

### 4.1.1 Lugar e significado

*Em nome de quê iríamos nós amar a Pátria, Lua ou a Torre de Belém? Ou uma rua, uma casa, um bairro, uma cidade ou uma paisagem? (...) Não amamos ou desamamos lugares, coisas, paisagens. Amamos ou desamamos o significado delas para nós como representantes dos nossos investimentos que por seu turno bem podem ser outras representações de outros representantes, uma complexa cadeia de constructos entrelaçados»*

(Soczka 2005 :9).

Os processos individuais de compreensão do espaço envolvem basicamente a recolha da informação, o seu processamento e avaliação. A recolha de informação pelo indivíduo é feita de forma selectiva, adaptando, restringindo o seu campo de percepção, de acordo com a interacção das suas características com o meio (Lima 2000).

A avaliação da informação é algo complexo e individual. A avaliação associa-se ao significado do espaço, isto é, a uma ligação funcional ou/e afectiva do indivíduo ao espaço.

Deste modo, quando estabelecidas ligações entre pessoas e espaços estes passam a ter um significado. O utilizador, e a sua relação com o espaço concentra em si o cerne do que é o lugar.

Os comportamentos interpessoais na relação bilateral com um espaço, constituem os processos sociais de compreensão do espaço.

Desta relação bilateral indivíduo/grupo social e ambiente físico surge o lugar. O uso e a compreensão de um meio físico reproduzem a expressão de um contexto histórico e cultural, representando a própria identidade do espaço.

No sentido individual o significado associa-se normalmente a uma ligação afectiva e a um propósito funcional do espaço. Embora a um nível micro, cada indivíduo cria o seu lugar e actua no lugar assim produzido.

No sentido de grupo, este objectiva o próprio espaço, dando-lhe um significado especial através das características próprias do grupo: consciência comum do grupo social, regras de comportamento e possibilidade de interacção. A consciência comum do grupo social consiste na memória histórica, tradição, ideologia, cuja imagem física ou exterior representam as regras de comportamento que conjugam valores comuns, desenvolvimento tecnológico e económico, leis e modos de coexistência em grupo. O grupo social e os seus elementos dão sentido ao espaço, convertem-no em lugar (Muntanõla *et al* 2001).

Cada espaço, ao longo do tempo ganha novas relações, novas funções, em determinado contexto histórico, socio-cultural, transformando-se em novos lugares, acumulando em memória colectiva e individual os antigos lugares.

As características dos grupos sociais são evolutivas, ou seja, contêm uma componente temporal. Sendo o lugar a expressão física, sinal e imagem do grupo social, o significado deste modifica-se, levando à necessidade do espaço se transformar (Muntanõla *et al* 2001).

O significado que alguns lugares particulares têm para aqueles que aí habitam, lugares familiares, é importante para entender as suas escolhas e vontades das pessoas. Estes locais adquirem frequentemente um significado emocional muito especial. A interacção quotidiana que ocorre neste cenário cria uma vinculação ao lugar (Ponzetti 2004).

### **Apropriação, Identidade de Lugar e Vinculação ao Lugar**

Os conceitos Apropriação, Identidade e Vinculação embora distintos surgem interligados e complementares constituindo modos de expressão da relação com o lugar.

O conceito de apropriação foi introduzido por Hegel e desenvolvido por Marx durante o sec. XIX. (Speller 2005).

Graumann (1976, p.124 in Speller, 2005) afirma que *a apropriação individual é essencialmente a interiorização dos significados definidos socialmente, um processo que é equivalente ao processo de humanização.*

Posteriormente, Graumann (1988 p.55 in Speller 2005) afirma *“apropriação é mais do que aquisição, é manutenção, que em regra, significa trabalho, principalmente do tipo físico”,* ou seja, a apropriação é maior quando há participação, reduzindo a alienação e promovendo vinculação ao lugar.

Segundo Speller os aspectos de vinculação ao lugar são: um sentimento de segurança; um sentimento de autonomia; o desejo e a capacidade de se envolver na apropriação; um nível óptimo de estimulação interna e externa; e a congruência do lugar.

Simultaneamente, dentro da psicologia, onde a noção de lugar mais se desenvolveu, surgem várias discussões sobre o conceito de “identidade de lugar”.

Introduzido por Proshansky e colegas<sup>5</sup>, o conceito de “identidade do lugar” vem despertar o interesse da parte de diversas disciplinas por esta temática, surgindo vários investigadores a tentar integrar o conceito de lugar num modelo de identidade, reconhecendo que o lugar é, mais que o contexto, é uma parte integrante do processo identitário.<sup>6</sup> (Speller 2005).

<sup>5</sup> em três artigos (Proshansky (1978), Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) e Proshansky e Fabian (1987).

<sup>6</sup> Como por exemplo, Korpela, 1989; 1992; Guilian, 1991; Twigger, 1992; 1994; Twigger & Breakwell, 1994; Twigger-Ross & Uzzel, 19996; Skantz, 1997 e Devin-Wright & Lyons, 1997).

Speller (2005) sugere que o tempo é uma referência primordial, no que respeita á identidade do lugar e á vinculação ao lugar, ou seja, a relação entre passado, presente e futuro, entre a memória, a experiência e a expectativa.

Para esta autora a vinculação ao lugar é um contributo crucial para a identidade, orientando e motivando o comportamento, as cognições e as avaliações, de modo a atingir-se uma identidade positiva.

#### 4.1.2 O Lugar antropológico

É dentro do psicologia que o conceito de lugar mais se desenvolve vindo posteriormente a despertar o interesse por parte da sociologia e antropologia para esta temática.

Marc Augé cria dois conceitos opostos, complementares, e que simultaneamente se interpenetram; o lugar antropológico e o não-lugar.

O conceito de lugar antropológico surge em função da existência de significado do território para a sociedade que o usufrui. Em oposição, o conceito de não-lugar surge da ausência de significado.

O lugar antropológico é uma construção concreta e simbólica do espaço; é simultaneamente princípio de sentido para os que o habitam e princípio de inteligibilidade para aquele que o observa (Augé 2005), *'é a ideia materializada que aqueles que o habitam fazem da sua relação com o território, com os que lhe são próximos e com os outros'* (Augé, 2005 :49).

O lugar antropológico está associado a memórias, mitos e acontecimentos. A escala do lugar antropológico é variável, mas existem pelo menos três caracteres comuns: Serem *identitários, relacionais e históricos* (Augé 2005).

O lugar é identitário no sentido em que o local de nascimento ou/e crescimento é constitutivo da identidade individual. O plano da casa, as regras da residência, os quarteirões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte do território, correspondem para cada individuo a um conjunto de possibilidades, de prescrições e de interditos cujo conteúdo é ao mesmo tempo espacial e social' (Augé 2005).

O lugar relacional no sentido em é a situação do indivíduo numa configuração de conjunto e de partilha de identidade conferida pela ocupação de um lugar comum.

O lugar é histórico no sentido em que possui uma determinada estabilidade, conjugando a identidade e a relação (Augé 2005). Segundo Augé o habitante do lugar antropológico vive na história.

*... o dispositivo espacial é ao mesmo tempo aquilo que exprime a identidade do grupo (as origens do grupo são com frequência diversas, mas é a identidade do lugar que o funde, o reúne e o une) e aquilo que o grupo deve defender contra ameaças externas e internas para que a linguagem de identidade conserve um sentido.*

Augé, 2005 : 41

A identidade, a relação e a história estão no âmago do estudo do espaço pela antropologia.

Em oposição ao conceito de Lugar, surge o conceito de não-lugar. Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não se pode definir-se como identitário nem com relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar. Tal como o lugar, o não lugar nunca existe numa forma pura. (Augé 2005).

Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada de pessoas e bens (vias rápidas, nós de acesso, aeroportos) como os meios de transporte ou os grandes centros comerciais.

A sobremodernidade, ao nível do espaço, gera modificações físicas consideráveis: concentrações urbanas, transferência de populações resultando numa multiplicação dos denominados 'não-lugares'. (Augé 2005)

A experiência do não-lugar é indissociável de uma percepção mais ou menos clara da aceleração da história e do estreitamento do planeta. Tanto nas expressões mais modestas como nas mais luxuosas, o não-lugar é hoje uma componente essencial a toda a existência social. (Augé 2005)

Assim, segundo Marc Augé, do mesmo modo que os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam contratualidade solitária.

Por outro lado redescobrir o não-lugar, escapando a coerção do lugar, ao peso da tradição, será com efeito, frequentemente, um passo libertador. O espaço do viajante seria assim o arquétipo do *não-lugar*. (Augé 2005)

No mundo de hoje, os lugares e os não lugares, emaranham-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente seja de que lugar for. O regresso ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares (Augé 2005).

## 4.2 O comportamento no espaço público

A existência do espaço público enquanto Lugar público está associada à existência num determinado espaço de interacção entre pessoas de diferentes grupos sociais. Estas relações surgem, pela coexistência espacial associada a algo leva à comunicação. Por vezes, existe o momento em que um simples olhar e um reconhecimento de um sinal comum, se transforma num acenar de cabeça ou num tímido cumprimento.

A coexistência espacial ou uso de um mesmo espaço não implica que exista Lugar Público, mas é um factor essencial para que este possa surgir.

Neste capítulo, aborda-se a teoria de Baker de 'Cenário de Comportamento'. Posteriormente, faz-se uma síntese da teoria de Erving Goffman sobre o comportamento no Espaço Público, tipo de interacções entre pessoas e entre pessoas e espaço, o indivíduo e a sua envolvência na situação.

### 4.2.1 O 'Cenário de Comportamento'

Em 1969, Roger Baker, com o intuito de estudar a qualidade dinâmica das relações entre pessoa e ambiente, formulou o conceito de *behaviour setting*, ou cenário de comportamento (Duarte, 1998).

O 'Cenário de Comportamento' consiste num sistema, limitado, auto-regulado e ordenado, de componentes humanos e não humanos que interagem de um modo sincronizado, gerando uma sequência de acontecimentos.

Baker conclui com as suas investigações que, num dado cenário, o comportamento varia menos entre pessoas do que entre cenários da mesma categoria, deduzindo que o estudo de um determinado cenário permite prever o tipo de comportamento que uma pessoa aí vai ter (Duarte 1998).

O significado do comportamento resulta da sua contextualização espacial e temporal específica. O contexto ganha significado por meio dos actores e das acções que aí se desenrolam. Porém a compreensão da influência dos cenários físicos no comportamento está sujeita à compreensão dos aspectos sociais. (Altman & Rogoff, 1987, Cassidy, 1997 in Duarte 1998)

O termo 'setting', ou cenário, actualmente tende a ser utilizado no sentido de ambiente, agrupando as características sociais e físicas envolventes, como também frequentemente a qualidade da experiência do indivíduo, ou seja, aproxima-se do conceito de lugar (Duarte 1998).

Por exemplo um jardim público constitui um cenário de comportamento, consistindo num sistema limitado, ordenado, caracterizado pelos seus componentes físicos e humanos, resultando numa série de actividades e comportamentos que aí se desenrolam numa sequência de acontecimentos normalmente previsíveis. A interacção social é um acontecimento muito importante no espaço público e, provavelmente, o mais difícil de prever.

#### 4.2.2 O comportamento e o tipo de interacção entre indivíduos

Mas o que é isso da interacção? Goffman no seu livro '*Human Behaviour in Public Spaces*' 1966, faz uma análise dos diferentes modos e diferentes fases de interacção entre pessoas e a sua relação com o contexto situacional onde a interacção ocorre. Embora a sua obra esteja claramente associada a uma cultura e a uma época (América, classe média, anos 60) com características de comportamento específicas, os conceitos da sua análise são intrínsecos ao ser humano que vive em sociedade.

Segundo Goffman quando as pessoas estão presentes com outras, elas conseguem funcionar não meramente como instrumentos físicos mas também como instrumentos comunicativos. Esta possibilidade existe para toda a gente e em todas as sociedades, rege-se por um estrito regulamento de normas, originado um tipo de conduta de comunicação.

O autor denomina a este tipo de regras "Propriedades Situacionais", ou seja as regras sociais que determinam as concepções e modos de partilha de cada indivíduo, para uma determinada envolvência.

Outros dois conceitos essenciais são os de a Interacção Não Dirigida (*Unfocused interaction*) e Interacção Dirigida (*Focused interaction*).

O comportamento comunicativo daqueles dos que estão perante os outros pode ser considerado de dois tipos, sequenciais ou não; o primeiro a interacção não dirigida, ou seja, o tipo de comunicação que ocorre quando retiramos informação através de um olhar (*glance*), normalmente quando o outro passa, numa reacção normal à sua mera presença corporal. Ou seja, em virtude da presença simultânea é inevitável que haja comunicação corporal, através da aparência física ou gestos. Este tipo de comunicação é adaptada pelo indivíduo a cada ocasião, cada público que tem em vista. Esta comunicação tende a transmitir a que grupo se pertence.

O segundo tipo de interacção ocorre quando as pessoas se juntam e cooperam abertamente em função de um mesmo foco de atenção, tipicamente conversando juntas. Ou seja a Interacção Dirigida tem a ver com a junção de indivíduos que têm entre si uma 'licença' de comunicação e suportam um tipo especial de actividade mútua.

A mais ligeira forma de Interação Dirigida (ou a mais intensa de Interação Não Dirigida) é a que resulta de uma troca de olhares. O denominado "Alheamento Cívico" (*Civic inattention*), destaca-se como a forma de expressão de rituais interpessoais entre desconhecidos que, constantemente, regula a interação social de pessoas em sociedade.

Como é que se processa o alheamento cívico? Olha-se o suficiente para mostrar ao outro que foi visto, que se aceita a sua presença, que é apreciado mas seguidamente retira-se o olhar para demonstrar que não é objecto de qualquer tipo de actividade inconveniente. Ou seja, comunica-se mutuamente que não se teme o outro, que não se tem vergonha de si próprio, do local ou da companhia, sendo que o comportamento de uma das partes normalmente gera automaticamente o mesmo na outra.

A subtilidade deste gesto, quando quebrada, é notada. Por exemplo, o olhar abertamente para mostrar desaprovação ou ódio, ou não olhar, no sentido de fazer sentir que os outros não existem. O olhar fixamente é uma invasão, é um modo de sancionar, recriminar, de exercer controlo. Em presença de pessoas portadoras de deficiência a falha no correcto Alheamento Cívico, é habitual, normalmente estes sentem-se expostos, excessivamente olhados, ou pelo contrário não olhados, como se não existissem. Os óculos escuros permitem olhar de forma indiscreta disfarçadamente.

O Alheamento Cívico pode ser considerada a cortesia mínima entre pessoas, no sentido em que corresponde tratar os restantes como participantes. As suas formas de expressão diferem entre culturas e sub culturas, grupos sociais e idades.

### **Encontro de circunstancia**

Outro grau de interação entre pessoas é a assumida forma de Interação Dirigida, o Encontro de circunstância (*Face engagement*). Segundo o autor, Encontro de Circunstancia compreende os momentos em que dois ou mais participantes numa situação se reúnem abertamente, mantendo uma actividade mútua, implicando direitos de conversação preferenciais.

Por exemplo, duas pessoas numa mesma situação podem associar-se uma à outra numa conversa. Este reconhecimento de uma actividade mútua é dos estatutos sociais mais abrangentes. Por exemplo, o estar a olhar pelas crianças num parque infantil, o alimentar pombos, passear os cães, ou mesmo o caminhar lado a lado num trajecto ou ficar sentado no mesmo banco. Entre crianças pequenas por vezes nem são precisas palavras.

Um Encontro de Circunstância desencadeia-se normalmente quando alguém expressa um movimento de abertura, seja esta uma afirmação, uma expressão de olhos ou um tom de voz. Embora o início propriamente dito se dê quando o outro participante o identifica, e reage de volta, seja por resposta de

olhar ou mesmo por um posição corporal que significa que está predisposto para uma actividade mútua.

Os Encontros de circunstância constituem uma unidade em termos de oportunidade de induzir algum tipo de intimidade social. Existe um consenso, uma definição partilhada da situação. Há um acordo em relação às percepções mais ou menos relevantes.

Quando existe uma tarefa envolvida, este tipo de encontro pode durar horas. Como por exemplo num jogo de cartas. Quando se trata de períodos mais curtos, sem uma actividade associada, os participantes fixam-se de diferentes modos, apenas por cumprimentos e troca de rituais interpessoais ou ainda de modo mais breve através de uma troca de olhar amistosos.

Segundo Goffman, quando a interacção acontece entre apenas dois participantes numa mesma situação temos uma Agregação Totalmente Dirigida (*fully-focused gathering*). Quando há mais de duas pessoas, algumas podem existir não estar tão comprometidas no encontro, logo temos uma Agregação Parcialmente Dirigida (*partly-focused gathering*). Quando há mais de três pessoas presentes, podemos ter uma Agregação com direcções múltiplas (*multifocused gathering*).

Cada pessoa participante pode ser considerada uma Unidade de Participação. Uma pessoa presente não participante no encontro é denominada Espectador (*bystander*).

A participação em determinado encontro, circunstancial ou não, fornece informação sobre o indivíduo para todos os presentes na situação global, ou seja, transmite informação suplementar para a denominada Interacção Não Dirigida. O estar com outros, permite uma caracterização e identificação imediata. Aplica-se aqui de algum modo a expressão: "Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és".

### **Porquê, e em que circunstâncias tendem a correr os encontros entre desconhecidos?**

Goffman considera como regra geral, que podemos afirmar que conhecidos numa situação social necessitam de uma razão forte para evitar o encontro, um com o outro, enquanto desconhecidos necessitam de um motivo para o fazer.

Em grande parte das situações, num espaço público os presentes têm uma aptidão, maior ou menor, para um potencial Encontro de Circunstância. Porquê?

Antes de mais, vamos considerar algumas circunstâncias em que os relacionamentos entre estranhos são permitidos, ou mesmo obrigatórios.

Existem pessoas que por diversos motivos tendem a ser abordadas. Por exemplo, um vendedor do quiosque, um porteiro, um vigilante ou uma recepcionista. As pessoas abordam-nos por um motivo

prático e facilmente ganham alguma intimidade. Por existir uma razão prática para iniciar a conversa, as distâncias sociais não são perturbadas.

Um padre ou um polícia, pelo facto de se supor que são pessoas disponíveis e pessoas de 'bem' também são abordados com frequência, para pedir informação ou ajuda. Também as crianças e os idosos tendem a ser considerados inócuos, disponíveis e abertos para serem abordados.

Actualmente, devido aos receios de rapto e abordagens de índole sexual, cada vez mais, o adulto, sobretudo se for homem, tende a ser receado se fizer uma abordagem a uma criança sem ser na presença imediata de um adulto que acompanhe o menor.

De um modo geral entre crianças, e adultos acompanhados por crianças, há uma clara aptidão para encontros circunstanciais.

Um estranho pode abordar um outro indivíduo para perguntar algo como também pode estar simplesmente a ser útil, e responder aos próprios interesses do indivíduo a quem se dirige, por exemplo, um estranho avisar que deixou cair algo ou que uma saída está fechada.

Existem igualmente locais de maior abertura (*open regions*), onde quaisquer pessoas sentem facilmente o direito de iniciar um Encontro de Circunstância entre si. Num espaço público, destacam-se os locais de equipamento infantil, onde os pais, ou porque estão lado a lado a observar as criança ou por que estão a brincar dentro do parque com elas, frequentemente se cumprimentam ou falam uns com os outros. Ambos têm um motivo comum para ali estar.

Quando há um espectáculo, uma animação excepcional num espaço público, cada indivíduo tem uma posição de espectador informal, colocando-se perto de outros para ver, gerando-se frequentemente nesta situação momentos fortuitos de comunicação.

Existem ainda os dias excepcionais de festa de rua, ou dias de grandes tragédias que geram um espírito colectivo, uma noção de existência de algo em comum entre os presentes, diluindo resistências.

Se há por um lado várias razões para o indivíduo se manter aberto para Encontros Circunstanciais, existem por outro, inúmeras para se manter em alerta; ao permitir a aproximação de outro, torna-se mais vulnerável. Em locais isolados ou de baixo controlo visual um encontro circunstancial pode ser um prelúdio para um assalto.

Mesmo sem ser numa situação extrema, quando um indivíduo está aberto para conversar com outro, torna-se susceptível, por parte do outro, a abordagens inconvenientes, abusos de confiança, como por exemplo, a pedidos, exigências de atenção, falsa informação.

A partir do momento em que o indivíduo fica a ouvir o outro, é criado um tipo de ligação de obrigação mútua, que pode ser utilizada no bom ou no mau sentido, ou seja, para objectivos lícitos ou não.

Cada situação, pelas suas características permite despoletar determinados tipos de encontro, e do mesmo modo pode afirmar-se que a existência de determinado tipos de encontros transmite, frequentemente, informação da situação como um todo.

Os espaços exteriores privados, como os jardins de um complexo turístico, garantem a segurança física dos seus utilizadores e pré selecção de um grupo de frequentadores, que ao escolherem aquele local e pelo facto de o poderem pagar, garantem a diminuição do risco de encontros circunstanciais não desejáveis.

Os espaços exteriores semi-públicos, como o de uma fundação, sendo pagos ou não, normalmente são vigiados, não sendo o local ideal para um assalto. Alguém detectado com um comportamento inconveniente será expulso e provavelmente terá a sua entrada vedada. Socialmente, este tipo de espaços permite uma grande diversidade de interacções, apesar de algo condicionadas, pois está implícito ou explícito, que existem regras a cumprir.

Podemos concluir que o espaço exterior público tem aparentemente maiores riscos, mas por outro lado permite interacções mais diversificadas. Apesar do indivíduo comum saber que tem deveres, tem bem presente que tem direitos, que pode agir fora das normas convencionadas se tal não for contra a lei, mesmo que não o faça.

Associada à vivência pública do espaço próximo existe, ou existia, a necessidade de uma certa solidariedade colectiva, que permite, ou permitia, juntar indivíduos de grande distância social. Esta solidariedade colectiva que induz à interacção entre pessoas é algo que para muitos se perdeu ou se está a perder na nossa sociedade em geral e nos indivíduos como utilizadores do espaço público.

### **Relações pessoais e relacionamentos**

*A pré-condição para que existam relações pessoais é que ambos os indivíduos reconheçam o que distingue o outro dos restantes e ambos saibam que o outro sabe disso. Surge uma ligação; ambos os indivíduos passam a ter direitos e deveres sempre que se cruzarem.*

Goffman, 1966: 113

Para tal é essencial que haja um Reconhecimento Cognitivo, isto é, um processo pelo qual o indivíduo "coloca" ou identifica o outro, pessoal ou socialmente, ligando a imagem daquele à informação que já

tem sobre ele. Como por exemplo, nome, profissão, filiação, biografia. Por vezes este reconhecimento pode apenas significar a colocação do indivíduo numa categoria genérica.

Para haver relações pessoais, deverá existir reconhecimento social, ou seja é necessário que os participantes se reconheçam uns aos outros cognitivamente, ou aparentem tê-lo feito. O reconhecimento social é o processo de estar aberto, receptivo a aceitar a iniciação de um tipo de ligação, como quando a resposta a um cumprimento ou um sorriso.

Este tipo mínimo de relação pessoal, ou seja de reconhecimento mútuo, é um aspecto base de qualquer tipo de relacionamento que se desenvolve à medida que ambos os indivíduos se interessam e vão ganhando mais conhecimento um do outro. Por diferentes motivos, há relações pessoais que se desenvolvem mais do que outras.

Segundo o autor, existe aparentemente um acordo tácito na condução da comunicação entre estranhos dentro do espaço público, com regras próprias, baseadas na necessidade de deduzir, (conscientemente ou não) o que o outro vai pensar de si. Ou seja, será que o outro o vai achar atrevido, inconveniente, aborrecido, ou mesmo bizarro? Existe o medo de se estar a forçar uma relação, de se ser rejeitado.

Existe o receio da abordagem ser tomada como interesse de índole sexual, ou seja, a mulher ser tomada com leviana quando aborda o sexo oposto e o homem como se tivesse "segundas intenções". Entre o mesmo sexo, existe a possibilidade de uma abordagem homossexual, e por vezes o medo de quem é abordado ser identificado por terceiros como sendo homossexual.

A possibilidade de um uso abusivo do sistema de contacto, e os receios que isso acarreta levam a um desperdício de oportunidades de contactos casuais.

#### **4.2.3 O envolvimento apropriado**

O modo como cada indivíduo lida com as suas actividades situadas é denominado, por Goffman, envolvimento dentro da situação. O envolvimento que o indivíduo tem com a situação em particular é um sentimento interno/intimo. A questão de manter o envolvimento apropriado tem uma especial importância no comportamento no espaço público.

Na rua, o acto de ter um destino, de ir de um lugar para outro, envolve um objectivo exterior, um envolvimento dominante fora da situação actual. Um indivíduo que está simplesmente na rua, ou que tem uma discussão na rua, é visto pelos outros como alguém que se desviou do seu assunto, ou mesmo que não tem objectivo ou actividade. Estar num local público sem orientação aparente para um

determinado objectivo, pode se ser visto pelos outros como andar a vadiar, ser um ocioso ou delinvente com objectivos dúbios.

Quando um individuo está parado na rua, por exemplo à espera de alguém, é frequente observar-se que este opta por ter uma actividade, como por exemplo ler um prospecto publicitário, criando-se o denominado envolvimento mínimo.

O estar sozinho no espaço público, sem um objectivo funcional aparente não é, em geral, confortável. Por exemplo no jardim, quando alguém vai só, é comum levar um livro, demonstrando que a ocasião não é suficientemente importante para justificar uma absorção completa pelo envolvimento principal ocasionado, ou que tem mais propósitos na vida do que estar ali.

Por vezes surgem os denominados auto-envolvimentos, ou seja, mexer nas unhas, limpar ou roer, dormir, mexer no cabelo, no nariz. Por vezes o individuo 'sonha acordado', alheando-se da situação real.

Por fim considera-se importante destacar que segundo Goffman, o envolvimento não é o que é directamente observável, mas antes o que é deduzido; o envolvimento efectivo, é o envolvimento que o actor e os outros sentem que ele mantém, ou sentem que ele sente que mantém. Logo, quando uma diferença na conduta situacional é detectada entre duas culturas, ou numa mesma cultura entre gerações, reflecte diferenças no idioma convencionado para expressar o envolvimento inerente.

### 4.3 O conceito de Lugar Público

O conceito de Lugar Público proposto, surge da intercepção de três conceitos:

- O conceito político e administrativo de 'espaço público exterior'.

- O conceito de 'Lugar' como resultado da relação de um grupo social, e dos seus elementos com o espaço. O grupo objectiva o próprio espaço, dando-lhe significado especial através das características do próprio grupo, apropriando-se do espaço, vinculando-se ao espaço. Simultaneamente lugar antropológico, identitário, relacional e histórico (no sentido que possui estabilidade na conjugação do identitário e relacional).

- 'Public Domain' definido por Hajer e Reijndorp, como experiência de interacção e troca entre diferentes grupos sociais.

Na sua essência o Lugar Público, é um espaço público apropriado por diferentes grupos sociais que aí coexistem. É um espaço de partilha de experiências, entre pessoas de passados distintos, pertencentes a redes sociais diversas.

Esta característica destaca um ponto de vista analítico que é central e é uma característica de distinção entre 'espaço público' e 'lugar público'. O espaço público é na sua essência um espaço que tem um livre acesso para toda gente: público é o oposto de privado. Mas o que não significa que qualquer espaço público seja um lugar público, para ser lugar público tem que ter requisitos adicionais; o Lugar Público consiste na sobreposição de trocas entre diferentes realidades sociais.

Um espaço é um Lugar Público quando diferentes grupos de pessoas têm interesse nesse local. Grupos esses que ficam vinculados a um lugar, e de um modo ou outro atingem um compromisso. Que códigos devem dominar? Que comportamento é tolerado? Estas questões fazem parte de um espaço público com significados para diferentes grupos.

A dinâmica do significado dos lugares é muito importante para determinar o que é que pode ser considerado Lugar Público ao nível do território urbano. O processo é sempre dinâmico pois os significados e usos são sempre passíveis de mudar.

Em princípio, estes lugares podem ser encontrados nos centros urbanos, uma rua, uma praça, um jardim. O *Public Domain* pode igualmente ser em espaços que não são públicos em sentido estrito, por exemplo espaços colectivos gerados por entidades privadas.

Um espaço público onde exista uma grande heterogeneidade de grupos sociais tende a ter características de espaço de uso colectivo. A não existência de qualquer tipo de factor de proximidade social aparente, tende a não promover relações entre grupos.

Assim, de acordo com Alexandra Castro (2002), embora o espaço público possa ser um modo de aprendizagem de outras formas de sociabilidade e da própria diferença, não implica que o confronto com o outro produza necessariamente um sentimento de convivência e de reconhecimento. A “incapacidade” de interpretação das intenções dos outros gera sentimentos de receio e assim a dificuldade de coexistência de grupos sociais muito heterogêneos.

Porém verifica-se que a mistura social não é suficiente para fazer com que um espaço contribua para o reforço do laço social. É necessário existir algo que dê sentido à mistura, a maneira como é vivida, percebida e julgada (Castro 2002).

Segundo Mayol (1980:15, in Castro, 2002:59), é importante a existência de uma relação de conveniência, ou seja, “(...) *um compromisso, através do qual cada um, renunciando à anarquia dos impulsos individuais, fornece contributos à vida colectiva, no sentido de retirar benefícios simbólicos, diferenciados no tempo*”. Este conceito abarca dois aspectos fundamentais da vida quotidiana: o dos “comportamentos” visíveis nos espaços públicos, através da representação do corpo, dos tipos de interacção e da eleição de espaços preferenciais; e o dos “benefícios simbólicos adquiridos” que se manifestam na forma como os grupos se apropriam do espaço. (Castro 2002)

Um Lugar Público, sedimenta-se com o tempo, com a sobreposição de significados a ele atribuídos, com as memórias de quem o usa ou usou. De qualquer modo, o Lugar Público pode perder-se, pode tornar-se apenas um espaço público, se se alterarem as condições que o sustentam.

No intuito de ‘melhorar’ o espaço público é frequente que a valorização da imagem e o controlo da violência seja sobrevalorizada em detrimento de outras perspectivas, interferindo com a organização do espaço, e convergindo num aparente consenso acerca da importância do espaço e acerca da sua disposição e gestão, sob o lema ‘belo, limpo e seguro’.

O risco do esquecimento da dimensão pública do espaço contribui claramente para a eliminação do Lugar Público na cidade contemporânea, contribuindo de algum modo para a crise de cidadania e enfraquecimento de laços sociais, tão frequentemente referidos nos dias de hoje.

## 5- O Espaço Público de Proximidade

A proximidade habitacional dum espaço público promove o uso frequente e potencializa interações entre diferentes indivíduos que o utilizam. A sua capacidade, ou da sua envolvente para atrair diferentes grupos sociais, maximiza a probabilidade de surgir um Lugar Público.

Hester (2000) define o espaço público de proximidade como o território perto de casa que os residentes consideram ser seu, seja através da responsabilidade colectiva, da associação familiar ou do uso frequente. Espaços em que existe uma grande visibilidade e contacto frequente entre membros da comunidade próxima.

Estão incluídos jardins, ruas, praças ou qualquer outra forma de espaço exterior público próximo.

Será que o espaço público de proximidade é importante na sociedade urbana actual?

### 5.1 Será importante para a cidade contemporânea o espaço público de proximidade?

Segundo Tom Fox (2000), o espaço público de proximidade (*neighborhood landscape*) tem um papel fundamental na organização, funcionamento e economia da cidade. Por ser um espaço comum, o seu estado e uso são indicadores da saúde e vitalidade da cidade e dos seus bairros.

Um espaço público com qualidade, ao gerar espaços mais agradáveis para viver, trabalhar e visitar, aumenta o valor e as vendas das propriedades adjacentes. O turismo de cidade, é igualmente potenciado pelos espaços públicos exteriores de bairro intensamente vividos.

Existem ainda inúmeras vantagens descritas por diversos autores da proximidade do espaço exterior verde, a nível micro climático e de saúde física e psicológica dos cidadãos.

No seu livro *Life Between Buildings*, Jan Gehl (2006), sintetiza as actividades no espaço público próximo em três categorias: actividades necessárias, actividades opcionais e actividades sociais.

As actividades necessárias são aquelas que são obrigatórias – ir para a escola ou para o trabalho, esperar pelo autocarro, fazer algumas compras, entre outras. Por serem obrigatórias são independentes da qualidade do meio envolvente. Quando este tem muito má qualidade, são apenas lá estas actividades que lá ocorrem, as pessoas não têm interesse em estar na rua.

As actividades opcionais são aquelas em que os indivíduos frequentam o espaço público próximo não por obrigação, mas por escolha, como por exemplo o ir caminhar um pouco, ir sentar-se num banco de jardim a ler um livro ou ir comer a um café. Estas actividades opcionais são especialmente dependentes das condições físicas exteriores.

Num bom espaço público de proximidade, o espectro das actividades humanas possíveis é muito mais abrangente, podendo surgir as denominadas actividades sociais, que dependem da presença dos outros no espaço público. As actividades sociais incluem cumprimentos, conversas, por vezes actividades comunitárias e, finalmente e mais abrangente, – os contactos passivos, ou seja, simplesmente ver e visto.

As actividades sociais ocorrem espontaneamente, como consequência directa das pessoas frequentarem os mesmos espaços. Assim está implícito que a actividade social surge sobretudo quanto melhores forem as condições para as actividades obrigatórias e as actividades opcionais. (Gehl 2006)

### **Quais os potenciais benefícios a nível social local, do espaço público de proximidade?**

*“Do ponto de vista sociológico, a cidade com qualidade passa pela referência a uma identidade urbana: pela capacidade de cada um gostar do sítio, do bairro e da cidade onde mora porque se identifica com ele. Esse sentimento alimenta um sentido de pertença com impactes positivos não apenas nas formas de apropriação individual e familiar mas também no investimento social e colectivo na vida local.”*

(Isabel Guerra, 2003:241)

Num estudo sobre o *Espaço Público e Relações Sociais na zona Este de Londres*, conclui-se que o valor social do espaço público se baseia na oportunidade de diferentes grupos sociais se misturarem e se vincularem a um lugar. A possibilidade de encontros sociais promove a ligação ao local e a sedimentação de memórias de locais familiares que geram um sentido de pertença e de segurança. A população estudada destacou a importância da vivência de rua e do mercado, além dos espaços verdes. Este estudo conclui, entre outros factos, que o espaço público é importante para a coesão e sustentabilidade da comunidade (Dines, *et al* 2006).

Considerando os três tipos de territórios definidos por Altman (in Speller 205), *território primário* (local de residência), *território secundário* (espaços a partilhar com outros mas em sentido restrito) e *território público* (abertos ao acesso público), neste estudo vamos utilizar o termo *território secundário*, não o restringindo ao uso não público.

Para a terceira idade e para a infância, o espaço exterior de bairro pode ser muito importante enquanto território secundário. Assim considera-se que para a terceira idade, a existência de um espaço público próximo e dinâmico em termos sociais, de infra-estruturas e de comércio permite uma vida independente até mais tarde. O território secundário ganha um valor extremamente importante, a nível de saúde e bem-estar desta faixa etária.

Para a infância e adolescência, o território secundário pode ser importante como referência de comportamento social, no sentido em que aí se desenvolvem e aprendem a lidar com relações sociais fora do núcleo familiar. É um local onde a criança é confrontada com a diversidade e aprende a viver com ela.

Se por um lado a noção de tolerância, democracia, igualdade são valores mais facilmente percebidos quando se vive o espaço público, por outro, quando espaço público é um espaço de confronto entre diferentes grupos, por vezes os valores apreendidos poderão ser os opostos.

As pesquisas que se têm centrado na coexistência de grupos sociais muito diversificados num espaço, constataam a dificuldade de gestão de relações entre grupos. Para Piçon (1981in Castro 2002) este fenómeno relaciona-se com o facto da proximidade física não corresponder à proximidade social e de, na ausência de um grupo dominante, se assistir ao confronto de práticas e valores diversificados consoante os grupos que se procuram impor.

Num espaço público próximo da área residencial, normalmente existe uma presença frequente dos mesmos grupos, que estabelecem modos de estar, através do uso de um comportamento de “conveniência”, melhorando a convivência e minimizando os conflitos diários.

Pela frequência de contacto e uso, estabelecem-se relações com significado entre pessoas, e entre pessoas e espaços, enraizando a vivência no bairro. O comportamento de quem entra na vizinhança tende frequentemente a absorver as normas e os hábitos de comportamento no espaço público.

Na fase adulta, o território secundário aparentemente é pouco necessário, mas a sua presença ou ausência é sentida, nem que seja pela segurança ou insegurança, real ou percebida.

Num estudo de dois bairros em Chicago, observou-se que as pessoas tendiam a juntar-se em espaços com relva e árvores em detrimento dos outros. Foi claro que a presença de árvores estava intimamente associada a um maior uso (Caronna 2000).

Estas observações sugerem que o facto de um espaço exterior público próximo ser arborizado e ou ajardinado promove o uso do espaço. As pessoas ao passarem tempo no exterior, com grande proximidade umas das outras, e frequentemente em grupos sociais, promovem uma série de oportunidades para interações sociais entre as pessoas vizinhas.

Se o contacto social informal entre vizinhos é um factor chave para o desenvolvimento de laços sociais, e o espaço verde é um determinante na partilha destes espaços, talvez se possa deduzir uma relação entre o verde e o desenvolvimento de laços sociais de vizinhança (Caronna 2000).

Numa sociedade urbana socialmente muito heterogénea, o espaço público é o espaço onde diferentes classes sociais, idades, raças e culturas podem estar, ver, comparar podendo assim contribuir muito para a harmonia social e a qualidade da vida urbana. Além disso, o espaço público de proximidade potencia oportunidades para interacções sociais, e mesmo laços sociais.

Será importante o espaço público de proximidade? Sim se for mais que um espaço próximo; sim, se conciliar os factores físicos, culturais e sociais que o tomem um Lugar público.

## **5.2- Factores que Potenciam o Uso e a Coexistência Espacial num Jardim Público de Proximidade**

Segundo Gobster (2000), o jardim público é um elemento essencial do espaço público de proximidade e pode servir para múltiplas funções positivas, destacando-se o seu papel como agente de integração social e cultural.

Segundo Hester (2000), a forma e disposição do jardim é importante na atribuição de usos e significados ao espaço pelos residentes. Os padrões sociais duma vizinhança e as acções do poder local influenciam e são influenciados pela forma do espaço exterior.

De qualquer modo, não se pode ter a certeza do grau de afectação do ambiente físico sobre o comportamento dos indivíduos. Exemplo disso são as experiências das décadas de 40 e 50 de manipulação de padrões de uso do solo com o intuito de criar 'unidades de vizinhança e promover o aparecimento de 'comunidades'. Na realidade, o ambiente físico não teve o efeito directo esperado. Os factores sociais, culturais e económicos contribuem, em primeira-mão, para a vitalidade ou degradação do meio urbano (Alves,2003).

Que características é que um jardim pode ter de forma a potenciar o uso do espaço e a coexistência espacial entre pessoas de diferentes grupos sociais?

### **Factor localização**

É nos bairros residenciais com história e memória, que o espaço público tende a ter uma vitalidade mais enraizada, intimamente associada ao comércio de rua e a diferentes infra-estruturas, lúdicas, educativas e culturais, inseridas no tecido urbano. A heterogeneidade social e a mistura entre as diferentes funções (residencial, comércio e escritórios) alimentam de um modo mais contínuo a vida no espaço público.

A localização do jardim e sua relação física com o bairro é importante, destacando-se três situações:

#### **- o jardim central**

É muito importante para a noção de bairro a centralidade, de modo a ordenar o espaço e a gerar "contactos de encontro de rua", uma sensação de comunidade e uma ligação sólida à envolvente com atribuição de significado (Hester2000). Ou seja, a proximidade das diversas infra-estruturas, seja os correios, a escola, a biblioteca ou o comércio local, permitem gerar a centralidade, e esta é essencial à dinamização do espaço exterior público. O jardim público como equipamento, atraindo utilizadores, e como espaço exterior público beneficiando com a intensificação do uso tem maior potencialidade de ser um Lugar Público se for central.

A evolução dos núcleos populacionais durante anos aconteceu naturalmente a partir de um centro. Actualmente, graças à mobilidade automóvel, grande parte dos novos desenvolvimentos urbanos surge alheada desta necessidade. É frequente o espaço público surgir fragmentado no vazio do edificado, e as infra-estruturas aparecerem dispersas, associadas a locais com maior facilidade de estacionamento. Aparentemente na cidade como território urbano o centro tem vindo a perder importância.

#### - o jardim limite

Nos EUA, é frequente a fronteira entre diferentes bairros ser um extenso jardim público, por vezes separando bairros muito díspares em relação a raças, idades, classes económicas ou estilos de vida (Gobster, 2000).

Segundo um estudo realizado em Bóston, este tipo de espaço verde funciona com uma barreira, separando os bairros e funcionando como espaço de ninguém, frequentemente abandonado e negligenciado (Solecki and Welch 1995, in Gobster 2000).

Como contra exemplo do espaço verde barreira/separador, surge um outro exemplo de um espaço verde limite, Warren Park, também nos EUA, que funciona como espaço de ligação entre dois bairros, sendo um factor positivo na implementação de relações entre raças e etnias diferentes.

Porquê esta diferença? No primeiro caso, revisto posteriormente por Gobster em 1998, após um estudo do local, com observações, entrevistas e análise de grupos, conclui-se que o espaço verde era uma barreira porque era palco de conflitos étnicos e raciais; local de confronto, de situações de desconforto ou mesmo de violência física. No segundo, tratava-se de bairros com uma longa história de convivência e de tolerância mútua, gerando-se no jardim público um ambiente de conforto e segurança apelativo a qualquer idade e origem. Ou seja, nestes casos sobressai que mais do que as condicionantes espaciais, foram as relações sociais que deram significados ao espaço público.

Segundo Gobster (2000), pode-se concluir que os espaços públicos limite podem potenciar e alimentar relações saudáveis entre diferentes grupos sociais, com maior destaque para as crianças e os adolescentes. A natureza voluntária da participação no lazer permite interações espontâneas a diferentes níveis. Ao ser gerado um ambiente seguro, com oportunidades atraentes, é possível que um espaço limite funcione como um espaço de ligação, espaço catalizador no melhoramento das relações entre grupos diferentes, um verdadeiro espaço público.

Por analogia, refira-se o 'efeito de orla' usado em ecologia, em que a área de transição entre biótopos tem um carácter próprio, gerado pela diversidade de espécies presentes, disponibilidade de recursos e frequência de interacções.

#### -o jardim próximo

Quanto mais próxima a habitação do jardim, mais este tende a ser usado com regularidade, e a percepção do seu valor e do seu significado tende a ser mais intensa.

Como já observado no jardim limite, em situações de potencial perigo, ou menor sensação de segurança, a visibilidade e a sensação de proximidade são importante para o utilizador.

No estudo, já citado, de dois bairros em Chicago, observou-se que uso estava intimamente ligado à proximidade e ao acesso visual do espaço a partir de casa (Caronna 2000).

Quando pretendemos que espaço público de bairro se aproxime do definido como Lugar Público, a sua localização deve ser útil e cómoda. A localização deve ser conveniente, ou seja, inserida num local urbano vivido, conciliando sinergias, sendo útil e cómodo atravessá-lo, permitindo ligações entre diferentes infra-estruturas e áreas habitacionais, ou incluindo mesmo algumas infra-estrutura. Deve ser próximo e acessível, sendo utilizável a qualquer momento, sendo a sua vivência ao nível de visibilidade e sonoridade perceptível do exterior.

Em suma, pode-se dizer que a localização é um factor essencial na vivência do espaço, e que a escolha de um local para um jardim deve ter em conta as características da envolvente física e social.

#### **Factores sociais e económicos**

A influência do ambiente físico urbano no comportamento do indivíduo está extremamente dependente do contexto social onde este se insere. Os factores sociais, culturais e económicos determinam em grande parte a vitalidade ou o abandono do espaço público urbano, a degradação ou a boa imagem do espaço.

Para indivíduos pobres, a vivência do espaço público e os laços sociais de vizinhança são mais do que um factor agradável, fazem parte de uma estratégia de sobrevivência, providenciando uma partilha de recursos. À excepção de zonas extremamente conflituosas, onde haja medo de frequentar o espaço público, normalmente o uso do espaço é mais intenso em comunidades mais pobres (Caronna 2000).

Por vezes, os bairros residenciais mais antigos, pela sua centralidade e pela sua genuinidade são alvo de fenómenos de estetização, aumentando a exploração imobiliária, e a terciarização. Com o tempo, o espaço público tende a esvaziar-se e a ficar apenas uma imagem do que era.

Frequentemente associado às comunidades mais pobres estão os bairros degradados, onde pela pouca visibilidade e o frequente vandalismo a manutenção é escassa. Pela imagem degradada que transmitem e pelos problemas sociais a eles associados, são pouco convidativos ao passeio por pessoas fora da comunidade. Em zonas extremamente inseguras, há a tendência do espaço público ser apropriado por grupos, gerando e impondo regras de uso do espaço.

Nos bairros periféricos, recentes, com um predomínio de classe económica baixa e média baixa, a população trabalhadora está todo o dia fora. As crianças, em creches perto de casa ou, mais frequentemente, perto do trabalho dos pais, estão todo o dia fora da vivência do bairro. A terceira idade por vezes está deslocada do seu local de origem, tem uma relação ténue com o espaço público e a comunidade envolvente.

O espaço sobranete da edificação e das vias de trânsito é onde se gera o espaço exterior público existente. A dispersão de pequenos jardins públicos ou parques infantis, pela malha urbana e um grande jardim marginal ao aglomerado, é um resultado espacial muito comum.

A ausência de um planeamento correcto tem frequentemente como resultado a quase inexistência de serviços e infra-estruturas próximas. A falta de comércio de bairro, que na realidade nesta situação dificilmente poderia competir com as grandes superfícies, acentua a falta de vida pública nestes bairros.

Frequentemente são bairros sem história, sem memória, que ainda não foram apropriados pela comunidade, bairros em que a ligação entre os habitantes e o espaço ainda não está formada.

Nestes bairros, o espaço público pode ter um papel fulcral na relação entre diferentes grupos e na estimulação da formação da comunidade e enraizamento da mesma.

Em comunidades de classe média, como já referido, devido à existência de maiores recursos económicos e mais mobilidade, os laços sociais de vizinhança provavelmente têm menor importância, ou pelo menos são menos necessários.

No caso de zonas residenciais periféricas, passa-se o mesmo do descrito anteriormente, com a agravante da pulverização do condomínio fechado. É frequente também uma maior homogeneidade em termos etários, uma maior dispersão em termos de escolas, um maior uso de transporte automóvel e uso do tempo de férias fora da área residencial.

Nos bairros residenciais com memória, de classe média, o espaço público tende a ter uma vitalidade intimamente associada ao comércio de rua e a diferentes infra-estruturas, lúdicas, educativas e culturais, inseridas no tecido urbano, gerando-se um círculo ascendente positivo entre oferta e uso.

A boa manutenção dos mesmos, devido à sua centralidade, à proximidade de locais de interesse histórico e o potencial interesse turístico, promove o uso destes espaços.

A heterogeneidade social, a mistura entre a função residencial, comércio e escritórios, alimenta de um modo contínuo a vida no espaço público, aumentando a sensação de segurança e de utilidade do próprio espaço.

### **Factores espaciais**

A organização espacial, ainda que sujeita aos efeitos provocados pela localização das actividades e pela densidade e características populacionais, tem um efeito determinante na forma como os indivíduos utilizam e se comportam no espaço público e, conseqüentemente, na forma como se aproximam ou afastam uns dos outros.

O factor mais importante é a unicidade do espaço, ou seja, este deve ter em consideração a união das características físicas climáticas, culturais e sociais do local. A identidade pessoal e da comunidade surge associada a identidade específica do território onde habita (Hester 2000).

Dentro deste conceito, destacam-se alguns factores interligados que são importantes para a utilização do espaço.

O espaço deve ser *útil*, ou seja, estar de acordo com as necessidades da comunidade utilizadora, ter o equipamento e as infra-estruturas indicadas para um uso frequente. Para tal tem que ser, além de próximo, como já referido, *acessível* e com várias entradas. É importante ser *atravessável*, com percursos de passeio e percursos funcionais que estimulem o atravessamento. Deve convidar a um uso frequente, deve entrar na rotina da vida de parte dos elementos da comunidade.

No exemplo de Warren Park, anteriormente citado, os factores internos também foram considerados importantes por Gobster (2000); os diferentes equipamentos e infra-estruturas, dispostas ao longo do perímetro facilitado o acesso e a visibilidade do exterior e as inúmeras actividades programadas atraindo um público muito diverso são características destacados pelo autor.

A distribuição das actividades ao longo do perímetro e o acesso e a visibilidade do exterior permite aumentar a *percepção de segurança*.

Outra solução é o jardim vedado que permite o fecho do espaço à noite, diminuindo assim o seu uso indevido e o vandalismo. As entradas bem definidas, e a vedação num ambiente seguro, enfatizam a sensação de intimidade e segurança, promovendo a apropriação do espaço. Num espaço com problemas de violência, a vedação intransponível tende gerar medo por dificultar a fuga de uma

situação hostil. Simultaneamente espaços fechados com locais afastados dos percursos principais tendem a promover territórios muito definidos e com tendência para uma apropriação não-inclusiva.

A percepção de segurança tem sido identificado como um pré-requisito para o uso de jardins públicos e parques urbanos, e surge como um forte condicionante do uso, principalmente por parte das crianças, mulheres e idosos (Duarte 1998).

Quanto maior perigo, mais importante é criar condições de segurança, e transmitir a sensação de segurança. Espaços abertos e percursos amplos facultam um maior *controlo visual* de quem utiliza o espaço, permitindo detectar e avaliar a presença de outros utilizadores. Em termos sociais, dá tempo para o transeunte aferir o seu comportamento social, consoante quem se aproxima; cumprimentando, olhando, ignorando ou mesmo evitando o outro.

*A leitura clara do espaço, a continuidade dentro do jardim e deste com o exterior aumenta a sensação de segurança.*

Um jardim maior permite ter locais mais expostos, centrais ou periféricos, com um uso universal e locais mais recolhidos, com maior *privacidade*<sup>7</sup>, permitindo alguma apropriação por diferentes grupos sem inviabilizar a coexistência de todos no espaço jardim. Se um jardim de uso público é privado e intensamente vigiado, poderá ter percursos mais fechados, mais efeitos surpresa, mais sensações labirínticas isolando o espaço da envolvente.

Outro factor essencial é o *conforto*; ou seja aquilo que proporciona comodidade, prazer e bem-estar. Bem-estar físico, psicológico e social.

Diversas investigações realizadas em parques urbanos nos Estados Unidos concluíram como elementos relevantes para a satisfação dos utilizadores em termos de conforto, a existência de locais para se sentar e descansar, de instalações sanitárias e venda de alimentos. A falta de sombra ou sombra permanente, e os bancos pouco confortáveis, como os bancos sem costas ou os bancos de pedra foram identificados como situações desconfortáveis (Duarte 1998).

Destaca-se a importância da universalidade do espaço em relação ao uso e acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida, deficientes motores, visuais e idosos. O conforto destes pode ser limitado ou impedido pelo projecto do espaço.

O bem-estar psicológico no jardim público, está intimamente associada à existência de vegetação no espaço.

---

<sup>7</sup> Altman (1975) definiu privacidade como o controlo individual sobre as interações sociais. (Speller 1988)

Tem-se vindo a provar as inúmeras vantagens a nível de saúde pública da existência de espaços verdes. Como por exemplo a diminuição de stress e melhorias no funcionamento mental, sendo um importante factor para o funcionamento humano (Sullivan, 2000).

O bem-estar resultante dos benefícios psicológicos e sociais da natureza no meio urbano tem vindo a ser estudado no âmbito da psicologia ambiental, destacando-se a constatação a alteração positiva do estado psicológico das pessoas. (Ulrich et al, in Duarte, 2000)

Dentro do espaço, para se proporcionar o bem-estar social são essenciais os factores já referidos como por exemplo a utilidade e a percepção de segurança.

Outro factor importante é a qualidade estética do espaço, é a imagem onde se reúne todos os factores referidos.

A *atractividade* do espaço é fundamental para o seu uso; não só pelo equipamento mas também pelo desenho, limpeza, manutenção das áreas verdes e inertes. A imagem do espaço dá ao utilizador uma percepção imediata da sua relação com o meio.

Por exemplo, a identificação de vandalismo e de baixa manutenção aumenta a sensação de insegurança.

O desenho do espaço deve surgir da intercepção dos factores físicos, climáticos, culturais inerentes à localização e às características sociais da envolvente. Mas não só, o espaço tem que ser único, especial, tem que ter algo que o enraíze como lugar.

## **6 Síntese de uma Abordagem Sistémica**

Desde que há cidade, há espaço público, são duas entidades inseparáveis, não fazendo sentido pensar numa sem a outra. Na segunda metade do século XX esta realidade alterou-se, o funcionamento da cidade deixou de estar dependente do espaço público.

A partir dos pressupostos da ecologia humana, procurou-se compreender em termos físicos e sociais o espaço público no ecossistema urbano actual, abordando a diferentes escalas o estudo das interacções entre a sociedade urbana contemporânea e o espaço.

A sociedade urbana contemporânea reflecte e é reflectida pelas características do território urbano contemporâneo. Fruto da crescente mobilidade, esta passou a produzir e a consumir espaços específicos para cada uma das suas necessidades, consumo, trabalho, residência, educação, cultura, lazer. Parte do denominado espaço público entra nesta lógica de consumo; o grande parque urbano, o grande parque infantil dirigido a um público muito específico.

Esta nova vivência da cidade reflecte-se, por exemplo, por um lado no declínio das relações de vizinhança e do conceito de comunidade no tecido urbano e por outro pelo surgimento de novas 'comunidades' selectivas propostas pelos condomínios.

Incluídos no conjunto de espaços públicos exteriores, destacaram-se os espaços públicos enquanto campo de interacções e relações com significado entre diferentes grupos sociais, e entre estes e o espaço. Surge o conceito de Lugar Público.

A compreensão do conceito de Lugar e o entendimento dos modos como se processa o comportamento no espaço público, que factores o influenciam, e a compreensão do que potencia ou inibe as interacções entre utilizadores num espaço público, é essencial à operacionalidade do conceito de Lugar Público.

O Espaço Exterior de Proximidade é um dos locais com maior potencialidade para dar origem ao Lugar Público. A sua localização, as características socio-económicas da envolvente e as características do próprio espaço surgem como um conjunto interligado de factores do qual depende a criação ou manutenção de um espaço como Lugar Público.

Por fim considera-se que quando o espaço público consegue além da coexistência espacial, da interacção ocasional, uma relação entre diferentes grupos sociais, quando consegue ser um elemento de ligação, de proximidade, de troca cultural, contribui para uma melhor vivência cívica, gerando urbanidade.

**PARTE II - ESTUDO DE CASO: O jardim da Estrela**

## 1 Introdução

No estudo que se apresenta pretendeu-se analisar de um modo multidisciplinar um espaço público da cidade que aparentemente se apresentasse como um Lugar Público, de acordo com os critérios já definidos. Escolheu-se o Jardim Guerra Junqueiro, mais vulgarmente conhecido por Jardim da Estrela. Pretende-se obter uma leitura do espaço e da sua vivência integrada no ecossistema urbano actual onde se situa.

Perante a posição fatídica de crise do espaço público na cidade de Lisboa, será que pressupor a existência do Lugar Público é uma utopia? Será que o Jardim da Estrela é um Lugar Público? Ou seja, um espaço público apropriado e com significado para diferentes grupos sociais que aí coexistem e interagem?

Pretende-se estudar o Jardim da Estrela como parte de um sistema composto por diferentes camadas, ou invólucros, analisando-se os diferentes níveis de relações entre população e ambiente. Considera-se como factores de referência no estudo sistémico do espaço, os factores referentes ao enquadramento ambiental e os referentes ao enquadramento populacional.

Por fim aborda-se especificamente o sistema jardim da Estrela, nomeadamente pela caracterização do sistema ambiente, através da análise histórica e física do espaço, e do sistema população através da caracterização e análise dos utilizadores e relações destes com o espaço.

As relações entre estes factores são essenciais para um entendimento do espaço enquanto potencial Lugar Público.

## **2 Metodologia**

Neste estudo o jardim é abordado de acordo com a visão sistémica apresentada na parte teórica, pretendendo-se um estudo multidisciplinar das interacções entre a população e o ambiente.

Será que o Jardim da Estrela é um Lugar Público? Ou seja, um espaço público sujeito à apropriação por diferentes grupos sociais que aí interagem?

Sabendo que legalmente é um espaço público temos duas questões operacionais: O jardim da Estrela é um Lugar? No jardim da Estrela coexistem e interagem diferentes grupos sociais?

Na avaliação da primeira questão específica considera-se importante a análise ao nível do enquadramento do jardim, nomeadamente a interacção entre as variáveis ambientais socio-económicas e a estrutura urbana envolvente. A origem e evolução ao longo do tempo, da envolvente urbana e do próprio espaço em estudo são factores importantes na identificação do conceito de lugar.

Por fim o estudo do uso do espaço, a representatividade da sua população e a observação comportamental, são variáveis essenciais para o entendimento da relação do utilizador com o espaço, contribuindo para o entendimento da existência do lugar neste espaço público.

A segunda questão consiste em averiguar se existem diferentes grupos sociais e se estes interagem. Para tal considerou-se importante analisar a população utilizadora do espaço. Assim considera-se importante o registo espacial dos utilizadores, associado a dados como a idade e o sexo, se estão sós ou acompanhados, e que actividades efectuam no jardim. A realização destes registos em diferentes horários permite identificar coexistências e afinidades entre diferentes grupos sociais.

A observação comportamental permite a recolha de informação essencial para a análise dos dados. Permite perceber quando um grupo de pessoas próximas fisicamente comunica e formam unidades sociais identificáveis.

### **Observação preliminar**

Denomina-se aqui como observação preliminar uma série de visitas feitas ao Jardim da Estrela em diferentes horas do dia e em diferentes dias da semana.

Estas primeiras abordagens foram úteis no sentido de aferir a necessidade ou não de estudar o horário completo do jardim, e encontrar variantes durante os diferentes dias da semana.

Considerou-se que durante o mesmo período nos diferentes dias úteis da semana, havia pouca variação, e a que existia decorria sobretudo devido a variações de nível climatérico. Eliminando-se os

momentos em que estava a chover, destaca-se um uso menos intensivo nos dias em que choveu com os bancos, o parque infantil, e a relva molhada e nas manhãs mais frias, provavelmente devido ao grande ensombramento que caracteriza este espaço.

O fim-de-semana, à excepção das primeiras horas da manhã, é uma realidade completamente diferente. O número de utilizadores é muito grande, sobretudo ao nível de famílias. Nitidamente este espaço funciona ao fim de semana como um espaço da cidade, atraindo pessoas diversas, eventualmente de fora do bairro.

O facto de o jardim acolher frequentemente eventos de natureza diversa, como feiras (por exemplo, artesanato, antiguidades) ou concertos, intensifica o uso do espaço naquela zona, não sendo claro se atrai mais pessoas ou não.

Aparentemente, uma parte dos utilizadores habituais durante a semana não está durante o fim-de-semana.

Por esta clara diferença entre fim-de-semana e dia de semana, optou-se por estudar apenas dias de semana, situação onde é mais clara a frequência de utilizadores habituais.

### **Recolha de dados**

No estudo da população da cidade e da área envolvente ao jardim, fez-se, além de consulta bibliográfica, uma recolha de documentação ao nível da Câmara Municipal, Junta de Freguesia e INE.

No estudo específico do Jardim, foi feito um trabalho de recolha de informação de campo, relativa aos utilizadores do espaço.

Existem diversas metodologias para fazer a recolha de dados relativos aos utilizadores, variando estas de acordo com grau de envolvimento do utilizador do espaço, no processo de análise do mesmo, dividindo-se em dois grandes grupos; a participação passiva e a participação activa (Lima 2000).

As formas activas de participação, que pelo contacto directo com o utilizador o tornam consciente da sua participação, nomeadamente através de questionários, entrevistas, mapas mentais, mapas de preferência, sessões de trabalho, não foram utilizadas neste estudo.

Neste estudo optou-se pelas formas passivas de participação do utilizador em que são agrupados os métodos de observação em que o utilizador não tem conhecimento da sua participação, nomeadamente:

- Observação de traços físicos - Recolha fotográfica e observação directa de características físicas do espaço.

- Observação comportamental - Recolha fotográfica e observação directa do utilizador em acção no espaço. Quem? A fazer o que? Com quem? Tipo de relação e em que contexto? Há reconhecimento? Há interacção?

- Observação e mapeamento de uso do jardim - Localização de pessoas de acordo com idade/tipo de uso, em diferentes horas do dia.

O registo do uso do espaço ao longo do dia, permite uma sistematização clara da ocupação do espaço e do zonamento natural criado pelos actores de determinado cenário. Tendo em consideração a dimensão do jardim e a impossibilidade de fazer um registo contínuo no tempo<sup>8</sup>, para todo o espaço, optou-se por dividir a observação diária do jardim em períodos de duas horas: 7:00-9:00, 9:00-11:00, 11:00-13:00, 13:00-15:00, 15:00-17:00, 17:00-19:00, 19:00-21:00, 21:00-23:00.

Fez-se uma divisão prévia do espaço em pequenas áreas, de modo a sistematicamente serem todas percorridas e observadas em cada intervalo de tempo anteriormente referido.

Deste modo, foi possível recolher informação qualitativa, quantitativa e espacial referente aos utilizadores do espaço ao longo do dia. Esta informação assim recolhida é passível de ser trabalhada sob diversas formas (quadro, gráfico e carta) permitindo a sua análise.

A utilização de um sistema de informação geográfica, associando a informação qualitativa referente a cada indivíduo à sua localização espacial, constituiu uma ferramenta essencial para este estudo.

A recolha das variáveis foi predefinida de acordo com as situações encontradas na *observação preliminar*, tendo sido posteriormente aferida ao longo do estudo.

Foram recolhidas as seguintes variáveis:

- Sexo

- Idade - Estimou-se por observação a idade dos utilizadores, agrupando-os em cinco classes etárias: 0-6, 7-12, 13-20, 21-64, e superior a 65.

- Agregação - Consoante o indivíduo se encontra sozinho (1) ou acompanhado, formando um grupo de 2, 3,4 ou mais pessoas.

- Actividades – Na observação preliminar observaram-se 21 actividades, posteriormente utilizadas como variáveis a registar. Estas são agrupáveis em cinco grandes grupos:

---

<sup>8</sup> Um dos métodos utilizados por William Whyte,; a instalação de máquinas de filmar do tipo *time-lapse* em pontos dominantes sobre os locais em estudo, registando assim padrões de comportamento ao longo do dia. (Whyte,2000)

- Actividade Física Funcional - Atravessar (andar determinadamente, percorrer o jardim de porta a porta sem se demorar lá dentro); Entrar e Sair da Creche (uso do espaço como acesso à creche, inclui as crianças e acompanhantes, bem como quem trabalha na creche); Passear o cão; Comer/merendar (independentemente de ser refeição -pequeno almoço, almoço, lanche ou jantar - ou só comer qualquer coisa).
- Actividade Física Lúdica – Jogging; Jogar à Bola, Andar de Bicicleta; Andar de Skate e Patins; Trepas às Árvores; Brincar; Observar ou/e Fotografar (atitude de olhar atento, enquanto percorre o espaço); Passear (deambular, passear mais demoradamente no jardim), Alimentar aves.
- Sem Actividade Física – Dormir; Estar Sentado (descansar, repousar).
- Actividade social – Conversar; Jogar às cartas.
- Actividade individual - Falar Sozinho; Falar ao Telefone; Ler ou/e Escrever; Ouvir Rádio.

Na recolha dos dados considerou-se como pressupostos válidos que:

- O uso do espaço, pelos utilizadores seleccionados (representativos de diferentes grupos) é um indicador válido da utilização da restante população utilizadora não incluída.
- Existem variantes no uso relacionadas com as condições climatéricas. Foi escolhido o estudo de dias amenos de primavera.
- Existem variações ao longo do ano: dia útil, fim-de-semana ou feriado, período de férias escolares. Foi escolhido o estudo de um dia útil dentro do período escolar.

A recolha de informação foi feita durante vários dias (período entre a última semana de Maio e a primeira de Junho de 2007), abrangendo por completo três dias da semana: segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira. Optou-se por não recolher informação dentro dos limites da creche e dentro da área reservada à esplanada. A esplanada, embora sendo um espaço aberto, tem o acesso condicionado pelo consumo no estabelecimento contíguo.

Após uma primeira observação dos dados, detectou-se que o dia de sexta-feira recolhido não era representativo de um dia de semana vulgar, por ter sido parcialmente observado no dia 1 de Junho (Dia da Criança), e haver uma quantidade de crianças associadas a eventos escolares e organizados pela Junta de Freguesia, fora do habitual.

### **Análise descritiva e estatística dos dados**

Os dados recolhidos foram analisados descritivamente e recorrendo à análise multivariada. A identificação espacial de cada utilizador, associado às suas características, permitiu uma análise de distribuição dos mesmos no espaço.

Para análise multivariada, considerou-se o dia de segunda-feira e de quarta-feira, e agruparam-se os períodos em: Manhã (7:00-11:00), Almoço (11:00-15:00), Tarde (15:00-19:00) e Noite (19:00-23:00).

Em termos de análise descritiva simples e análise descritiva espacial, optou-se por escolher um dia, Segunda-feira. Permitindo a comparação de análises, e obtendo uma imagem concreta da ocupação do espaço para um dia da semana.

### **3 Enquadramento Geral no Território Urbano Contemporâneo (AML)**

Nesta fase do estudo considerou-se importante fazer previamente uma breve análise da cidade de Lisboa actual, posteriormente faz-se um breve descrição da evolução do jardim na cidade, situando-se assim o jardim da Estrela no universo de físico e temporal dos espaços existentes semelhantes.

#### **3.1 Lisboa contemporânea**

Seguindo os padrões das sociedades modernas europeias, a maior parte da população portuguesa concentra-se sobretudo nas duas principais áreas metropolitanas, da Grande Lisboa (que vai de Setúbal a Lisboa, de Vila Franca a Loures e Cascais ou Sintra) e do Grande Porto.

A Área Metropolitana de Lisboa albergava em 1997 cerca de um quarto da população total do País (Telles, 1997).

A sociedade portuguesa, e mais especificamente a da área metropolitana de Lisboa, mudou muito nos últimos quarenta anos; o crescimento económico dos anos sessenta e setenta, a abertura ao comércio externo e ao investimento europeu, o turismo e a emigração criaram as bases para uma mudança social acelerada (Barreto et al.2007).

A demografia mudou, sendo o principal facto demográfico o envelhecimento. Este é provocado em primeiro lugar pela quebra drástica da natalidade e fecundidade e em segundo pelo alargamento da esperança de vida (Barreto et al.2007).

As famílias reduziram-se a um só filho, tendo-se igualmente procedido a um separação de gerações: avós e netos deixam de coabitar. Cada vez mais os idosos vivem sozinhos ou em instituições colectivas (Barreto et al.2007).

Outro factor importante na transformação demográfica é a facto de, sendo a sociedade portuguesa tradicionalmente de emigração, ter-se transformado numa sociedade primordialmente de imigração. Quatro movimentos de imigração marcaram profundamente a demografia e a sociedade: os retornados das colónias; os imigrantes dos países africanos de língua portuguesa; os imigrantes brasileiros; e os oriundos da Europa central e de Leste (Barreto et al.2007).

O crescimento de construções para habitação fora do concelho de Lisboa começou nos anos 50, devido a variados factores, destacando-se o desenvolvimento industrial, o incremento do sector terciário, o despovoamento do interior do território, as dificuldades de obter casa em Lisboa e também à facilidade de acesso, nomeadamente com as linhas férreas de cascais e Sintra (Telles 1997).

Lisboa e a sua área metropolitana cresceu, desenvolveu-se enquanto território urbano, gerador e gerado pelas novas necessidades da sociedade contemporânea.

Criaram-se novas centralidades, materializadas frequentemente nos grandes centros comerciais, captando uma procura relacionada com o emprego, consumo comercial e/ou lazer e tomando o tecido urbano multi-polar, com uma maior e mais equilibrada dispersão de forças, mais competitivo. Como um bom exemplo, a zona oriental da cidade, o Parque da Nações, na zona da Expo98.

Geraram-se igualmente 'des-centralidades', espaços que surgem como o negativo dos primeiros. Destacam-se as áreas centrais outrora residenciais, que foram sendo alvo de uma terciarização e de um abandono progressivo afectando a relação dos Lisboetas com os seus espaços de quotidiano. (Freire 2001).

Em algumas zonas históricas da cidade de Lisboa o aumento do sector terciário tem provocado a saturação das infra-estruturas, em especial das ligadas aos sistemas de circulação e estacionamento de viaturas (Telles1997).

*Lisboa-cidade vem expulsando uma parte não negligenciável da sua população jovem e em idade activa para a coroa de municípios periféricos. Em 1991 a cidade tinha uma população residente de cerca de 660 mil habitantes, enquanto os quatro concelhos limítrofes somariam mais de 810 mil. A chamada Área central de Lisboa perdeu 117 mil habitantes. Na área central, em 1991, existiam 14 600 alojamentos não habitados, em resultado da desintegração das funções urbanas; das condições de degradação do parque, por falta de conservação e beneficiação. Para além destas tendências é de assinalar a alteração de usos, e principalmente a especulação imobiliária.*

Plano Estratégico de Lisboa, 1992 in Consiglieri et al 1995

Segundo Telles (1997), Lisboa é hoje uma cidade saturada, de intensa vida diurna, mas abandonada e pouco segura à noite. Por sua vez os «dormitórios» suburbanos estão desertos de dia.

Destaca-se igualmente os espaços anónimos dos densos prolongamentos urbanos que irradiam e formam a área metropolitana, espaços, na sua maioria, marcados por uma monotonia funcional, com destaque para as grandes zonas residenciais, cuja maioria dos habitantes apenas aí dorme, não potenciando a formação de uma comunidade, nem a produção de territorialidades.

Outros dois exemplos muito actuais desta especialização funcional do território são o surgimento das grandes superfícies comerciais e dos parques verdes urbanos.

Surgindo da necessidade de resposta rápida e prática para a necessidade de consumo, as grandes superfícies comerciais difundiram-se, competindo com o comércio local. Com melhor divulgação, melhor acesso automóvel, ambiente climatizado, e segurança, estas superfícies substituíram em grande parte o comércio local.

O comércio local é importante para a dinamização da vivência da rua enquanto espaço público. O Chiado (alvo do denominado processo de gentrificação), a Av. de Roma ou Campo de Ourique são exemplos onde este comércio se mantém, com todas as vantagens que daí advêm. A Baixa, tradicionalmente o espaço de comércio da cidade, é um exemplo da crise do comércio local. É de destacar que o comércio de rua dinâmico normalmente está associado a zonas da cidade caracterizados por uma coexistência entre o uso residencial e o terciário.

Dada a importância do ambiente no discurso político e a necessidade de aumentar, de modo eficiente, o índice de área verde da cidade, surgem os grandes parques como novos pulmões verdes para a cidade, espaços permeáveis com uma potencial contribuição como reguladores climáticos do meio urbano. Como exemplo pode-se referir o parque da Bela-Vista em Chelas, ou parque dos Poetas em Oeiras, entre muitos.

Estes são espaços frequentemente muito utilizados ao fim de semana, espaços importantes para o lazer na cidade, com equipamento diverso. Pontualmente são também dinamizados com eventos diversos, com capacidade de atrair muito público.

Mas, salvo os que se encontram na proximidade do tecido urbano, numa relação coerente, como por exemplo o Parque do Tejo e do Trancão, não tendem a gerar territorialidades, não geram apropriação, não promovem sentido de comunidade.

Estes espaços competem com o jardim de bairro, e ganham em termos de opção política; por um lado estes espaços são para todos e os de bairro são só para alguns e por outro normalmente localizam-se em zonas onde o preço de custo de por m<sup>2</sup> do terreno é mais baixo.

Outro factor relevante nesta transformação da cidade é o surgimento de vias de comunicação rápidas, desde a CRIL ao eixo Norte-Sul passando pelos novos túneis, viadutos e rotundas. A cidade tem vindo a ganhar novas acessibilidades indispensáveis, atendendo ao aumento exponencial de automóveis na cidade.

Segundo Ribeiro Telles (1997), a aposta num sistema de comunicações exclusivamente radial e circular, de Lisboa veio avolumar os problemas de congestionamento do trânsito da própria cidade. Outra desvantagem é que estas, quando atravessam o tecido urbano, geram um factor barreira, limitando e condicionando o fluxo pedonal e o trânsito local na cidade.

Além disso, associado a mais eficiência e mais velocidade, surgem locais na cidade que a existência de menos atravessamentos significa menos vivência ocasional dentro do tecido urbano. Pois se por um lado a presença do automóvel é dissuasora do uso pedonal, por outro as actividades comerciais são mais dinâmicas em locais de passagem, gerando mais uso pedonal.

O estacionamento caótico de automóveis em ruas e avenidas é um factor que está a prejudicar o uso lúdico da cidade pelo peão.

Por fim, começam a surgir cada vez mais os designados condomínios fechados. Oferecendo espaços verdes e equipamento, e acima de tudo segurança, os condomínios disseminam-se pelo território urbano e peri-urbano. Esta tipologia aparece cada vez mais dentro do tecido urbano, criando ilhas, “partes de território urbano” fechado à cidade, cujo grande atractivo é serem espaços vividos só e exclusivamente por quem pagou para aí viver, espaços mais controlados e seguros. Como exemplo refere-se o *Alcântara Residence*, espaço projectado numa imitação da cidade tradicional, com ruas e passeios de calçada. Exemplo de “cidade” individualista, não partilhada, fechada em muros.

### 3.2 – O Jardim na cidade de Lisboa

Pretende-se descrever a evolução do jardim na cidade de Lisboa, permitindo assim situar a existência do Jardim da Estrela, no universo físico e temporal dos espaços verdes existentes.

O primeiro espaço verde que surgiu com carácter colectivo e institucional na cidade de Lisboa foi o 'Passeio Público' na actual Av. da Liberdade.

Criado em 1764, integrado no plano de reconstrução da cidade no pós-terramoto, este espaço foi planeado pelo arquitecto Reinaldo Manuel. Foi pensado como um espaço privado, fechado e intimista, projectado como uma quinta nobre limitada por muros altos onde se abriam 30 janelas com grades com uma cancela robusta de madeira. (Tostões 1992).

Na época, o jardim foi rejeitado pela nobreza e pela burguesia a que se destinava. Posteriormente, entre 1834 e 1838 foi reformulado no intuito de servir melhor os gostos e costumes da época, acabando por se tornar um grande êxito social (Tostões 1992).

O novo Passeio Público com mais estátuas, mais jogos de água, com o muro substituído por um moderno gradeamento de ferro, passa a ser o palco de um novo costume Lisboaeta, lançado por D. Fernando de Saxe-Coburgo, o ritual do 'passeio. Em meados de oitocentos recebeu as primeiras iluminações a gás, o coreto para a música e as exposições de flores. Só em 1852 é que é definitivamente aberto a todo o público "decentemente vestido" (Tostões 1992).

Destaca-se, ainda no sec. XVIII a plantação da Tapada das Necessidades e da Tapada da Ajuda, actualmente espaços abertos a uso público (Telles, 1997).

Em 1852, é inaugurado o Passeio da Estrela ou Jardim da Estrela, que pela área e beleza do espaço vai desempenhar agora o papel do grande e único jardim da capital, sendo que em 1859 o Passeio Público acabava, rasgado por uma nova avenida crucial ao desenvolvimento da cidade.

No sec. XIX surgem vários jardins de pequena dimensão, aproveitando pequenos largos urbanos, ou locais de vista panorâmica. O Jardim de S. Pedro de Alcântara, o jardim do Príncipe Real, o jardim do Campo de Santa Clara, o Jardim da Praça das Flores e o miradouro do Alto de Santa Catarina. Posteriormente, já nos anos 80, surge o jardim da Rocha Conde de Óbidos, das Albertas, o Campo de Santana, Praça da Alegria, o jardim Teófilo Braga (Jardim da Parada) (Tostões 1992).

Sem o carácter público destes jardins, existiam as tapadas, da Ajuda e das Necessidade, destinadas à caça, e os jardins botânicos, da Faculdade de Ciências e da Ajuda, com objectivos culturais e

científicos. Surge ainda com um carácter distinto O Jardim Zoológico inaugurado em 1881 no parque de S. Sebastião. Em Benfica é criado o Parque Silva Porto, com 4 hectares.

Já no século XX, destaca-se no final dos anos 20 a cedência na encosta de Santana do que fora a Quinta do desembargador Cunha Thorel, o miradouro de Santa Luzia, construído sobre o adro e o claustro da antiga igreja, e o miradouro do Monte de S. Gens (Tostões 1992).

No fim do séc. XIX, com o intuito de higienização do ambiente, de melhoria das condições de saúde pública, torna-se consensual entre a classe política e a população a importância de novos espaços verdes e de arborização da cidade. Surge um novo conceito em toda a Europa, a recreação popular ao ar livre.

A ideia do Parque da Liberdade, actual Parque Eduardo VII (aprox.30 ha), surge em 1882, três anos depois da morte do Passeio Publico e correspondia, no pensamento de Ressano Garcia e da sua equipa, à intenção moderna de dotar a cidade de uma ampla zona verde com funções estéticas e vocacionada para um novo tipo de lazer, predominantemente familiar e tendencialmente massificado (Silva 1994).

Envolto em polémica, apenas em 1942 se iniciou as obras do parque. É com Francisco Keil do Amaral, que surge o projecto do arranjo definitivo (Tostões 1992).

Surge, igualmente com o projecto de Keil do Amaral, o jardim do Campo Grande (aprox.14ha), iniciado em 1945 e concluído em 1948. Este espaço ensaiou na capital os primeiros relvados com árvores e os primeiros equipamentos modernos em jardim (Tostões 1992).

Da mesma época, surge a zona da cidade universitária e Hospital Santa Maria, Estádio Nacional com amplas áreas verdes, o Plano de Alvalade (com os logradouros ajardinados) (Telles 1997). Destaca-se ainda, de 1940, a Praça do Império e o Parque da Torre de Belém.

Numa capital pobre em parques e jardins, os terrenos sem construção e em grande parte incultos da Serra de Monsanto serviram para a construção, na década de 40, do Parque Florestal da Cidade (aprox. 1000ha). Só o regime florestal que lhe foi aplicado protegendo-o da ameaça da especulação o fez permanecer como um pulmão verde, agora, no centro da Área Metropolitana de Lisboa (Tostões 1992).

De 1949-54 destaca-se o Bairro das Estacas (Areeiro), com os seus logradouros públicos e ajardinados ligados entre si por transparências ao nível do piso térreo (Telles 1997).

Projectado e construído nos anos 60, o jardim Gulbenkian (aprox. 7,5ha) ocupa hoje um lugar de referência na cidade de Lisboa, palco e cenário de variados passeios, espectáculos e rituais (Andresen 2003).

Desta mesma época destaca-se a intervenção urbanística dos Olivais Sul e Chelas, com uma tipologia de ocupação de acordo com as recomendações da Carta de Atenas, onde os edifícios surgem dispersos envolvidos em espaços verdes, e a rua enquanto unidade urbanística desaparece.

Nas décadas, 80 e 90, com a expansão e solidificação do tecido urbano na periferia do concelho, surgem novos espaços como por exemplo o Parque da Bela Vista e o Parque dos Moinhos de Santana.

De acordo com Telles (1997) verifica-se que Lisboa não possui a estrutura verde necessária à existência dum ambiente natural, propício ao ser humano. Apesar dos efeitos benéficos, sobre o clima, do estuário do Tejo e do maciço arbóreo da Serra de Monsanto, tal falta não deixa de se fazer sentir nos microclimas e por conseguinte no conforto de muitas zonas da cidade. Verifica-se igualmente uma falta de espaços verdes de recreio.

Nos últimos 10 anos surgiram poucos novos espaços, destacando-se alguns exemplos como os Jardins Garcia de Horta (zona oriental) ou o Jardim do Arco do Cego (Zona Central), actualmente o concelho de Lisboa possui 35 Jardins e Parque públicos ou de uso público, de acordo com Planta camarária de Junho 2005 (Anexo I).

Lisboa é uma cidade com condições climáticas<sup>9</sup> propícias a um uso intensivo do espaço público exterior durante todo o ano. Os espaços verdes públicos, frequentemente arborizados e com elementos de água, possuem a mais valia de gerar um microclima, com uma temperatura mais amena nos períodos quentes e secos de Verão.

Os Jardins e Parque públicos são espaços potenciais de recreio, lazer e convivência de pessoas indispensáveis ao equilíbrio psicossomático e à valorização social e cultural dos residentes e dos utentes da cidade (Telles1997).

---

<sup>9</sup> A cidade de Lisboa em termos climáticos apresenta bio-clima Pré-Mediterrânico litoral (Lautensach in Telles, 1997). Segundo Pena e Cabral (1991), registam-se duas estações bem demarcadas: uma quente e seca, o Verão, outra amena e chuvosa, o Inverno. A pluviosidade varia entre 600 a 700mm anuais. A temperatura média do ar varia entre 16°-17,5°C. Os valores médios de geadas são entre 5 a 10 dias por ano.

#### 4 -Caracterização do Enquadramento Ecológico

O jardim da Estrela localiza-se na freguesia da Lapa, na zona que confina com as freguesias de Santo Condestável e Santa Isabel. Por este motivo ao ser estudada a envolvente urbana ao jardim abrange-se em termos territoriais, históricos e populacionais as três freguesias citadas.

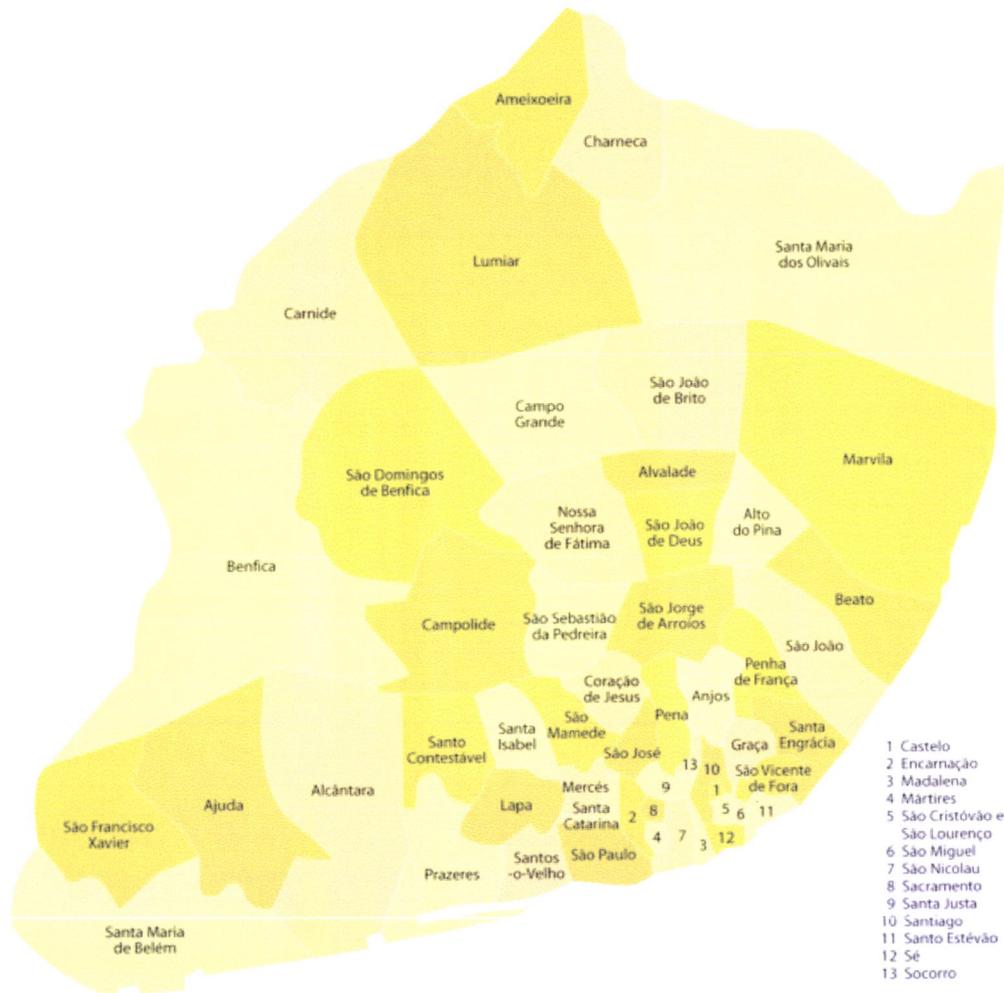


Figura 1 – Concelho de Lisboa e freguesias que o constituem

##### 4.1 Enquadramento Ambiental

Pretende caracterizar o carácter físico e cultural das freguesias em estudo, iniciando-se uma resenha da evolução histórica do tecido envolvente, até aos dias de hoje e identificando-se as principais instituições e colectividades representativas da dinâmica cultural e social das freguesias em estudo. Posteriormente é feita uma abordagem mais localizada da envolvente próxima do Jardim.

#### 4.1.1 Breve evolução histórica da malha urbana onde se situa o Jardim da Estrela

As principais referências históricas de implantação nesta zona da cidade surgem durante o século XVI, com as fixações conventuais da Estrelinha, de S. Bento da Saúde e o convento do Quelhas (ou convento da Religiosas Inglesinhas de Santa Brígida), constituindo pólos geradores de fixação de população (Alves *et al.* 1992).

Em 1704, o convento do Rato serviu de Hospital aos soldados ingleses chegados no decurso da Guerra de Sucessão de Espanha (1702-1715). Já antes com a intensificação da aliança luso-britânica depois do tratado de amizade de 1661, se tinham estabelecido súbditos ingleses nesta zona. Em 1717, foram cedidos terrenos aos ingleses para o seu cemitério (entre a Rua Saraiva de Carvalho e Rua S. Jorge) (Consiglieri *et al.* 1995).

Esta zona foi pouco afectada directamente pelo terramoto de 1755, mas no entanto profundamente modificada nos anos imediatos. Em 1760 esta era a zona mais populosa da cidade. Destaca-se a instalação de um abarracamento provisório em Campo de Ourique, para alojar tropas vindas da província a fim de manter a ordem na cidade. Posteriormente, com a instalação do Regimento do Conde de Lippe, estas instalações foram substituídas por um quartel, tendo este sido um grande pólo de crescimento desta zona.

A Lapa organiza-se em termos urbanísticos, com o estabelecimento duma quadrícula de base reguladora. Esta malha orientadora das fixações populacionais vai sendo progressivamente preenchida, mas sem um controlo rígido e sem uma clara hierarquização das vias de circulação. (Alves *et al.* 1992)

Posteriormente, a área mais a norte da freguesia, com a construção da basílica em 1789, conhece uma ocupação mais sistematizada.

A urbanização da Estrela, com a integração dos dois grandes monumentos, o antigo Convento Beneditino da Estrelinha (1571 ou 1579) e a Basílica do Coração de Jesus (1790), associado à construção do jardim, à abertura de novas ruas ou aproveitamento das existentes, é uma obra de urbanismo ímpar na Lisboa de Oitocentos.

O sítio da Estrela torna-se local atractivo para os estrangeiros residentes em Lisboa se fixarem, em especial os que desempenhavam missões oficiais, sendo por isso mesmo conhecido como o bairro dos diplomatas. Destaca-se a colónia inglesa. O arejamento e a vista sobre o rio tomaram esta preferência extensiva à alta burguesia.

Em 1808, o Colégio de Nossa Senhora da Estrela passa a servir de Hospital ao corpo expedicionário inglês, e dez anos depois, a secretaria dos Hospitais Militares e à botica Geral do Exército.

Na sequência da vitória liberal, foram extintas as ordens religiosas em 1834, tendo os conventos passado para a posse do Estado. Uns foram vendidos ou demolidos, outros ganharam novas funções; o convento da Estrela passou a Hospital Militar.

Durante o séc. XIX, as zonas de S. Bento, Lapa e Estrela adensam a ocupação das suas malhas e desde os meados do século, com o aumento da população desta parte da cidade, é reclamada a importância da existência de um logradouro público. Surge em 1852 o Jardim da Estrela. (Consiglieri et al. 1995)

Por iniciativa de Ressano Garcia, surge a urbanização do novo bairro de Campo de Ourique, onde até então predominavam quintas, minas de barro e fornos de cal. Iniciado em 1880, é concluído em 1911 e o seu desenho segue uma organização regular, ortogonal. Posteriormente sofrerá ampliações definindo-lhe os contornos que tem hoje.

Para o desenvolvimento desta zona da cidade, particularmente de Campo de Ourique, foi muito importante a introdução de transportes colectivos, nomeadamente o surgimento do eléctrico no final do séc. XIX.

No início do séc. XX, o tecido urbano das zonas de S. Bento, Lapa e Estrela está preenchido, à excepção da zona do vale da actual Av. Infante Santo e do conjunto de habitação da Avenida Álvares Cabral.

A abertura da Av. Infante Santo vai permitir, entre os anos 30 e 60, que se materializem novos ideais urbanísticos em conjuntos habitacionais inovadores.

A partir dos anos sessenta é de referir nesta zona alguma destruição do edificado original, e o aumento do número de pisos. Tal como acontece praticamente em todo o centro de Lisboa, estas freguesias foram alvo de uma crescente terciarização. O excesso de trânsito e falta de estacionamento e a consequente ocupação indevida de passeios, afectam a vivência da rua.

Por fim, e de acordo com o Plano Verde de Lisboa, e a sua sistematização da paisagem urbana, é de referir que a área em estudo pertence à unidade de paisagem<sup>10</sup> denominada por Sistema colinar

---

<sup>10</sup> Segundo Telles 1997, neste estudo Unidade de Paisagem é uma área urbana que se lê globalmente pelo facto de se enquadrar numa mesma unidade fisiográfica e paisagística.

voltado ao Tejo, abrangendo dentro desta unidade, parcialmente, dois conjuntos com identidade urbana (SC4 e SC5)<sup>11</sup>, em que o jardim da Estrela está no limite separador entre ambos. (Telles 1997)

#### **4.1.2 Colectividades e Instituições**

As freguesias da Lapa, Santo Condestável e Santa Isabel, são ricas nas mais variadas instituições, quer do âmbito cultural, desportivo ou recreativo. Destaca-se a existência de várias instituições ligada ao ensino.

##### **Lapa<sup>12</sup>**

Nesta Junta de freguesia existem actualmente quatro creches, sendo uma destas localizada dentro do Jardim da Estrela. Como estabelecimentos de ensino oficial, existe o Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão, e de ensino particular o Colégio o Nosso Jardim, Externato Fernando Pessoa, Externato Rainha D. Amélia.

A nível do ensino superior situa-se nesta freguesia o Centro de Investigação Sobre Economia Financeira, Escola Superiores de Educadores de Infância Maria Ulrich e o Instituto Superior de Economia e Gestão.

É de destacar algumas instituições de apoio social, nomeadamente a Obra de Santa Zita, Obra das Crianças da Freguesia da Lapa, associação RESGATE (Instituto Conde Agrolongo), e a Aparece. Sob a tutela da Junta e em parceria com a Câmara Municipal existe o Projecto INTERVIR (Espaço "Lapa Jovem), o Projecto Roda da Lapa e dentro do jardim da Estrela o Espaço "Casa do Idoso".

Existem inúmeras e muito diversificadas, associações sediadas na Lapa, ao todo cerca de vinte e cinco. Como exemplo, refere-se o Centro de Orientação à Família, o GEOTA (Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ordenamento), a AISEC (Associação Internacional de Estudantes em Ciências Económicas e Empresariais), Casa dos Açores, as Federações Portuguesas de Esgrima, Halterofilismos e Judo e o IND (Instituto Nacional de Desporto).

É de referir igualmente que aí se localiza a sede de algumas Fundações, nomeadamente o Instituto Francisco Sá Carneiro, Fundação Amélia Silva Melo, Fundação Pro Dignitate e Fundação Lar Casa do Gaiato.

---

<sup>11</sup> Segundo Telles 1997, neste estudo, Conjuntos com identidade Urbana são áreas da cidade reportáveis a um plano único, ou conjunto de planos definidos por princípios coerentes de composição.

<sup>12</sup> Dados fornecidos pela Junta de freguesia da Lapa

Esta freguesia sobressai pela localização do Palácio e S. Bento e a existência de várias embaixadas, nomeadamente a da Finlândia, Irlanda, República da Indonésia, Suíça, República Popular da China e a da Roménia.

Em termos de colectividades recreativas destaca-se o Estrela Futebol Clube, o Sport Lisboa da Lapa. Destaca-se a existência da Associação de moradores da Lapa.

### **Santo Condestável**

Em Santo Condestável vamos encontrar grande número de colectividades, algumas com grande tradição. Com um passado de hábitos populares, parte das instituições mencionadas associam-se às características bairristas, com maior notabilidade no período dos arraiais (Consiglieri et al 1995).

Destacam-se aqui algumas colectividades e a data de fundação: Sociedade Portuguesa de Espeleologia (1948), Clube Arte e Sport, Grupo Desportivo Domingos Sávio, Sport Lisboa e Águias. Além destes, nesta freguesia, mas no extremo oposto do espaço em estudo, (zona do Casal Ventoso e Rua Maria Pia) existem também numerosas colectividades (Consiglieri et al 1995).

É de referir ainda o Cinema Europa, espaço outrora de espectáculos, estúdio de televisão, utilizado como igreja do Reino de Deus. Recentemente foi alvo de uma petição por parte de um grupo de cidadão de Campo de Ourique para a sua recuperação e restituição de função de sala de cinema ou espectáculos (Consiglieri et al 1995).

É de referir igualmente outras instituições de referência desta freguesia: Associação de Cabanas de Viriato, Casa da Comarca Oliveira de Azeméis, A Padaria do Povo 13, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique (1916)<sup>14</sup>, Instituto António Feliciano de Castilho, Pátio dos Artistas<sup>15</sup>, Triângulo Vermelho Português e as Oficinas de São José. Mais recentemente destaca-se a Casa Fernando Pessoa (Consiglieri et al 1995).

### **Santa Isabel**

Na freguesia de Santa Isabel, destaca-se actualmente o núcleo de comércio e serviço que constitui a zona do centro comercial das Amoreiras.

---

<sup>13</sup> Cooperativa constituída por vizinhos de Campolide e de Campo de Ourique para o fornecimento de pão. O seu âmbito alargou-se a actividades culturais e desportivas. Esta instituição ficou ligada à Universidade Popular, iniciativa de bento de Jesus Caração.

<sup>14</sup> Entidade de reconhecido mérito no âmbito sócio-cultural e desportivo.

<sup>15</sup> Instituição benemérita para a livre criatividade artística. Tema ateliers de artes.

Em termos de salas de Espectáculos destaca-se obviamente as 10 salas de cinema das Amoreiras. Existe ainda o Teatro Theatre na Rua da Estrela.

Como colectividades, destacam-se Aeroclubes Universitário de Lisboa, clube atlético de Campo de Ourique (1922), Clube Nacional de Natação, Ginásio Clube português, Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, Sociedade de Instrução de Campo de Ourique e o Sport Clube das Amoreiras (Consiglieri et al 1995).

Refere-se ainda a Associação Central da Agricultura Portuguesa, Associação Portuguesa de Deficientes, Fundação Musical Amigos Das Crianças e o Instituto Aurélio da Costa Ferreira.

É de destacar a Escola Secundária Pedro Nunes, Jardim-Escola João de Deus e respectivo museu e o conjunto Igreja de S.Jorge, Cemitério Inglês.

#### **4.1.3 Jardins Públicos e Património Edificado**

Na freguesia da Lapa além do Jardim da Estrela, destaca-se o Jardim das Francesinhas, Jardim de São Bento, e o Jardim Elisa Baptista de Sousa Pedroso. Existem ainda alguns ajardinamentos na Rua Abílio Lopes do Rego, junto à Av. Infante Santo.

Na restante envolvente, na freguesia de Santo Condestável é de destacar o Jardim da Parada (Jardim Teófilo Braga) e o jardim da Igreja de Santo Condestável. No limite da freguesia de Santa Isabel, o Jardim da Amoreiras (Jardim Marcelino de Mesquita).

As três freguesias em análise são ricas em património edificado, representando estes frequentemente elemento de orgulho e identificação da comunidade com a cidade onde vive. Este património representa um factor, real ou potencial, de dinamização das mesmas em termos turísticos.

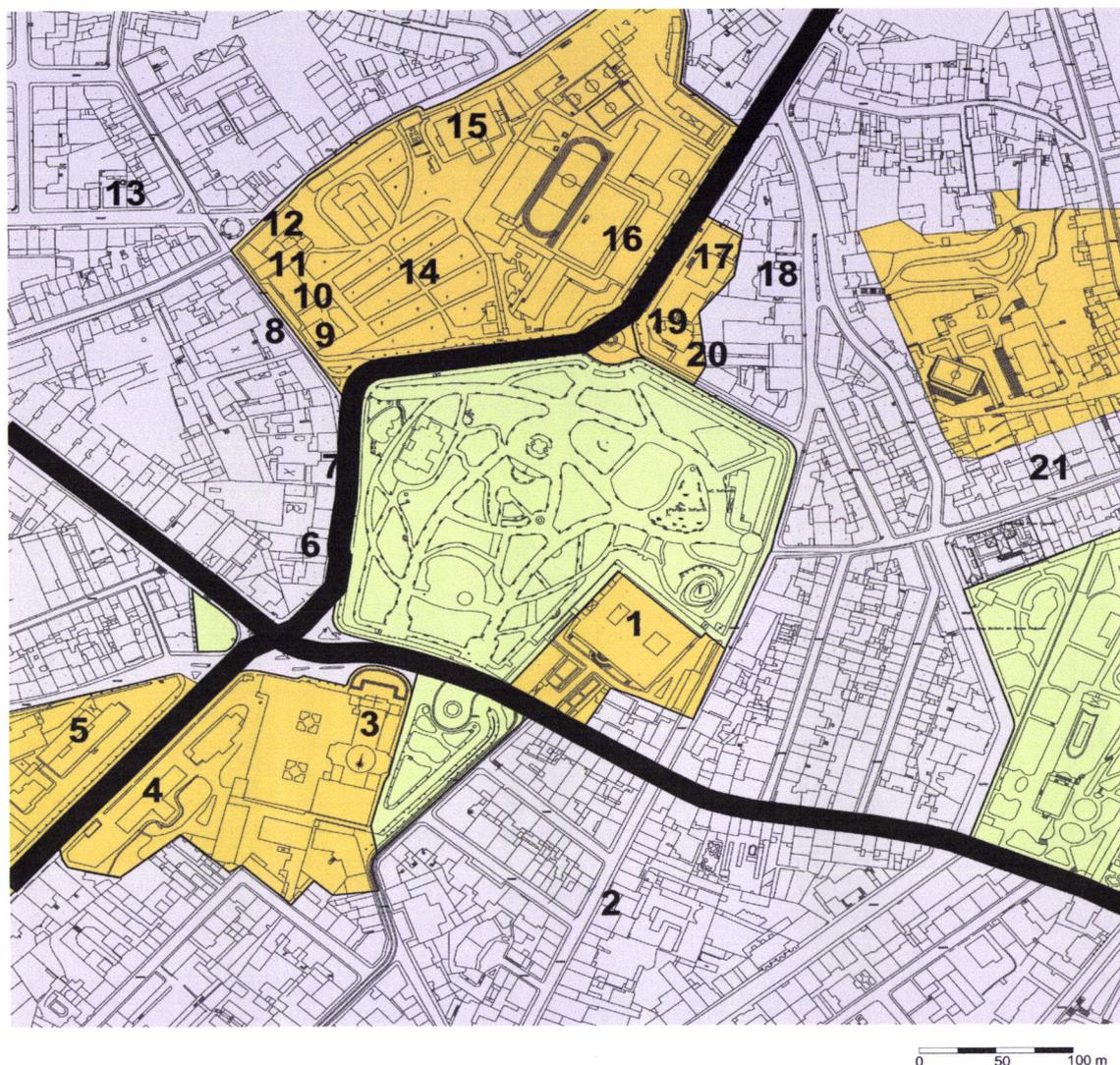
Destaca-se um rico património religioso, salientando-se a Basílica da Estrela ou do Sagrado Coração de Jesus (1779-1790), localizada na freguesia da Lapa.

É de referir, à excepção do largo da Basílica da Estrela, ocupado por estacionamento, a inexistência de largos ou praças relevantes nestas freguesias.

#### **4.1.4 Envolvente Urbana Próxima do Jardim da Estrela**

Considerou-se relevante uma análise da envolvente urbana próxima do jardim, ou seja considerou-se um *Buffer*, ou toda a área a menos de 200m dos limites do jardim, definindo-se assim uma área em que a deslocação pedonal diária seja potencialmente executada.

FIG.2 ENVOLVENTE URBANA PRÓXIMA AO JARDIM DA ESTRELA



0 50 100 m

- 1- Hospital Militar Principal
- 2- Escola Preparatória Bartolomeu de Gusmão
- 3- Basílica da Estrela
- 4/5- Hospital Militar
- 6- Ermida dos Milagres
- 7- Embaixada do Chile
- 8- G.N.R. Regimento de Infantaria
- 9- Universidade Europeia
- 10- Associação Portuguesa de Economistas
- 11- Câmara Comércio Luso-Britânica
- 12- British Hospital
- 13- Casa Fernando Pessoa
- 14- Cemitério Inglês
- 15- Escola Secundária Machado de Castro
- 16- Escola Secundária Pedro Nunes
- 17- Jardim Escola João de Deus
- 18- Embaixada do Reino Unido
- 19- Museu João de Deus
- 20- Escola Superior de Educação João de Deus
- 21- Instituto de Electromecânica e Energia

— Vias principais

□ Uso residencial

□ Infraestruturas e equipamentos

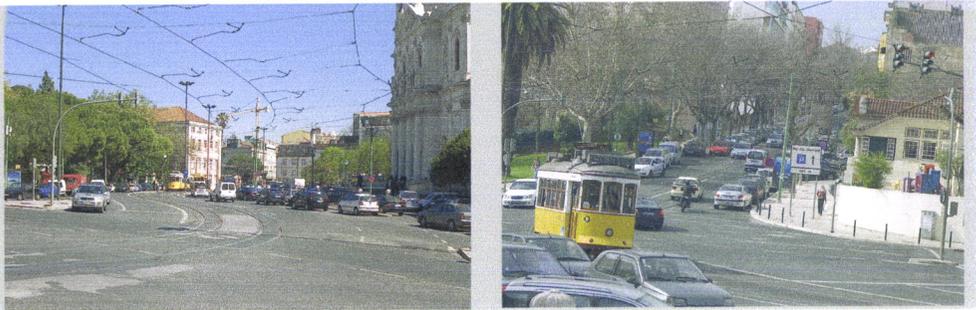
□ Espaço verde

Na figura 2, Envolvente Urbana Próxima ao Jardim da Estrela, observa-se que a tipologia de uso principal é a residencial, embora existam na envolvente quarteirões dominados por outros usos. Nesta planta são destacadas as principais instituições próximas do Jardim.

São identificadas as vias de trânsito principais, salientando-se o eixo Av. Infante Santo, R. da Estrela, R. São Jorge, Av. Alvares Cabral, eixo de tráfego intenso e rápido, e o eixo Av. Ferreira Borges, R. Domingos Sequeira, Praça da Estrela, Calçada da Estrela, com um tráfego mais lento, com ruas com um grande uso pedonal, associado a um comércio local intenso. A presença do eléctrico neste eixo, sobretudo a subida da calçada da Estrela, impõe um ritmo próprio ao trânsito.

Fig.3  
Praça da Estrela

Fig.4  
Rua Domingos  
Sequeira



## 4.2 Enquadramento Populacional

### 4.2.1 Análise Socio-económica

O jardim da Estrela, embora pertencente à freguesia da Lapa, constitui parte do limite entre esta freguesia, a freguesia de Santo Condestável e a freguesia de Santa Isabel.

A ocupação territorial das freguesias envolventes não deixa de forma alguma, de estar ligada directamente às diferenciações sócio-urbanísticas que se vieram materializar ao longo do processo de povoamento anteriormente descrito.

Este conjunto de freguesias integra a área central de Lisboa, no qual o terciário é um sector chave no desenvolvimento económico e urbanístico.

As freguesias da Lapa, Santo Condestável e Santa Isabel apresentam elevada densidade populacional comparativamente com a média do concelho de Lisboa (cujos limites coincidem com os da cidade de Lisboa), conforme fica patente no quadro 1, já que são freguesias centrais e de forte cariz residencial.

Quadro 1 – Densidades populacionais à data do Censos 2001

	Área (km <sup>2</sup> )	Densidade populacional (Hab/km <sup>2</sup> )
Lapa	0,74	11731,37
Santa Isabel	0,63	11591,95
Santo Condestável	1,03	17036,09
Concelho de Lisboa	83,84	6734,94

No seu conjunto, as freguesias da Lapa, Santa Isabel e Santo Condestável contavam com 33493 habitantes em 2001 distribuídos por 14985 famílias clássicas, o que representa uma média de 2,2 habitantes/família, valor um pouco inferior à média lisboeta (2,4 habitantes/família clássica).

O Quadro 2 evidencia a constituição das referidas famílias. Trata-se, em grande medida, de famílias nucleares compostas apenas por uma ou duas pessoas (65 a 69% das famílias residentes), 45% das quais é constituída pelo menos por uma pessoa com mais de 65 anos. Em contrapartida, apenas 15 a 17% de famílias têm membros com menos de 15 anos.

**Quadro 2 – Constituição das Famílias clássicas residentes nas freguesias em estudo, à data do Censos 2001**

	1 ou 2 pessoas	3 ou 4 pessoas	Com pessoas com menos de 15 anos	Com pessoas com mais de 65 anos
Lapa	65%	28%	17%	45%
Santa Isabel	68%	26%	15%	44%
Santo Condestável	69%	27%	16%	45%

A população residente nas três freguesias revela ser uma população envelhecida, com uma percentagem de idosos rondando os 28%, valor superior à média concelhia. Pelo contrário, a percentagem de crianças, jovens e população activa são, nas três freguesias analisadas, inferiores à média concelhia.

**Quadro 3 – População residente segundo o grupo etário (2001)**

	Lapa	Santa Isabel	Santo Condestável	Concelho de Lisboa
Residentes dos 0 aos 13 anos	10,8%	9,6%	9,9%	11,6%
Residentes dos 14 aos 24 anos	12,0%	12,1%	11,9%	12,7%
Residentes dos 25 aos 64 anos	49,3%	50,0%	49,8%	52,1%
Residentes com 65 e mais anos	27,9%	28,3%	28,4%	23,6%

Fonte: Census 2001

O maior envelhecimento populacional das freguesias comparativamente com a cidade de Lisboa reflecte-se, naturalmente, na escolaridade da população residente, uma vez que a população idosa tem, em média, menor grau de escolaridade que a população jovem. Assim, se atentarmos nos indicadores apresentados no Quadro 4, verificamos que a distribuição da população com baixos níveis de escolaridade (até ao 2º ciclo do ensino básico) é bastante semelhante à verificada a nível concelhio. No entanto, no que respeita aos níveis de escolaridade mais elevado, verifica-se que as três freguesias

em análise têm uma elevada percentagem de residentes possuindo o 3º ciclo do ensino básico e, em menor escala, o ensino secundário em detrimento de residentes possuindo ensino superior.

Quadro 4 – População residente segundo o grau de escolaridade (2001)

	Lapa		Santa Isabel		Santo Condestável		Concelho de Lisboa	
	Completo	Frequenta	Completo	Frequenta	Completo	Frequenta	Completo	Frequenta
não sabe ler / escrever	9,1%	-	9,5%	-	11%	-	10,3%	-
1º ciclo do ensino básico	19%	3,6%	20%	2,9%	23%	3,2%	27,6%	4%
2º ciclo do ensino básico	8,6%	1,8%	8,5%	1,8%	9,4%	1,9%	8,2%	2%
3º ciclo do ensino básico	15%	2,7%	17%	2,2%	17%	2,3%	9,6%	2%
ensino secundário	19%	3,8%	19%	3,6%	19%	3,0%	17,6%	3%
com curso médio	2,2%	-	2,1%	-	2,1%	-	2,1%	-
com curso superior	19%	6,6%	19%	6,4%	19%	5,6%	24,6%	6%
Total	100%	19%	100%	17%	100%	16%	100%	18%

Fonte: Censur 2001

Se no que respeita à escolaridade se podem encontrar diferenças entre a população residente nas freguesias em análise e a população concelhia, o mesmo não se verifica no que respeita ao exercício da actividade profissional (Quadro 5). De facto, as taxas de actividade são muito semelhantes nas várias unidades em análise, o mesmo acontecendo coma a distribuição da população activa por sector económico. Apenas se destaca a maior expressão do sector terciário na freguesia da Lapa, em detrimento do sector secundário, comparativamente com a cidade e as freguesias de Santa Isabel e Santo Condestável.

Quadro 5 – População empregada segundo o sector económico e Taxa de Actividade (2001)

	Sector Primário	Sector Secundário	Sector Terciário	Taxa de Actividade
Lapa	0,7%	11,3%	88,0%	47,0%
Santa Isabel	0,7%	13,4%	85,9%	48,2%
Santo Condestável	0,7%	15,2%	84,1%	47,1%
Concelho de Lisboa	0,5%	16,2%	83,3%	48,1%

Fonte: Censur 2001

Já no tocante às taxas de desemprego, as diferenças são marcantes (Quadro 6). Se as freguesias da Lapa e de Santa Isabel apresentavam indicadores mais favoráveis que a cidade de Lisboa à data do censo de 2001, o mesmo não se verificava na freguesia de Santo Condestável, cuja taxa de desemprego era de quase 9%. A distribuição dos desempregados segundo a condição de procura de emprego é, no entanto, relativamente homogénea, havendo no entanto, nas freguesias em análise maior peso dos desempregados à procura de 1º emprego do que na cidade de Lisboa.

A percentagem de residentes sem actividade económica é muito próxima nas freguesias analisadas e no concelho em que estas se inserem. A componente destes residentes sem actividade económica correspondente a pensionistas e reformados, no entanto, revela-se mais elevada na freguesia de Santo Condestável e no concelho de Lisboa, do que nas freguesias da Lapa e Santa Isabel.

Quadro 6 – População desempregada segundo a condição de procura de emprego e Taxa de desemprego (2001)

	Procura 1º emprego	Procura novo emprego	Taxa de Desemprego
Lapa	29,5%	70,5%	6,4%
Santa Isabel	25,1%	74,9%	5,9%
Santo Condestável	27,8%	72,2%	8,8%
Concelho de Lisboa	23,1%	76,9%	7,4%

Fonte: Censur 2001

**Quadro 7 – População com 15 ou mais anos segundo a condição perante a actividade económica (2001)**

	Residentes pensionistas e reformados	Residentes sem actividade económica (1)
Lapa	26%	53%
Santa Isabel	27%	52%
Santo Condestável	29%	53%
Concelho de Lisboa	32%	51%

(1)- Englobam estudantes, pensionistas e reformados, domésticas e portadores de incapacidade permanente para o trabalho

Fonte: Censur 2001

Em conclusão, as freguesias em estudo são freguesias com forte cariz urbano e com uma população envelhecida, em que predominam as famílias nucleares constituídas apenas por um ou dois elementos empregados no sector terciário ou sem actividade económica.

### 4.3 Síntese da Caracterização Ecológica

Os bairros envolventes à área em estudo caracterizam-se por serem residenciais, com história e memória, com inúmeras colectividades, associações e instituições e com um comércio local dinâmico. Neste tipo de bairro o espaço público tende a ter uma vitalidade enraizada.

A multifuncionalidade desta envolvente (residencial, comércio e escritórios) alimenta de modo contínuo a vida do espaço público. A rua e os jardins são intensamente vividos.

O Jardim da Estrela, embora entre bairros tipologicamente diferentes em termos de estrutura do tecido urbano e época de desenvolvimento, encontra-se dentro do tecido urbano consolidado da cidade, com características sociais bastante semelhantes.

O Jardim da Estrela funciona como um jardim central em relação às diversas infra-estruturas e ao espaço público dinâmico envolvente.

O acesso pedonal entre os pólos residenciais e de comércio de Campo de Ourique e Rato, e a área residencial da Estrela, é feito pelo interior do Jardim da Estrela. O acesso pedonal às diversas instituições de ensino, existentes no tecido urbano próximo, faz-se frequentemente de modo mais expedito recorrendo ao atravessamento do jardim.

Este é um espaço próximo da população no sentido em que é de fácil acesso pedonal, e está integrado na vivência diária de parte da população através do atravessamento frequente já mencionado. Na delimitação do jardim feita pela Rua de São Bernardo e a Rua João Anastácio, ruas de trânsito local, a ligação dos edifícios residenciais com o jardim é muito intensa, sendo a visibilidade e sonoridade deste perceptível pelos residentes próximos. Na Rua da Estrela, devido ao tráfego intenso, esta ligação não é tão forte.

A Rua de S. Jorge é delimitada de um lado pelo Jardim e por outro pelo o muro alto que delimita o Cemitério Inglês. Devido ao trânsito intenso à ausência de comércio, de passeio largos, é uma rua inóspita, utilizada pedonalmente sobretudo pelos utilizadores de transporte público que aí tem algumas paragens.

Em oposição, temos a praça e a Basílica, com uma escadaria ampla e ensolarada, estabelecendo uma relação marcante com o jardim. Ambos se contrapõem em forma e cor, e se complementam como vivência de espaço público. A Praça da Estrela, com o seu reboliço (carros eléctricos, estacionamento indevido) constitui a grande 'porta' do jardim.

O conjunto Basílica-Jardim, associado a uma localização privilegiada em termos de riqueza e coerência do tecido urbano e do seu património edificado, é um importante factor de atracção turística.

Apesar da elevada densidade populacional, ou seja, da função residencial se manter, o sector terciário tem sido o sector chave para o desenvolvimento económico e urbanístico desta zona da cidade.

Em termos socio-económicos é de destacar que existe alguma heterogeneidade dentro de cada freguesia, como por exemplo a zona do Casal Ventoso no extremo da freguesia de Santo Condestável, e a zona em estudo.

A proximidade do jardim da Estrela, é muito valorizada no campo do imobiliário, sendo um dos locais da cidade, em média, com um valor por m<sup>2</sup> mais elevado. Este facto constitui um factor que influencia o panorama populacional desta zona da cidade. Como exemplo destaca-se a existência de residentes estrangeiros, mas não associados aos fenómenos de emigração mais comuns. Este fenómeno constitui actualmente apenas uma franja muito limitada, de população de nível socio-económico mais elevado, mas que futuramente poderá ter uma maior representatividade.

De qualquer modo os dados obtidos pareceram relevantes e indicativos da realidade populacional envolvente da área em estudo.

Por outro lado, em termos globais socio-económicos destaca-se a existência de uma população envelhecida, superior à média concelhia, em que predominam as famílias nucleares constituídas apenas por um ou dois elementos empregados no sector terciário ou sem actividade económica. É de destacar que, perante uma população envelhecida, a população com o terceiro ciclo do ensino básico e com o ensino secundário é superior à média concelhia. Destaca-se igualmente neste contexto o elevado valor de ensino superior, embora claramente abaixo da média do concelho.

## **5 Sistema Jardim da Estrela**

Agora pretende-se abordar o Jardim da Estrela como um ecossistema, ou seja como um sistema de interações entre população utilizadora do espaço, e entre esta população e o meio físico.

### **5.1 Sistema Ambiente (Cenário)**

#### **5.1.1 Enquadramento Histórico do Jardim da Estrela**

O primeiro passo para a construção do passeio da Estrela é atribuída a António da Costa Cabral, Conde de Tomar, presidente do conselho de ministros, influenciado pelo seu amigo e Presidente da Câmara de Lisboa Dr. Laureano da Luz Gomes, médico higienista, fundador do Jornal da Ciências Médicas (Araújo, 1952).

Desde 1511, este espaço fora a cerca do noviciado da Estrelinha ou da Estrela, dos frades de Tibães, das terras da Casa do Infantado. Com a extinção das ordens estes terrenos vieram a ser adquiridos por António José Rodrigues, que por sua vez, ao falir em 1842 leva os terrenos à praça. O Estado com o apoio do donativo de Manuel José de Oliveira (Barão de Barcelinhos), adquire os terrenos em 18 de Junho de 1842 e inicia as terraplanagens (1952,Araújo).

Com as lutas liberais de 1844 até depois de 1847, o plano de construção do jardim parou tendo vindo a ser retomado em 1850 graças mais uma vez a um benemérito; Joaquim Manuel Monteiro, comerciante português do Brasil, que mais tarde veio a receber do rei D. Luís o título de visconde e depois de Conde da Estrela (1952,Araújo).

Foram solicitados às Obras Públicas dois mestres jardineiros, Jean Bonard e João Francisco para trabalharem com os engenheiros municipais, e com o arquitecto Pedro José Pezerat.

Pezerat projectou o espaço, criando alamedas sinuosas, lagos, uma vistosa cascata, estufas, quiosques e um pavilhão chinês desenhado pelo mesmo. Enfatizando os acidentes do terreno, criou uma colina artificial, a 'montanha russa', com vista sobre o Tejo e uma gruta. Todo o espaço reflectia no seu traçado a concepção romântica do parque à inglesa.

Em 3 de Abril de 1852, o Passeio Público da Estrela foi inaugurado. Era presidente do ministério e ministro do Reino marechal Duque de Saldanha, e presidente da Câmara o Dr. Alberto António de Moraes Carvalho, que viria a ser governador civil.

Os alinhamentos das ruas arborizadas, plantações, jogos de água, intensificaram-se durante os 20 anos seguintes. Em 1874 a despesa total chegava a 80 contos de reis (Araújo, 1952).

Embora o ciclone de 1937 tenha derrubado algumas árvores originais e outras tenham desaparecido devido a doenças, o jardim da Estrela foi-se transformando num retiro ensombrado por belas árvores, transformando-se numa ilha de calma face a uma cidade cada vez mais agitada.

Vários elementos foram encontrando o seu espaço no jardim:

- O pavilhão chinês desenhado por Pezerat (posteriormente desmantelado)
- O pavilhão, obra de José Luís Monteiro para o Jardim Escola Froebel, primeiro jardim de infância de Portugal (inaugurado a 1882).<sup>16</sup>
- O coreto desenhado pelo Eng. Soares de Lima (colocado em 1884, inicialmente estava no Passeio Público da Avenida da Liberdade). Primoroso trabalho de inspiração oriental onde se destaca a decoração interior da cobertura. Executado entre 1842 e 1852.
- O parque infantil em 1938
- Elementos de estatuária diversa

#### **A evolução da vivência do espaço descrita em 1952**

Segundo Norberto de Araújo, na sua conferência nos festejos dos 100 anos do jardim da Estrela:

*“O jardim da Estrela foi cenário da evolução gradual, das modas das mulheres e dos homens, da transformação de hábitos da nossa gente. (...)”*

*Quando não havia festas era pacato, bonacheirão, um pouco sentimental. As amas iam passear os bebês (...) Traziam em regra a sua escolta de ‘guitas’ da Guarda Municipal, e às sombras amenas do arvoredado espesso derriçavam, namoriscavam, ‘davam trela’. (...)”*

*Em tardes ou noites de festas, o Passeio da Estrela era o mundo alfacinha em ebulição. Tomaram-se frequentes as festas de caridade promovidas por senhoras de alta sociedade, com suas quermesses e Tômbolas, as luminárias de tijelinhas, músicas regimentais, as corridas de velocípedes, os fogos de artifício, e por vezes, iluminações feéricas.”*

---

<sup>16</sup> Encerrando em 1892. Em 1920, abre neste local um lactário, entre 1927 e 1950, sob a administração da Santa Casa. Associa-se ao lactário um serviço de acolhimento diurno a crianças desfavorecidas. Desde 1957 funciona como creche acolhendo crianças até aos 3 anos. (elementos cedidos pela Junta de freguesia)

Em 1870, trazido pelo explorador/comerciante Paiva Raposo, veio para o jardim um leão cuja jaula se localizava onde actualmente está o portão para a Av. Álvares Cabral. Este tornou-se um atractivo ímpar para o espaço nessa época.

Se nos primeiros 50 anos da história do jardim a aristocracia e a alta burguesia frequentavam este espaço, no final do séc. XIX o Jardim da Estrela passou de moda tornando-se um jardim popular, mantendo-se assim até hoje.

Destaca-se em 1904 e 1905 as festas promovidas pela associação de imprensa em benefício das viúvas e órfãos dos jornalistas.

Em 1938 foi criado o Parque Infantil, intensificando a atracção do espaço em relação a esta faixa etária.

Numa descrição de 1952, feita por Manuel Azevedo Coutinho nos festejos do Centenário do Jardim da Estrela (p:31) destaca-se: *"(..) E para cada um dos que assistem a esta renovação constante da vida e da forma, da cor e da luz, há sempre uma fase particularmente grata, um quadro que melhor emoldura um estado de espírito, uma ânsia de juventude ou uma plena conformação com o peso dos anos, uma primavera ou um Outono de vida. E é neste quadro naturalmente belo que se têm desenrolado tantos momentos da vida de tanta gente, que o próprio jardim, através de muitas décadas, já se habituou, certamente a distribuir com regular justiça as suas sombras e os seu terreiros cheios de sol, conforme o que a cada um mais convém."*

### **5.1.2 Classificação Morfológica**

Segundo a classificação morfológica definida no Plano Verde de Lisboa, o Jardim da Estrela enquadra-se na Estrutura Verde Descontínua da Cidade Tradicional, por ser um espaço que se articula com outros espaços verdes de forma descontínua. De acordo com o mesmo plano, enquadra-se a nível de tipologias no Sistema de Recreio (Telles 1997).

### **5.1.3 Caracterização Física**

O Jardim da Estrela, oficialmente chamado Jardim Guerra Junqueiro, com cerca de 57 000m<sup>2</sup> é um dos maiores jardins públicos da cidade. Situado a meia encosta, tem a montante o bairro de Campo de Ourique e a jusante, de oeste para este, a Av. Infante Santo, a zona da Lapa e Estrela, e a zona da Av. Pedro Álvares Cabral.

Fig 5

Fotografia aérea



Este espaço é vedado, tendo cinco entradas: duas no Largo da Estrela e as restantes para a Rua da Estrela, Rua de São Bernardo e na Rotunda no topo da Av. Pedro Álvares Cabral.

É de destacar a localização das entradas e a sua relação com os arruamentos envolventes, permitindo uma continuidade de fluxos pedonais, potenciando o uso do espaço como atravessamento pedonal entre zonas residenciais e os diversos equipamentos e infra-estruturas.

Passado mais de 150 anos da sua inauguração, este jardim mantém globalmente a sua configuração original, à excepção da entrada norte e da zona noroeste.

Sendo um jardim naturalista, romântico, apresenta uma disposição de caminhos orgânica. A sua dimensão e a densidade e desenvolvimento da vegetação arbórea de grande dimensão, conferem a este espaço uma volumetria única na cidade.

FIG.6 PLANTA DO JARDIM



0 5 25 50m

- |   |                   |                                      |
|---|-------------------|--------------------------------------|
|  | Relva             | 1- Creche                            |
|  | Arbustos          | 2- Casa do idoso                     |
|  | Água              | 3- Sanitários de adultos             |
|  | Areia             | 4- Café/restaurante                  |
|  | Gravilha          | 5- Biblioteca                        |
|  | Betuminoso corado | 6- Coreto                            |
|  | Zona pavimentada  | 7- Parque infantil                   |
|   |                   | 8- Sanitários infantis               |
|   |                   | 9- Instalações de apoio à manutenção |
|   |                   | 10- Campo de jogo                    |
|   |                   | 11- Miradouro                        |
|   |                   | 12- Casca ou Grotto                  |

## Equipamento e infra-estruturas

Fig.7 Café/Restaurante

Fig.8 Creche



Dentro do Jardim existe um Café/Restaurante com esplanada (*Jardim da Estrela esplanada*), uma creche da Santa Casa Da Misericórdia, instalações para jardineiros (refeitório e sanitários), um quiosque biblioteca, e ainda a Casa do Idoso.

A creche, situa-se no antigo *Jardim-de-infância de Froebel*, e mantém-se em funcionamento desde 1957. Actualmente, e desde 1987, apoia cerca de 50 crianças.

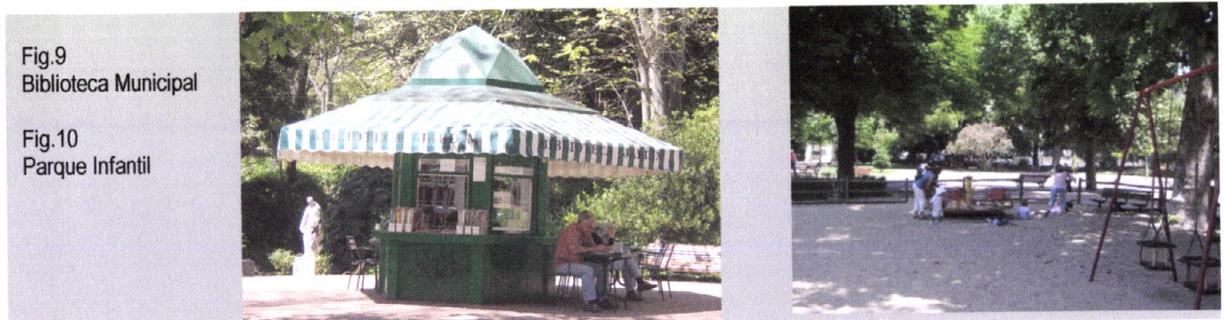
O café/restaurante outrora em madeira, é hoje um edifício parcialmente envidraçado, com uma esplanada, na proximidade do lago principal.

A Casa do Idoso foi inaugurada em Julho de 1989 e é da responsabilidade da Junta de Freguesia. Este espaço funciona como centro de dia, realizando-se aqui actividades de ocupação de tempos livres. Destaca se a amplitude do horário; todos os dias das 9:00-17:30 à excepção do Domingo que está aberto das 14:00-17:30. Este espaço é utilizado quase exclusivamente por homens, de diferentes estratos sociais que aqui se juntam para jogar dominó, damas e xadrez. Os jogos de cartas, pelo barulho e entusiasmo dos seus jogadores não são aqui permitidos. Existe uma televisão e acesso aos jornais diários. Sempre que as condições climatéricas o permitam, a leitura e conversa faz-se no exterior.

Segundo as vigilantes deste espaço, a frequência da Casa do Idoso não se limita aos habitantes mais próximos, usando este espaço pessoas vindas de vários locais da cidade. É de destacar positivamente o acesso livre a todos.

Fig.9  
Biblioteca Municipal

Fig.10  
Parque Infantil



O quiosque biblioteca, é uma pequena biblioteca Municipal, localizada no centro do jardim, onde se pode requisitar livros e revistas variadas.

O parque infantil existente é antigo, sobre um caixa de areia, aparentemente pouco limpa. Este espaço, assim com os sanitários de uso infantil próximos, é vigiado diariamente. Parte do equipamento é recolhida ao final da tarde com o intuito de evitar actos de vandalismo. Também destinado às crianças e aos jovens, existe o campo de jogos que consiste numa área irregular, pavimentada e limitada nos topos por rede.

É de referir a existência de sanitários diferenciados para crianças e adultos, estando os primeiros situados na proximidade do Parque Infantil, e os segundos associados à casa do idoso.

### Mobiliário urbano e iluminação

Este espaço está amplamente equipado com bancos, do tipo clássico de ripa de madeira, dispostos na sua maioria ao longo dos caminhos principais e secundários e pontualmente com bancos de pedra.



A disposição e distância entre os bancos procura manter uma distância entre utilizadores que não induz a um constrangimento de comportamento pela presença do outro, não provoca a interacção. Existem vários locais com mesa de pedra, destacando-se quatro destes, equipados com mesas e assentos, utilizadas quase exclusivamente para jogar às cartas.

O espaço encontra-se equipado com bebedouros de pedra e com papeleiras em madeira. Os candeeiros existentes, metálicos, encontram-se extremamente danificados.

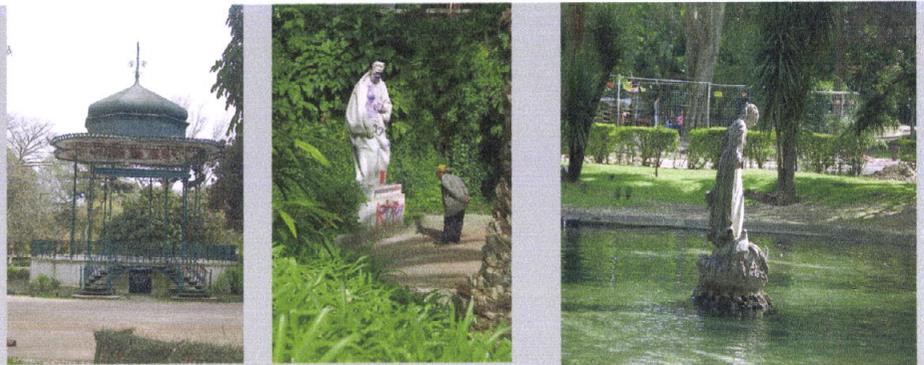
Refira-se que todo o mobiliário citado apresenta uma coerência formal quanto a estilos e materiais, que contribui para a imagem do Jardim enquanto espaço tradicional, histórico.

## Arte Pública

Fig.13  
Coreto

Fig.14  
Estátua  
Antero de Quental

Fig.15  
Estátua  
Filha do rei a guardar patos



O Coreto, originário do antigo Passeio Público é o elemento construído mais emblemático deste espaço. De qualquer modo é de destacar igualmente uma grande riqueza em estatuária, nomeadamente: O Despertar (Simões de Almeida Sobrinho), O Cavador, (Costa Mota, tio), Filha de rei a guardar patos (Costa Mota, sobrinho), Busto do actor Taborda, (Costa Mota, sobrinho), Antero de Quental (Barata Feio), A Fonte (Maria Glória Ribeiro da Cruz) e a Estátua de João de Deus.

Outrora existente, mas posteriormente retirado refere-se: A Primavera (escultura de faiança da fabrica de Devessas de Vila Nova de Gaia), Monumento a João de Deus (Leopoldo de Almeida), Peças ornamentais de faiança das Caldas (Rafael Bordalo Pinheiro) e o Busto de Antero de Quental (Diogo Macedo)

## Vegetação e fauna

Fig.16  
*Ficus macrophylla*

Fig.17  
Lago envolto em  
vegetação variada



Um dos factores que mais contribui para a identidade deste espaço e sua capacidade de atracção, é a vegetação: herbácea, arbustiva e sobretudo a vegetação arbórea. Destacam-se como árvores marcantes do jardim: araucárias, cedros, lódãos, ulmeiros, olaias, ciprestes, choupos-brancos, loureiros, pinheiros-mansos, grevíleas, castanheiros-da-india, jacarandás, chorões, magnólias, freixos, pimenteiras, ficus (*ficus macrophylla*).

Em termos arbustivos, o jardim é rico e ao longo do tempo foi várias vezes melhorado. Como exemplo de espécies existentes, refere-se os loendros, as tamargueiras, rododendros, azáleas, cameleiras, pascoinhas, azevinhos, hortenses, hibiscos, berberias, lantanas.

Destaca-se igualmente um grande número de aves (patos, pavões e cisnes). Nos lagos podem-se observar peixes e tartarugas. Os patos e os pavões são diariamente alimentados pelos serviços de manutenção.

### **Conforto físico e climático**

Quase todo o jardim da Estrela apresenta um declive suave, inferior a 8%, permitindo a circulação de peões sem recurso a rampas muito inclinadas, ou a escadas.

A zona Noroeste, nas imediações da creche, apresenta um declive mais acentuado, entre 8%-15%, apresentando percursos rampeados bastante inclinados.

A zona envolvente ao miradouro e o 'Grotto', distinguem-se do restante por apresentarem declives muito acentuados. Os percursos apresentam inclinações muito acentuadas, sobretudo o acesso ao miradouro.

A área entre a entrada direita na Praça da Estrela, até às entradas oposta na Rua de São Jorge, e a entrada da Rua da Estrela tem uma exposição predominantemente a Sul/Sudeste, ou seja, em termos de exposição solar é uma encosta quente a temperada.

Do lado oposto, a norte da Casa do Idoso a exposição é noroeste, ou seja, é uma encosta fria.

Na zona central do jardim, por ser pouco inclinada, considera-se que não existe orientação solar predominante.

Embora o jardim apresente uma boa exposição solar, esta é condicionada pela vegetação, devido à existência predominante de elementos arbóreos de grande dimensão. A zona do parque infantil e envolvente, a zona do coreto e as duas áreas relvadas principais, pela ausência de árvores de grande dimensão, destacam-se como sendo as zonas mais ensolaradas.

Este espaço caracteriza-se igualmente por ser pouco ventoso devido à existência de um arvoredo denso em todo o espaço e sobretudo na zona limítrofe. A ausência de percursos com uma orientação Norte-Sul atenua potenciais corredores de vento.

Os elementos de água, em conjunto com a vegetação, permitem o aumento de humidade atmosférica e a regulação da temperatura no Verão, devido à evaporação e à evapotranspiração.

Em termos de conforto climático, este espaço caracteriza-se por ser um local extremamente agradável no Verão, com características que permitem a existência de menores temperaturas aliadas a uma maior humidade atmosférica, comparativamente com a cidade envolvente.

Nas manhãs de Inverno, devido ao grande ensombramento, tende a ser um espaço frio, ganhando características de maior conforto com o decorrer do dia.

FIG.18 PLANTA DE TIPOLOGIA DE PERCURSOS E ZONAMENTO



- |   |                       |   |                     |
|---|-----------------------|---|---------------------|
|  | Z1- Zona central      |  | Percurso principal  |
|  | Z2- Zona Sudeste      |  | Percurso secundário |
|  | Z3- Zona Oeste        |  | Percurso terciário  |
|  | Z4- Zona da cascata   |   |                     |
|  | Z5- Zona do miradouro |   |                     |

0 5 25 50m

## Percursos

A homogeneidade dos pavimentos aliada à largura dos percursos e à ausência de obstáculos ou situações pouco previsíveis, conferem a este espaço qualidades ímpares para idosos, primeira infância, deficientes visuais ou motores.

De acordo com a *Figura 18 - Planta de Tipologia de Percursos e Zonamento*, consoante a sua largura considerou-se a seguinte classificação de percursos:



### - Percursos principais (largura entre 8m-13m)

Os percursos principais que atravessam o jardim, por serem muito largos e pouco ondulados, conferem ao utilizador uma grande amplitude visual, tendo assim a segurança de identificar uma situação de conflito e adoptar um comportamento de fuga ou defesa se necessário. O grande campo de controlo visual por parte do adulto em relação à criança, permite uma fruição do espaço mais descontraída, com maior flexibilidade no afastamento permitido à criança.

A amplitude dos percursos permite o cruzamento de pessoas de modo confortável sem excessiva proximidade física, ou seja, sem que fisicamente tenha que haver desvios ou cedências de passagem. Estes percursos permitem que duas pessoas a conversar, caminhando ou não, o façam no caminho, mantendo a sua distância pessoal (modo longínquo 0.75-1.25m)<sup>17</sup>, sem ter que incomodar ou ser incomodado por outros. Estes percursos, em dias de chuva, e com os chapéus abertos, permitem circular lado a lado, e o cruzamento com outros.

Outro facto importante é que os caminhos principais se apresentam planos ou com inclinações pouco acentuadas, e com um pavimento liso (predominantemente betuminoso corado), permitindo a circulação por utilizadores de cadeiras de rodas.

<sup>17</sup> Distância pessoal modo longínquo, segundo Hall (1986), de acordo com o seu modelo proxémico para a sociedade americana, é a distância que permite a discussão de assuntos pessoais, com voz moderada.

Estes percursos destacam-se pela função de ligação rápida entre as diversas entradas do jardim, promovendo o atravessamento do mesmo, e dentro do jardim pelo acesso a grande parte dos equipamentos/infra-estruturas: parque infantil, café/esplanada, casa do idoso, sanitários e biblioteca.

Com exceção do percurso associado à entrada Noroeste, estes percursos são quase planos.

#### -Percursos secundários (largura entre 3,5m-4,5m)

Os percursos secundários são percursos largos, com uma boa amplitude visual, com um uso menos intensivo, permitindo, conjugados com os anteriores, percorrer circularmente todo o espaço. Além de poderem constituir alternativa aos percursos principais em termos de acesso, são convidativos ao passeio.

Estes percursos de um modo geral têm uma inclinação moderada.

#### -Percursos terciários (largura entre 3m-2m)

Os percursos terciários são percursos mais estreitos, com um uso reservado ao passeio e à estadia. Destaca-se os percursos associados do lado Este do jardim até, e incluindo, o miradouro, e os percursos do 'grotto'. Em relação às inclinações estes percursos são geralmente mais íngremes, destacando-se o topo do miradouro (a 'montanha'), com degraus e escadas de acesso. Em termos de pavimentos verifica-se uma maior diversidade.

O percurso do miradouro, com baixa amplitude visual, é um exemplo de uma situação que não transmite percepção de segurança. Por outro lado, tal como os percursos na zona do 'grotto' permitem, sobretudo para os mais novos, momentos de descoberta, uma sensação de aventura.

### **Zonamento**

Este zonamento constitui o resultado de uma síntese das características físicas e funcionais do espaço. Considerou-se o seguinte zonamento (*Figura 18 - Planta de Tipologia de Percursos e Zonamento*):

#### **- Zona central (z1)**

Esta zona, caracteriza-se por ser praticamente plana, e se incluem a quase totalidade dos denominados percursos principais. Em termos de infra-estruturas e equipamentos, localiza-se aqui o parque infantil, o campo de jogos, o coreto, a pequena biblioteca, e o café e esplanada. A ligação entre as entradas principais faz-se por esta zona.

Destaca-se a existência de dois dos lagos principais, um na proximidade da esplanada e outro perto do parque infantil. Esta é a zona onde se encontram os relvados mais solarengos, nomeadamente na proximidade do coreto.

Fig.21  
Zona Central  
Entrada direita, junto à  
Praça da Estrela



Fig.22  
Zona Central. Relvado



### - Zona oeste (z2)

Esta zona caracteriza-se por um declive moderado, e uma orientação que resulta em características climáticas temperadas/ quentes. Neste espaço localiza-se a Creche, um dos grupos de mesas associado ao jogo das cartas, e dois dos lagos; o pequeno lago junto à creche e o lago na proximidade da entrada noroeste. Apesar da proximidade deste lago da entrada, pela configuração do espaço envolvente, constitui um local de estadia pouco exposto.

### - Zona sudeste (z3)

Esta zona caracteriza-se por ser uma pequena encosta de forma longilínea e de declive variável. Apesar dos seus percursos serem estreitos (classificação P3) e ser rico em vegetação, pela sua forma e configuração topográfica é um espaço de grande acessibilidade visual da zona central. Ou seja, existe, em simultâneo, uma sensação de alguma privacidade aliada a uma percepção de segurança.

Fig.23  
Zona Oeste



Fig.24  
Zona Sudeste



### - Zona do 'grotto' ou cascata (z4)

Como uma ilha dentro da zona central, o 'grotto', é um pequeno espaço redondo em forma de cova com uma parede rochosa onde escorre água e onde se localiza a estátua de Antero de Quental. Apesar de ser um espaço fechado, não acessível nem visível pelo lado norte, a sua localização dentro da zona central faz com que seja muito espreitado, muito exposto a olhares fortuitos, eliminando a percepção de privacidade que seria expectável.

### - Zona do miradouro (z5)

O miradouro, outrora com vista para o rio, é um local isolado não visível do resto do jardim. Por não fazer parte de um percurso com continuidade, por já não ter a vista para oferecer, por não ser um espaço com uma função clara, é um espaço apenas usado por quem busca a privacidade e visitado por curiosos, normalmente turistas ou crianças. Este é o local do jardim onde a percepção de segurança é mais reduzida.



#### 5.1.4 Animação Cultural

O Jardim da Estrela, sobretudo ao fim de semana, é palco de inúmeros eventos ao longo do ano. Destes destacam-se mensalmente a Feira de antiguidades (3º Sábado do mês) e a Feira de artesanato urbano (1º Domingo do mês).

Durante o Verão, destaca-se ao domingo aulas de Yoga no jardim, e na última semana de Agosto e primeira de Setembro o Cinelapa (cinema ao ar livre).

Ao longo do ano existe uma série de eventos diversos como por exemplo, a festa da criança no dia 1 de Junho e os torneios de Sueca e Damas. Em termos musicais destaca-se o Festival de Jazz, o Festival de Folclore e as actuações do grupo coral da Junta de Freguesia da Lapa.

#### 5.1.5 Serviços Urbanos de Manutenção

De acordo com visita ao local acompanhada pela responsável pela manutenção e o encarregado geral<sup>18</sup>, verificou-se que este espaço requer um investimento constante pela entidade responsável pela sua manutenção, a Câmara Municipal, nomeadamente:

<sup>18</sup> Eng. Alexandra Canha, responsável na Divisão de Jardins pelo jardim da Estrela e o Sr. Caixas, encarregado Geral do Jardim

Limpeza – Como qualquer espaço de uso público, este jardim tem que ser diariamente limpo. Além do lixo convencional de papéis e restos de comida, é de referir os dejectos de cães. Por ser um jardim de grande dimensão muito utilizado para passear de cães, frequentemente sem trela, o que leva à necessidade de uma limpeza mais cuidada não só ao nível dos pavimentos como dos relvados.

Destaca-se actualmente uma maior quantidade de lixo ao nível de jornais, pela difusão e posterior abandono de jornais diários gratuitos. Segundo o encarregado, é frequente que os responsáveis pela distribuição dos mesmos os coloquem em cima dos bancos, acabando um grande número, naturalmente, por ir parar ao chão.

Ao estar equipado com quatro lagos, a limpeza e manutenção anual dos mesmos é essencial.

Manutenção das zonas ajardinadas e património arbóreo – O Jardim da Estrela é um jardim com um vasto património arbóreo, que pela dimensão e idade, obriga a um trabalho grande e sensível com a sua limpeza e manutenção.

A existência de grandes canteiros com herbáceas vivazes e herbáceas de estação, obrigam a um trabalho de manutenção minucioso e constante. As brincadeiras das crianças, os cães e algum vandalismo, agravam esta necessidade.

Os relvados, pelo seu uso intensivo frequentemente para jogos de bola e brincadeiras com cães, necessitam igualmente de uma manutenção intensiva.

Reparação e beneficiação do mobiliário urbano, estatuária e iluminação – Este jardim é, sobretudo durante a noite, após o fecho alvo de recorrentes actos de vandalismo, com destaque para a danificação do mobiliário urbano, destruição das luminárias e o *graffitismo* de estatuária e equipamento diverso.

Enquanto o mobiliário é frequentemente reparado e mantido, o sistema de iluminação está muito degradado, sendo a sua recuperação constantemente adiada fruto de desentendimentos entre a Câmara Municipal e a EDP. Como resultado, existe actualmente uma iluminação nocturna muito reduzida, dissuadindo o uso do espaço a partir do anoitecer e dificultando a sua vigilância.

Parte da estatuária necessita de recuperação.

Fig.28  
Luminária partida

Fig.29  
Graffiti e vandalismo  
na estátua Antero de Quental

Fig.30  
Acesso ao miradouro  
Área muito vandalizada



Vigilância – O jardim fecha à meia-noite, e durante a noite tem um guarda permanente no seu interior. Este facto pode atenuar actos de vandalismo, mas não os elimina. O facto de ser só um guarda para uma área tão extensa, associado à quase inexistência de iluminação, torna a tarefa de vigilância deste espaço praticamente impossível.

Durante o dia existe regularmente rondas de policia, a pé ou de carro. Registam-se alguns furtos, mas raramente situações de maior violência.

## 5.2 Sistema Utilizadores (actores)

Como já referido na explicação metodológica, foram recolhidos dados, qualitativos e espaciais, referentes à população utilizadora do espaço em dias úteis, nomeadamente o dia útil Segunda-feira e o dia útil Quarta-feira.

Em termos da análise multivariada de resultados, optou-se por considerar ambos os dias. Em termos de análise descritiva, simples e espacial, foi escolhido o dia Segunda-feira.

### 5.2.1 Análise comparativa

Para comparar a distribuição etária dos utilizadores do jardim e a distribuição etária da população potencialmente utilizadora do mesmo, foi necessário proceder à compatibilização dos grupos etários definidos:

Quadro 8 – Tabela de Compatibilização de Grupos Etários

Informação recolhida Juntas de freguesia	Informação recolhida no Jardim	Estudo comparativo
Residentes dos 0 aos 13 anos	Utilizadores do 0-6 anos e dos 7-12	Infância
Residentes dos 14 aos 24 anos	Utilizadores do 13-20	Adolescentes e jovens adultos
Residentes dos 25 aos 64 anos	Utilizadores do 21-64	Adultos (idade activa)
Residentes com 65 e mais anos	Utilizadores com mais de 65	Terceira Idade

Quadro 9 – Tabela Comparativa de Distribuição dos Grupos Etários

	Lapa (residentes)	Santa Isabel (residentes)	Santo Condestável (residentes)	Jardim da Estrela 2ª feira ( utilizadores)	Jardim da Estrela 4ª feira (utilizadores)	Jardim da Estrela Total (utilizadores)
Infância	10,8%	9,6%	9,9%	11,3%	13,8%	12,7%
Adolescentes e adultos	12,0%	12,1%	11,9%	10,2%	12,0%	11,2%
Adultos (idade activa)	49,3%	50,0%	49,8%	54,3%	48,3%	51,1%
Terceira Idade	27,9%	28,3%	28,4%	24,1%	25,9%	25,0%

Pela observação da tabela, pode-se concluir uma distribuição de um modo geral bastante semelhante entre a população residente e população utilizadora, destacando-se proporcionalmente um maior número de indivíduos de idade activa. Este valor justifica-se pelo uso intenso do espaço como atravessamento. Outro factor relevante é a existência, como já mencionado, de um sector terciário muito activo, atraindo trabalhadores e utentes de locais frequentemente fora das freguesias estudadas.

Apesar de ser um dia útil, e as crianças passarem uma grande parte do dia no estabelecimento de ensino, é de destacar que a infância no jardim tem um valor um pouco acima da média dos valores de residentes com idades dos 0-13. O facto deste espaço ser central em relação a diversos estabelecimentos de ensino, potencializa o seu uso como atravessamento pelas crianças, e o uso do espaço pelas próprias escolas que aqui se deslocam com os alunos.

É de referir que em relação à terceira idade, o valor é cerca de 3% abaixo da média de residentes desta faixa etária.

## 5.2.2 Análise descritiva dos dados

A análise descritiva dos dados pretende caracterizar a amostra dos utilizadores do espaço ao longo do dia. Fez-se o estudo em relação ao dia útil Segunda-feira, sendo 1595 o total de indivíduos registados. Foram identificadas as actividades associadas a cada individuo e a agregação, ou seja, se os indivíduos estão sós ou agrupados em grupos de 2,3,4 ou >4.

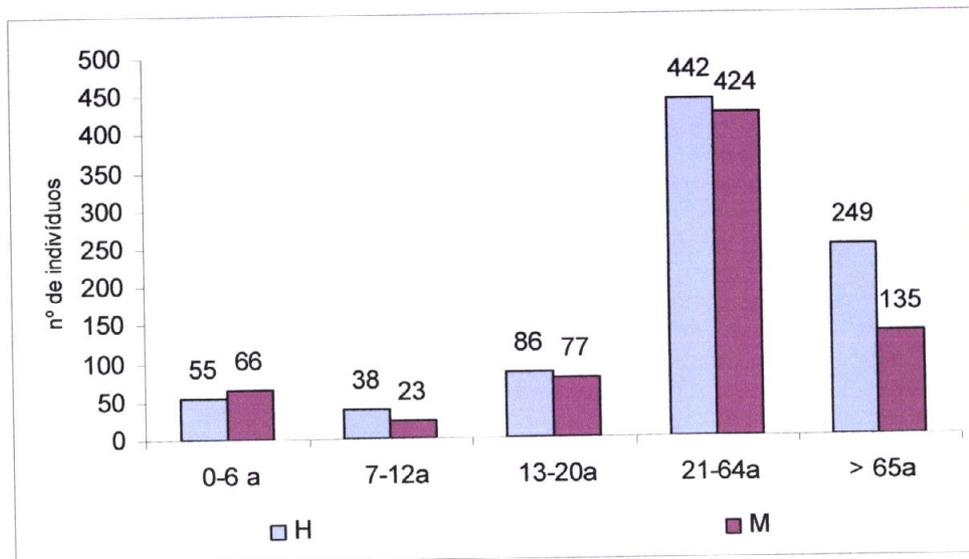
Quadro 10 – Tabelas do Total de Dados Registados no Dia Útil 2ª feira

Actividade	total
Atravessar	822
Entrar e Sair da Creche	15
Passear o Cão	53
Comer	23
Beber água no bebedouro	6
Jogging	65
Jogar à Bola	25
Brincar	122
Andar de Bicicleta	10
Trepar às Árvores	4
Andar de Skate e Patins	0
Passear	232
Observar ou/e Fotografar	12
Alimentar aves	1
Dormir	4
Estar Sentado	265
Conversar	444
Jogar às cartas	29
Ler ou/e Escrever	45
Falar Sozinho	2
Ouvir Rádio	5
Falar ao Telefone	0

Agregação	total
Agregação 1	703
Agregação 2	473
Agregação 3	201
Agregação 4	116
Agregação <4	102

Observando o Quadro 10 destaca-se claramente do todo o número de indivíduos atravessar o espaço, constituindo 51,54%, significando que claramente o jardim é um espaço de comunicação entre as diferentes áreas urbanas contíguas. Em termos de agregação, é de referir que 44% dos indivíduos utilizadores do espaço estão sozinhos.

Gráfico 1 – Caracterização da população de acordo com a idade e sexo



Observando o gráfico 1, com exceção da terceira idade, existe uma paridade clara entre ambos os sexos. Destaca-se a classe de indivíduos com idades entre 21-64, que constituem mais de metade da população estudada (54,3%).

Ao contrário da realidade das freguesias envolventes, em que a população feminina é superior à masculina, no jardim ocorre o oposto.

Gráfico 2 – Caracterização da variação do uso ao longo do dia de acordo com a idade, para o sexo masculino

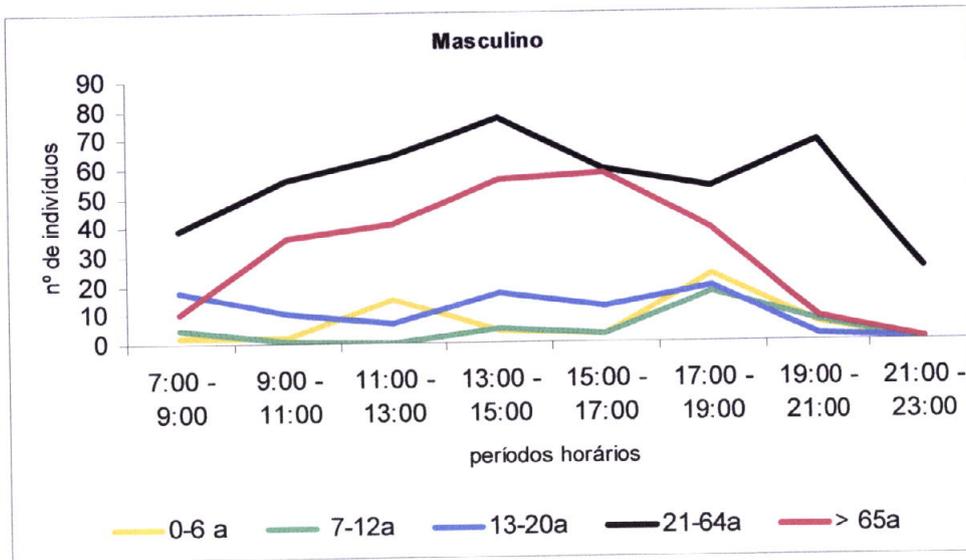
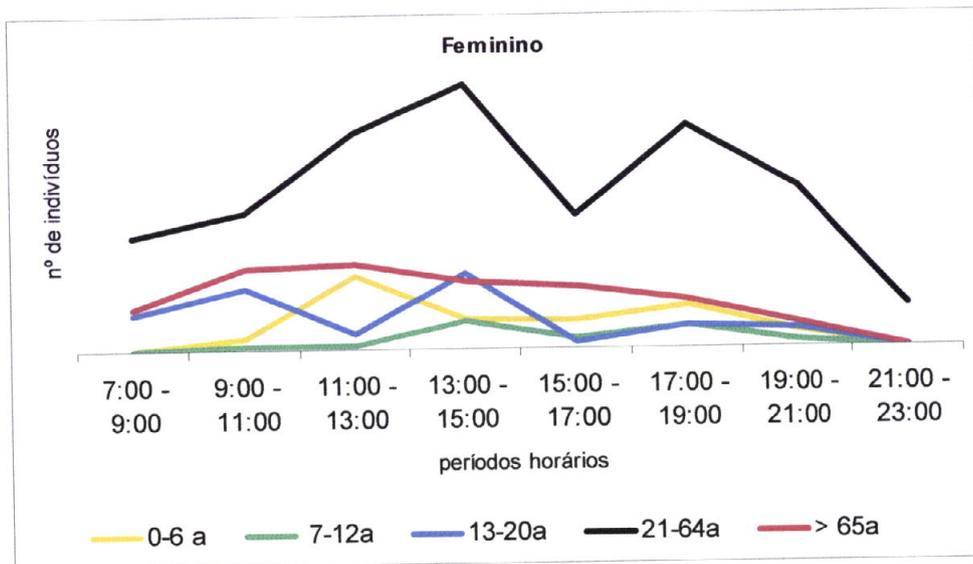


Gráfico 3 – Caracterização da variação do uso ao longo do dia de acordo com a idade, para o sexo feminino



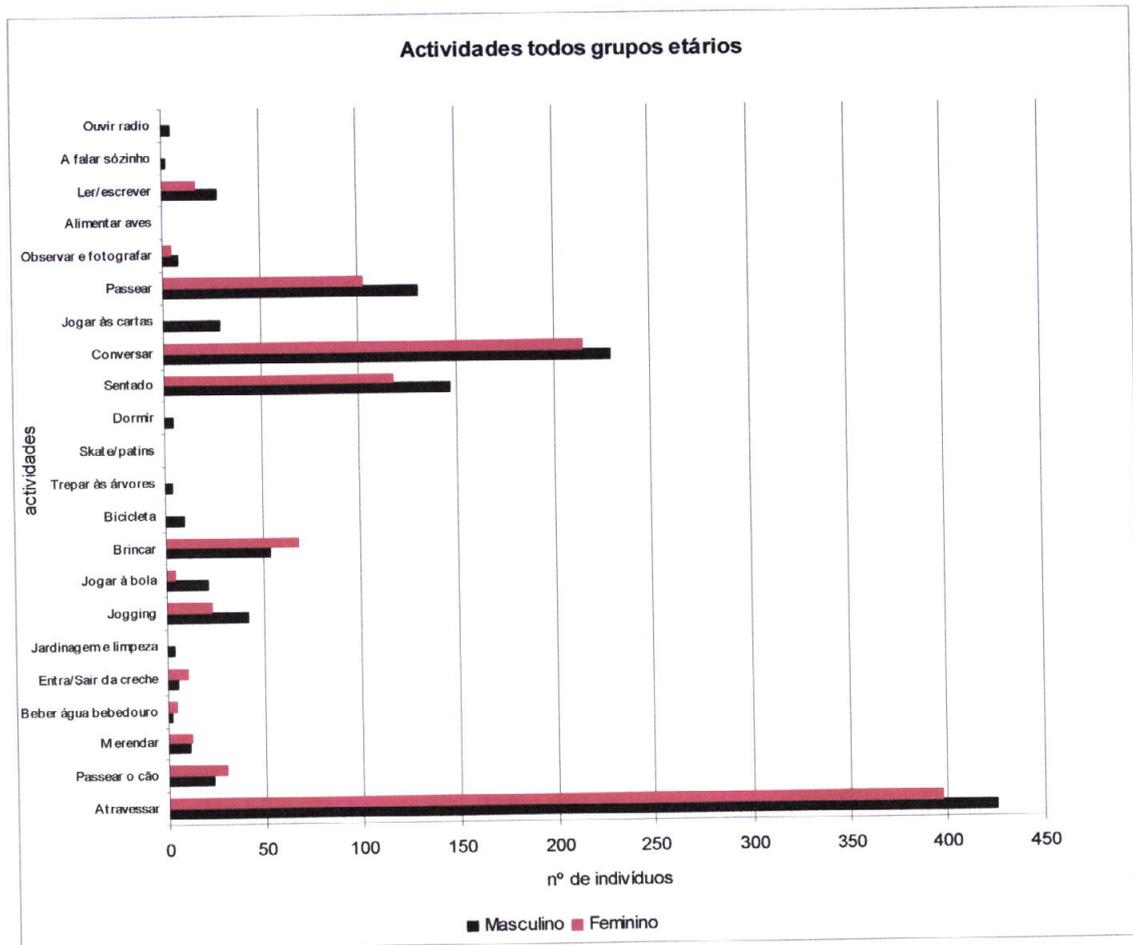
Após observação e comparação do gráfico 2 e do gráfico 3, confirma-se que os utilizadores mais representados são adultos na classe activa (21-64), e os homens com idade superior a 65.

Verifica-se que existe, para as classes etárias dos 21-64 e superior a 65, uma clara diferença entre ambos os sexos, relativamente ao horário de uso do jardim. Embora a classe 21-64, para ambos os sexos, apresente o número máximo de utilizadores no intervalo 13:00-15:00, à hora do almoço, o segundo período de utilização máxima é diferente, sendo 17:00-19:00 para o sexo feminino, e 19:00-21:00 para o masculino. Duas hipóteses que se podem colocar é o facto das mulheres, perante as responsabilidades familiares se ausentarem mais cedo do espaço ou se empregadas, saírem mais cedo do trabalho do que os homens, atravessando o espaço no período anterior a estes. Destaca-se uma grande quebra de presença feminina entre as 15:00-17:00.

A primeira infância, para ambos os sexos, tem uma utilização do espaço sobretudo entre os períodos 11:00-13:00 e 17:00-19:00, claramente associado a períodos de saída de escola, utilizando o jardim como percurso e/ou espaço para brincar. O grupo etário dos 7-12 anos tem um comportamento semelhante, variando apenas o período de almoço, neste caso, das 13:00 às 15:00.

Em relação aos utilizadores com mais de 65 anos destaca-se uma muito maior presença masculina em relação à feminina. É de referir que os homens atingem o máximo da sua presença no período 15:00-17:00, enquanto as mulheres, com uma presença relativa muito reduzida, apresentam o máximo entre as 9:00-13:00, decrescendo a sua presença, regularmente ao longo do dia. É de salientar que esta faixa etária é a que apresenta uma maior discrepância de comportamento entre sexos, optando-se posteriormente no gráfico 5, por fazer uma caracterização percentual de variação das actividades para esta faixa etária.

Gráfico 4 – Caracterização da variação das actividades de acordo com o sexo

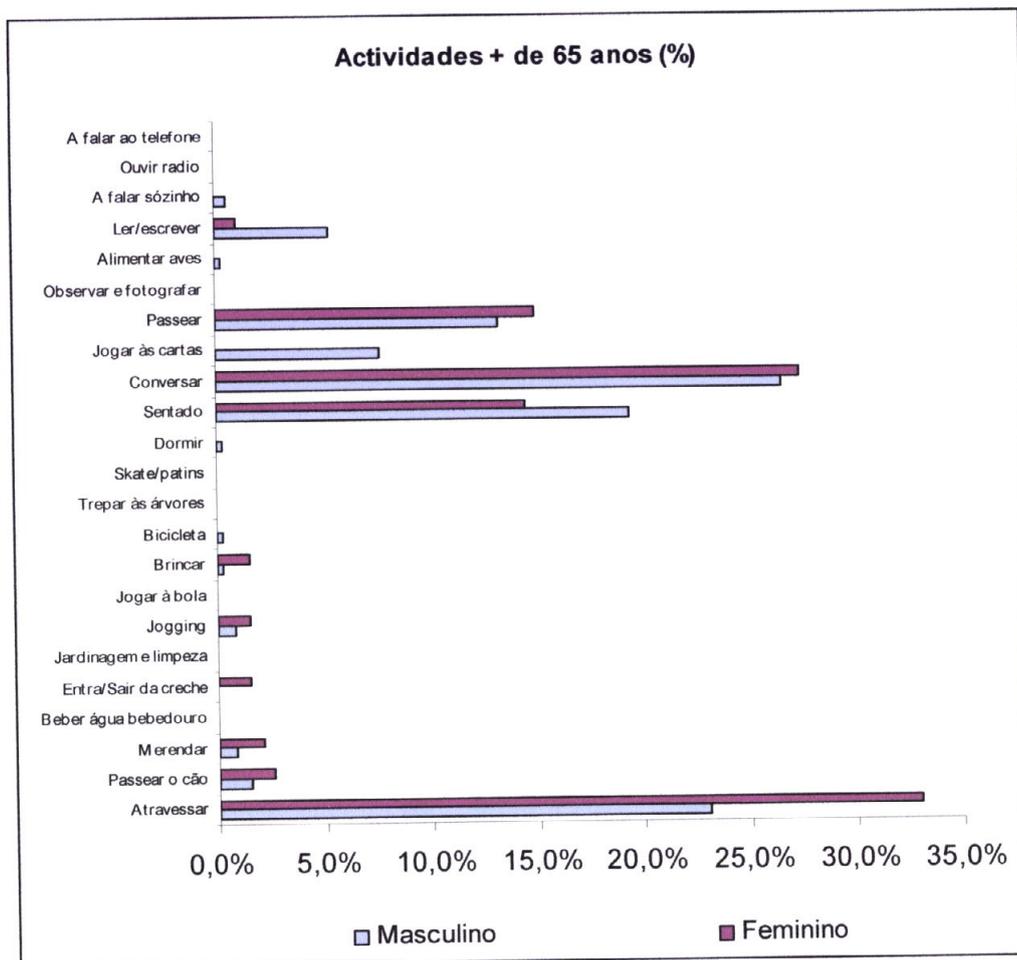


O Gráfico 4 permite concluir mais uma vez que o atravessamento é claramente a actividade dominante. Ou seja, o uso do espaço é um meio para atingir um objectivo externo ao próprio espaço, chegar de um local ao outro.

Alem desta actividade, pode considerar-se mais quatro actividades principais: conversar, estar sentado, passear e brincar. À excepção da actividade brincar, em todas estas actividades o número de indivíduos masculinos é nitidamente superior ao feminino.

A actividade 'jogar às cartas' destaca-se por ser exclusivamente masculina.

Gráfico 5 – Caracterização percentual da variação das actividades de acordo com o sexo para indivíduos da classe etária superior a 65 anos



Com o estudo comparativo entre os dois sexos para a classe etária superior a 65 anos verificou-se que a actividade física principal é atravessar e, em menor percentagem, passear. Em termos de lazer social, mais de 25% desta classe etária foram registados a conversar, e 7,6% dos homens a jogar às cartas; actividade exclusivamente masculina.

Cerca de 19,4% da população masculina estava sentada, contrastando com 14,4% da população feminina. Associada ao estar sentados existe a actividade de ler e escrever, claramente com uma maior incidência na população masculina.

Destaca-se ainda nesta classe etária a população feminina, provavelmente avós, com actividades associadas ao acompanhamento de crianças, como brincar e entrar e sair da creche.

Gráfico 6 – Caracterização, para o sexo feminino, da variação das 5 actividades principais ao longo do dia

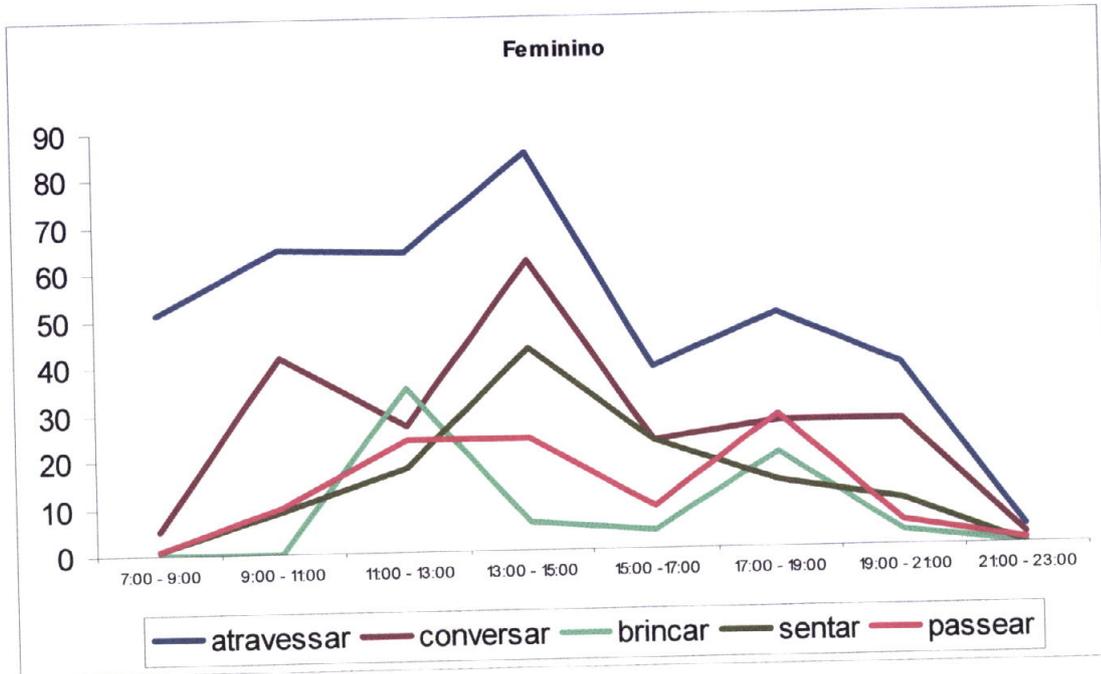
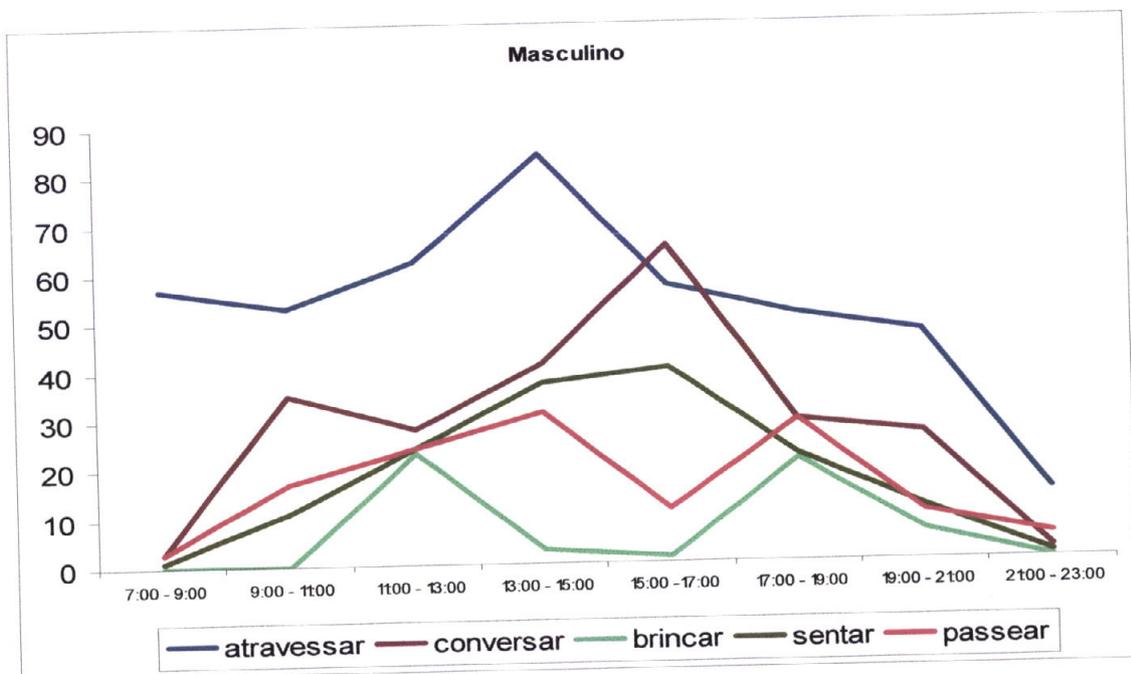


Gráfico 7 – Caracterização, para o sexo masculino, da variação das 5 actividades principais ao longo do dia

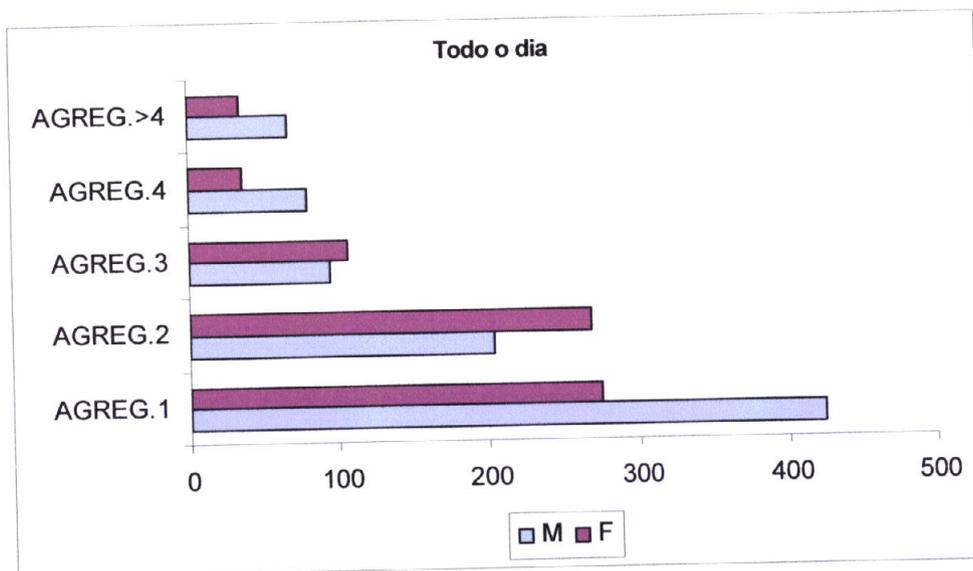


A observação e comparação dos gráficos 6 e 7, permite verificar que ao longo do dia as actividades atravessar, passear e brincar têm uma distribuição bastante semelhante para ambos os sexos.

As actividades *sentar* e *conversar*, frequentemente associadas, atingem o máximo de indivíduos do sexo masculino no período entre as 15:00-17:00, e para o sexo feminino no período entre as 13:00-15:00. Comparando com o gráfico 1 e gráfico 2, verifica-se que para o sexo masculino o período 15:00-17:00 é o momento onde se conjuga o máximo de homens de idade superior a 65, com um valor alto de homens com idade 21-64. Em relação ao sexo feminino, das 13:00-15:00 é o período de uso mais intenso para a idade 21-64, ou seja mulheres na idade activa, residentes ou não, no seu período de almoço.

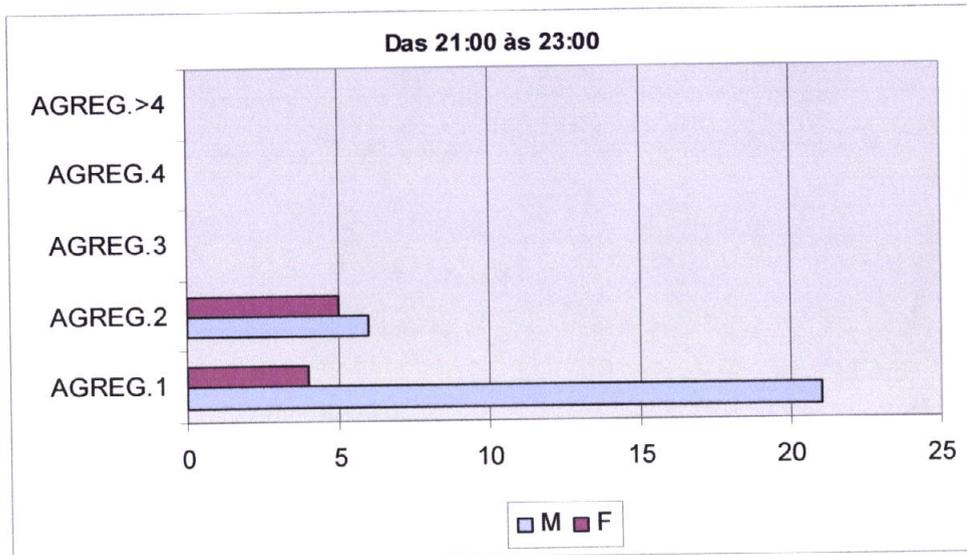
Além das actividades, quando e por quem são praticadas, considerou-se importante analisar se esse uso de espaço se faz por indivíduos isolados, aos pares ou em grupo.

Gráfico 8 – Caracterização da variação de tipos de agregação entre indivíduos. Todo o dia



Quase metade da população masculina utiliza o espaço sozinho; usando-o como atravessamento, para estar sentado ou passear. A população feminina, apenas cerca de um terço o utiliza sem estar acompanhada.

Gráfico 9 – Caracterização da variação de tipos de agregação entre indivíduos. Período das 21:00 às 23:00



No período nocturno, como é possível observar no gráfico 8, a população utilizadora do espaço é muito reduzida. Destaca-se que o uso é feito maioritariamente por homens não acompanhados. Comparando com o gráfico 2, gráfico 3, gráfico 5 e gráfico 6, podemos deduzir que se tratam sobretudo de homens na idade activa, que atravessam o espaço. Refere-se ainda existência de pares, frequentemente mistos que atravessam o jardim enquanto conversam.

Mulheres sós a esta hora são pouco frequentes, neste caso apenas quatro. A pouca iluminação do espaço aliada à baixa frequência existente, dissuadem o seu atravessamento.

### 5.2.3 Análise multivariada

Recorreu-se a uma análise Cluster no intuito de identificar grupos com o mesmo tipo de comportamento. Assim, de acordo com o critério de selecção pré determinado, classificou-se uma amostra de entidades (indivíduos) num pequeno número de grupos mutualmente exclusivos.

Na aplicação deste método, hierárquico aglomerativo, foi escolhido como algoritmo aglomerativo principal o Average-linkage.

Os dados foram agrupados de modo a considerar quatro grandes períodos principais: Manhã (7:00-11:00), Almoço (11:00-15:00), Tarde (15:00-19:00), Noite (19:00-23:00). Posteriormente, rejeitou-se em cada um destes períodos principais as actividades com uma representação inferior a 5% em todos os

grupos etários. Apresentam-se em anexo os dados referidos (Tabela de Dados utilizados na Análise Multivariada).

**Esta análise iniciou-se com a identificação do agrupamento de grupos etários/sexo em função da variável actividade (dendrograma 1 a 5)**

Analisou-se, para o dia completo, o (dendrograma 1), verificando-se que existe uma clara divisão em termos comportamentais entre a população adulta activa, ou seja dos 21-64anos e a restante população, justificando-se (ver análise descritiva de dados) pela existência de uma população activa que usa o espaço sobretudo para atravessamento e a restante que o usa com um intuito de fruição do mesmo.

Na restante população há um claro distanciamento a nível comportamental entre os homens com mais de 65 anos e os outros indivíduos. Estes apresentam um tipo de comportamento específico, muito distinto das mulheres da mesma faixa etária, como observável no gráfico 5. Por fim podemos referir a existência de dois sub-grupos, o que agrega a infância (0-12) e um outro subgrupo que engloba o restante.

Analisando apenas para o período da manhã (dendrograma 2) verifica-se, como no dendrograma 1, a clara divisão entre os utilizadores em idade activa e a restante população. De manhã observa-se a existência de três subgrupos, o subgrupo dos homens com idade superior a 65 anos próximo em termos comportamentais do subgrupo dos adolescentes, e o subgrupo das mulheres com idade superior a 65 anos e das crianças. Observando os dados pode-se supor que os homens mais velhos e os adolescentes, têm em comum, de manhã, o sentar a conversar.

Repetindo o mesmo estudo para a hora de almoço (dendrograma 3), detecta-se neste caso uma divisão dos indivíduos em dois grandes grupos: população idade activa e idosa masculina, e os restantes utilizadores. Ou seja, neste período de tempo (11:00-15:00) podemos intuir que a população activa (provavelmente muita não residente) utiliza o espaço no seu intervalo de almoço, por exemplo: atravessa o jardim (por vezes para ir almoçar ou beber um café à esplanada), passeia, senta-se por vezes a ler, por seu lado, os homens idosos, mesmo almoçando em casa, fazem o mesmo tipo de uso.

A nível dos restantes utilizadores, destaca-se o grupo da primeira infância, que entre as 11:00-13:00 utiliza intensamente o parque infantil, indo provavelmente depois almoçar.

À tarde no período 15:00-19:00 (dendrograma 4), acentua-se a clara divisão comportamental entre os dois grupos, o da população de idade 21- 64 e homens de idade superior a 65, e o grupo dos restantes.

Observando os dados verifica-se que o primeiro grupo tem um comportamento semelhante, estar sentado a conversar.

Por fim analisa-se a noite (19:00-23:00 / dendrograma 5), onde se registam dois grandes grupos, o grupo da idade 21-64 e o restante dos utilizadores. Ou seja existe uma clara separação entre o grupo que utiliza neste período o espaço quase exclusivamente para atravessar e os restantes, quase ausentes no período 21:00-23:00, que no período 19:00-21:00, ainda o utilizam para actividades diversas.

Posteriormente analisou-se o **agrupamento de grupos etários/sexo em função da variável agregação.**

Em termos globais, ou seja numa análise para o dia todo (dendrograma 6), podemos verificar a existência de dois grupos comportamentais principais: o primeiro composto por indivíduos de idade 21-64 e homens idade >65, e o segundo grupo com os restantes utilizadores.

Após observação dos dados confirma-se que comparativamente com os restantes utilizadores, os grupos etários destacados caracterizam-se por uma grande proporção de indivíduos sós, 35% do total da população utilizadora do espaço, destes formando um subgrupo, 27% com a idade 21-64.

Observando agora o período da manhã (dendrograma 7), o período do almoço (dendrograma 8) e o período da tarde (dendrograma 9), verifica-se a mesma grande divisão principal. No período de almoço o comportamento em termos de agregação do grupo feminino com idade superior a 65 anos destaca-se do restante, pelo facto de raramente estarem incluídas em grupos superiores a três pessoas.

Em relação ao período da tarde, no subgrupo de idade 21-64 e homens idade >65, destaca-se que os homens, deste sub-grupo, têm um comportamento mais próximo. Observando os dados, é visível que este subgrupo se forma pela grande proporção conjugada de pessoas sós e pessoas aos pares, e que as mulheres tendem a andar mais aos pares do que os homens.

Neste período, no outro subgrupo formado pelos restantes utilizadores, destaca-se as mulheres de idade superior a 65 anos formam um grupo, caracterizado por 89% dos seus indivíduos estarem em agregações iguais ou inferiores a 3.

No período da noite (19-00-23.00), destaca-se por uma clara divisão entre indivíduos de idade activa, sós ou aos pares, e a restante população.

## 5.2.4 Análise espacial de uso

A análise espacial de uso foi sintetizada em quatro tipos de abordagem, considerando os quatro grandes períodos principais do dia Segunda-feira: Manhã (7:00-11:00), Almoço (11:00-15:00), Tarde (15:00-19:00), Noite (19:00-23:00).

### 1 - Análise da distribuição espacial dos utilizadores ao longo do dia, de acordo com o sexo e idade

Observando a peça desenhada 01 – Distribuição espacial dos utilizadores ao longo do dia, detecta-se espacialmente uma variação de uso ao longo do dia, a nível quantitativo e qualitativo.

Verifica-se que o atravessamento do espaço pelos percursos principais da denominada zona central constitui uma constante ao longo de todo o dia, diminuindo bruscamente entre as 21:00-23:00. É de salientar que quase metade dos utilizadores registados neste dia estavam a atravessar o jardim. Em termos etários, verifica-se uma dominância da classe etária 21-64. Observa-se que à hora de Almoço o uso dos percursos principais é muito intenso, com um uso muito acentuado da população feminina adulta.

As entradas do lado da Basílica são as que têm um uso mais intenso, sendo a entrada da Rua de São Bernardo a que regista menor uso.

O parque infantil é muito frequentado durante a hora de almoço e durante a tarde, registando-se de manhã e de noite, a partir das sete horas, muito pouco uso. O acompanhamento das crianças faz-se maioritariamente por mulheres. Curiosamente o campo de jogos é utilizado apenas intensamente à tarde, verificando-se um uso quase exclusivamente masculino (ao nível da criança e do seu acompanhante).

Destaca-se a concentração de indivíduos adultos do sexo masculino, com um predomínio de idade superior a 65 anos, nos locais com mesas onde se jogam às cartas. Três destes locais são na proximidade da creche, o outro é perto da casa do idoso. Esta actividade inicia-se à hora do almoço e estende-se pela tarde.

É de referir a ausência de registos na zona da Cascata, e apenas um no topo do Miradouro.

### 2- Análise da distribuição espacial dos utilizadores ao longo do dia de acordo com a actividade

No estudo da planta *0.2-Distribuição dos indivíduos de acordo com as actividades*, é possível identificar e interpretar as variações ocorridas durante os períodos em estudo.

Mais uma vez se confirma a dominância da actividade atravessar em todos os períodos, ao longo dos percursos principais na direcção Praça da Estrela, Av. Álvares Cabral. Destaca-se quantitativamente o período da manhã e período de almoço.

Os períodos de almoço e tarde, caracterizam-se por uma maior diversidade de usos, e maior dispersão espacial de utilizadores no espaço. O uso infantil nestes períodos, é muito relevante destacando-se que o conjunto das actividades Brincar, Preparar, Jogar à Bola estão muito representados espacialmente. O período de almoço destaca-se pela grande concentração de crianças no do Parque Infantil e a ausência destas a jogar à bola no campo de jogo. À tarde há uma maior dispersão. É nestes períodos igualmente que se verifica espacialmente uma maior dispersão dos indivíduos sentados.

O jogo das cartas é uma actividade que se inicia no período do almoço e se estende ao longo da tarde, período em que quatro grupos de mesas, três nas imediações da creche, um próximo da casa do idoso estão dominados por esta actividade.

Observando a planta *0.3.-Distribuição dos indivíduos para actividade conversar*, verifica-se que esta actividade é mais relevante no período das 11:00-19:00, com excepção dos grupos do jogo de cartas, localiza-se quase apenas na denominada zona central.

Passear o cão é uma actividade que, à excepção da zona da cascata, se encontra registada dispersamente por todo o espaço.

O Jogging faz-se ao longo de todo o dia, sendo claramente uma actividade em que os indivíduos optam por um percurso circular e o mais extenso possível, utilizando muito os percursos perto do limite do espaço. Esta actividade está muito presente no período depois das 19:00.

A actividade passear é feita frequentemente de um modo circular, mas utilizando menos os percursos periféricos. Existe claramente um uso preferencial do período da tarde e da zona central, para esta actividade.

### **3- Análise da distribuição espacial dos utilizadores ao longo do dia de acordo com a agregação**

Observando a peça desenhada *04.1 – Distribuição espacial dos utilizadores sós*, ao longo do dia, é óbvia e notória a ausência da classe etária 0-6 anos, e a presença muito reduzida da classe etária 7-12 anos, reflectindo-se na ausência de registos no parque infantil e no campo de jogos. Destaca-se de um modo global uma dominância de população adulta masculina.

Há um claro predomínio de utilizadores sós, homens e mulheres, na zona central, associados ao atravessamento do espaço. É de manhã e no período do almoço que se registam mais elementos femininos.

Observa-se que, enquanto a zona Este se destaca por um uso dominante de homens adultos, a zona Oeste caracteriza-se por ter também uma marcada presença feminina.

No período referente ao período nocturno 19:00-23:00, é de referir uma menor quantidade de utilizadores sós em todo o espaço, incluindo nos percursos principais. Destaca-se entre as 21:00-23:00 um uso quase exclusivo de homens sós.

Observando a peça desenhada 04.2 – *Distribuição espacial dos utilizadores ao pares*, ao longo do dia, e comparando com a peça desenhada anterior, destaca-se por um lado uma menor quantidade de indivíduos, por outro uma dispersão mais homogénea no espaço. Observa-se, com excepção do período da manhã, um claro predomínio de pares mistos. Existe sempre um maior número de pares femininos do que pares de indivíduos masculinos, destacando-se o período do almoço como a fase do dia com muito maior número de pares femininos.

Em termos etários á excepção dos pares compostos por adultos acompanhando crianças, os pares são na sua maioria homogéneos.

Observando a peça desenhada 04.3 – *Distribuição espacial dos utilizadores em grupo de mais de dois indivíduos* ao longo do dia, é relevante a existência de grupos no período de almoço e no período da tarde, sendo menos frequente de manhã e a partir das 19:00. Em termos etários á excepção dos grupos compostos por adultos acompanhando crianças, os grupos são na sua maioria homogéneos.

No período de almoço e de tarde, verifica-se a existência de grupos de homens de idade superior a 65 anos, associados aos jogos de cartas. Igualmente na proximidade da casa do idoso, com excepção do período nocturno, registam-se agrupamentos de homens de idade superior a 65 anos.

Verifica-se em relação à população feminina adulta no período de almoço, a existência frequente de grupos de três mulheres.

A partir do período do almoço, e ao longo da tarde regista-se um uso do jardim infantil por crianças inseridas num grupo escolar ou mais de uma criança com um acompanhante. No campo de jogos é habitual os meninos, e por vezes também os seus acompanhantes, formarem grupos para jogar à bola.

De manhã e à tarde verifica-se existência de grupos mistos de jovens, provavelmente da Escola Secundária próxima.

### **5.2.5 Observação comportamental**

A observação do comportamento no espaço, é um dos métodos básicos para entender como as pessoas utilizam o espaço e como interagem durante essa utilização.

A observação comportamental foi feita ao longo de todo o tempo que decorreu o trabalho, não se limitando aos dias estudados. É importante referir que este estudo é subjectivo sendo as observações

feitas de acordo com o analista e o seu próprio enquadramento. É essencial também ter presente que ao longo da vida do espaço os factores registados alteram-se, e adquirem diferentes ponderações.

Como vimos anteriormente existe claramente coexistência espacial e um uso em simultâneo do jardim, mas apenas com a observação de comportamentos é possível detectar as interacções. Com esta observação pretende-se igualmente entender os agrupamentos e o modo de estar no espaço.

O jardim da Estrela resulta num 'cenário de comportamento' cujos componentes humanos e não humanos interagem gerando uma sequência de acontecimentos frequentemente previsíveis. A potencialidade de interacção entre pessoas no espaço é um fenómeno importante mas difícil de quantificar.

No jardim público em geral, e neste em particular existem 'Propriedades Situacionais', ou seja regras sociais que determinam o comportamento de cada indivíduo neste espaço. Regras estas que claramente não são percebidas de igual forma por todos os grupos, regras que não são homogêneas em todo o espaço.

A zona central, caracterizada fortemente pelo atravessamento constante de uma população diversa, é um local onde predomina o comportamento comunicativo de interacção não dirigida, ou Alheamento cívico, ou seja, um simples olhar como reacção normal à presença do outro. Nos bancos situados ao longo dos percursos principais é frequente os indivíduos, sós ou não, observarem displicentemente quem passa, reagindo com um olhar mais interessado à passagem de alguém que se destaque.

Por vezes há cumprimentos, mais ou menos intensos, entre os transeuntes. Há encontros entre conhecidos, parando para conversar no meio do caminho ou, se o sentido é o mesmo, andando enquanto conversam.

A dinâmica dos percursos principais e o seu uso universal é convidativo a estar sentado a observar, destacando-se como local preferencial de descanso para os turistas que visitam o espaço.

Fig.31  
Atravessando  
Zona central

Fig.32  
Sentados na  
Zona Central



Na zona de estadia na entrada sul direita, na proximidade do Centro de dia, a utilização dos bancos próximos é feita em grande parte pelos utentes do mesmo; quem quer partilha o mesmo banco, outros mantêm-se próximos mas não partilham o banco. Mantêm uma distância social<sup>19</sup>. É frequente a estadia prolongada nestes bancos por homens, sós ou em grupo, que aqui se sentam a ler o jornal ou a ver quem passa. A entrada sul esquerda tem um uso para estadia menos intenso e mais heterogéneo.



O parque infantil constitui uma zona, essencialmente frequentada por crianças de primeira infância acompanhadas a sua grande maioria por mulheres. É frequente a interacção entre crianças e entre acompanhantes destas. Por vezes, é só uma troca de sorrisos ou comentários curtos, outras vezes, é visível que as pessoas já se reconhecem, cumprimentando-se.

Existe uma presença constante de uma funcionária a controlar não só o uso correcto do equipamento, nomeadamente não permitindo o uso por adolescentes, como também a limpeza e o uso exclusivo por crianças dos sanitários infantis.

No campo de jogos, os utilizadores são maioritariamente homens e crianças com idade até aos doze anos, e verifica-se igualmente uma interacção entre crianças e entre acompanhantes, jogando por vezes todos juntos.

O espaço do recreio infantil, não se confina aos locais pré estabelecidos, observando-se crianças a brincar ou a jogar à bola nos relvados (sobretudo nos próximos do parque infantil), a andar de triciclo, bicicleta, skate ou patins, frequentemente a correr, pelos diversos percursos. Vêm-se por vezes a descansar, nos bancos ou na relva.

O facto de um dos lagos com mais patos se situar próximo do parque infantil, faz que a observação deste faça parte da rotina das crianças que frequentam o parque infantil. Observou-se, mais do que uma vez, que quando alguém leva alimento para as aves, pela agitação criada, gera-se um foco de interesse para as crianças e para os transeuntes próximos, despoletando conversas casuais.

<sup>19</sup> Distância social, (1.20m-3.60m) segundo Hall (1986), de acordo com o seu modelo proxémico para a sociedade americana, é a distância que permite a discussão de assuntos pessoais, com voz normal (as conversas podem ouvir-se até 6m).

As zonas de recreio infantil são locais onde o comportamento comunicativo tende a evoluir da interação não dirigida, à interação dirigida e a um encontro de circunstância.

Fig.35  
Crianças a brincar no relvado

Fig.36  
Crianças a conversar

Fig.37  
Criança a preparar às arvores



As zonas de mesas são ocupadas diariamente por utilizadores masculinos a jogar às cartas. À sua volta é frequente estar um grupo de observadores, que comentam o jogo enquanto aguardam a sua vez. Estes locais geram encontros de circunstância que podem durar a tarde toda, gerando frequentemente relações pessoais entre alguns dos indivíduos.

Fig.38  
Homens a jogar às cartas

Fig.39  
Observadores do jogo das cartas



Os grupos de jovens observados a usufruir o espaço optam pela esplanada (área não registada quando o uso está associado ao consumo no café), pelos relvados ensolarados, ou por vezes escolhem um banco e sentam-se, frequentemente nas costas deste, colocando os pés no banco. Deduz-se que grande parte destes indivíduos são alunos da Escola Secundária Pedro Nunes.

Fig.40  
Coexistência de homens a jogar às carta e jovens a almoçar

Fig.41  
Jovens a descansarem no relvado



É frequente a presença de casais de namorados, utilizadores dos bancos ou das áreas relvadas. A sua distribuição aparentemente associa-se mais às condições de conforto do espaço, como por exemplo presença ou ausência de sol, do que à existência ou não de privacidade.

Um dos locais com algum conforto usado por quem procura alguma privacidade é a área de estadia contígua ao lago, na proximidade da entrada noroeste. É frequente estar aí alguém a ler, ou um par de namorados. Este local por vezes é ocupado por indivíduos pertencentes a grupos sociais marginais, que usam o espaço para comer, dormir e por vezes lavar a roupa. Esta ocupação, se por um lado não é vista como constituindo uma ameaça, por outro não é convidativa a uma estadia partilhada. Verificou-se que a pessoas entram, por vezes estão um pouco, talvez como sinal de que não se sentem ameaçadas, e de seguida retiram-se.

Outro factor relevante é o envolvimento que cada individuo tem com a situação, e a importância de manter um envolvimento apropriado.

É importante para o indivíduo e para os outros, que este tenha a aparência de ter objectivo funcional, ou seja, uma razão clara para usar o espaço.

Por exemplo, fazer jogging, passear o cão, acompanhar crianças são usos geradores de um envolvimento apropriado claro. No acto do atravessamento, o ter um destino envolve um objectivo exterior, neste caso um envolvimento fora da situação actual.

Para os indivíduos masculinos de idade superior aos 65 anos, na idade da reforma, o ir à Casa do Idoso e ir ao jardim passear, é para muitos uma das principais funções do dia. O ir ao jardim, para estes utilizadores, é assumido como importante ao nível do exercício físico. Ou seja, o sentimento de um envolvimento apropriado é sentido por este grupo e utilizadores e reconhecido pelos outros.



Para a população feminina desta faixa etária, à semelhança da população masculina, o sentimento de envolvimento apropriado quando simplesmente se está no jardim, também existe, desde que não seja no período do dia das responsabilidades da lida da casa.

O estar sozinho no jardim, sem um objectivo funcional é frequentemente desconfortável, sobretudo para a população feminina e para a população na idade activa dentro do horário laboral.

Uma mulher sentada só, tende a ser olhada e por vezes abordada por homens frequentadores habituais do jardim. Com o objectivo de manter a percepção de segurança, estas optam por se sentar normalmente na zona central.



Observa-se que as pessoas só têm frequentemente na sua posse, algo para ler ou escrever, mostrando por um lado uma ocupação, real ou não, ou seja que têm um objectivo funcional além da estadia no espaço verde. Registou-se ao todo, nos dois dias estudados, noventa e seis indivíduos a ler ou escrever, e sete a ouvir rádio. Ou seja, o utilizador mantém um envolvimento mínimo além do envolvimento principal ocasionado pela estadia no espaço verde.

### 5.3 Síntese do Sistema

De acordo com o observado, o Jardim da Estrela constitui um elemento essencial do espaço público exterior desta zona da cidade, abrangendo múltiplas funções positivas.

A utilização deste espaço público faz-se integrada e dependente da malha urbana envolvente a nível físico e funcional; com destaque para a lógica das entradas em relação aos fluxos pedonais da envolvente, garantindo uma continuidade funcional. Este espaço faz parte de um todo de espaço público exterior dinâmico, que caracteriza esta zona da cidade.

O Jardim da Estrela concilia sinergias; a sua centralidade, a localização das suas entradas em relação à rede viária e equipamentos locais, tornam-no um espaço muito acessível e intensamente atravessado. A diversidade de actividades registadas, e a abrangência em termos etários, demonstra que este espaço é muito útil para a população residente, ou trabalhadora, no tecido urbano envolvente.

Observou-se que o Jardim da Estrela faz parte da rotina quotidiana de parte da população residente e/ou trabalhadora da área urbana envolvente. O seu uso faz parte, para grande parte dos utilizadores das actividades necessárias diárias, nomeadamente quando é utilizado como atravessamento, acesso à creche, ou utilizado para passear o cão.

A leitura clara do espaço com a localização dos principais equipamentos na denominada zona central, zona de grande visibilidade e regularmente vigiada, aumenta a percepção de segurança por parte do utilizador. Os percursos amplos, e de curvas pouco fechadas, aliado a árvores de copas altas e a um estrato arbustivo baixo na proximidade dos caminhos, conferem um sensação de segurança no uso do espaço. A percepção de segurança aliada à utilidade do espaço são factores que proporcionam bem-estar social.

As áreas laterais permitem um usufruto de locais mais recolhidos, com maior privacidade. Destaca-se o miradouro como o local com maior privacidade, mas com uma percepção de segurança baixa.

À noite, devido à quase ausência iluminação em algumas zonas e a um menor número de utilizadores, a percepção de segurança em todo o espaço é baixa.

As actividades opcionais, ou seja, a fruição do jardim por exemplo para se estar sentado, a ler, passear, brincar e actividades sociais, como conversar e jogar às cartas são caracterizadoras do próprio espaço, fazendo parte da sua identidade. Estas actividades estão dependentes da percepção de conforto, ou seja, bem-estar físico, psicológico e social.

A profusão de locais para sentar e descansar neste jardim é diversificada e cómoda, com situações de sol e de sombra, associadas ao fácil acesso a instalações sanitárias e ao café, são factores que potenciam a percepção de conforto.

A forte presença da vegetação neste espaço, envolvendo o utilizador, é um factor importante respeitante ao bem-estar físico e psicológico dos utilizadores.

A organização espacial deste jardim tem um efeito determinante na forma como os indivíduos utilizam o espaço e, conseqüentemente como os mesmos se comportam quando coexistem.

Por fim é de salientar que a unicidade deste espaço, a sua identidade radicada na sua longa existência e na sua relação com a envolvente é um factor gerador de identidade pessoal e de identidade da comunidade residente ou utilizadora do mesmo.

## **6 Resultados e Discussão**

Pode-se concluir após análise da população utilizadora do jardim que este espaço é usado por todas as classes de grupos etários, de um modo proporcional à população envolvente. Tendo em consideração que o estudo foi feito em dia úteis da semana, e de acordo com a observação e o contexto envolvente, considera-se que os seus utilizadores frequentam o espaço regularmente, no seu dia a dia, promovendo situações de interacção entre os utilizadores.

Como mencionado no capítulo referente à observação comportamental no espaço, dependendo da hora, da actividade e da idade, os utilizadores agrupam-se e interagem.

Regista-se que há vários níveis de interacção entre indivíduos pertencentes a diferentes grupos etários, e que essa interacção é mais intensa quando há afinidades de interesses. Destaca-se a frequente interacção de indivíduos de diferentes classes etárias com crianças e seus acompanhantes e com indivíduos com cães.

Identificam-se alguns agrupamentos relevantes como grupos de homens a jogar às cartas, ou sentados nos bancos. Pequenos grupos de mulheres que aqui se encontram e passeiam e se sentam nos bancos ao longo dos percursos principais.

A localização central do jardim num bairro da cidade com história, memória, confere-lhe um significado especial no contexto da população Lisboeta.

Este espaço existe na sua relação entre o passado e o presente, ganhado novas relações, novas funções de acordo com o contexto histórico e sócio-espacial, acumulando a memória colectiva e individual dos antigos lugares. Vamos procurar o lugar no Jardim dos dias de hoje.

Analisando os resultados obtidos vamos compara-los com as três características comuns que constituem o Lugar antropológico; o ser identitário, relacional e histórico.

O jardim encontra-se integrado num tecido urbano sobretudo residencial, constituindo parte dum espaço público exterior de bairro dinâmico. A proximidade habitacional do Jardim, a sua centralidade em relação aos diferentes equipamentos promove o seu uso frequente.

Pela sua relação com a estrutura urbana, este jardim é muito utilizado como atravessamento por todas as classes etárias. A constatação da coexistência no jardim das diferentes classes etárias consideradas, e do uso do espaço na rotina diária dos seus utilizadores, permite uma grande visibilidade e contacto frequente entre membros da comunidade próxima.

Considera-se que este espaço exterior de proximidade desta zona da cidade, e mais especificamente o Jardim da Estrela, é um lugar Identitário, no sentido que é constitutivo da identidade individual de quem aqui cresce, ou seja, constitui um conjunto espacial e social de possibilidades, prescrições e de interditos que certamente molda a identidade de quem o vive.

Este jardim, embora um espaço público, constitui para parte da população que o frequenta o território secundário, isto é, o espaço próximo a ser partilhado com os outros, mas num sentido restrito.

O Jardim da Estrela, é relacional, no sentido que os utilizadores do mesmo têm em comum a partilha da identidade conferida pelo uso e ocupação do espaço comum.

A análise dos modos de uso do jardim (quem, com quem, que actividade, quando e onde) reproduz a expressão de um contexto histórico e cultural, representando a própria identidade do espaço. A população utilizadora frequente deste espaço aufer e vai adquirindo características que fazem parte unicamente desta população, uma consciência de grupo, uma identidade comum.

A estabilidade encontrada neste espaço, desta conjugação de identidade individual e identidade partilhada, confere-lhe a característica de ser histórico.

Perante a questão inicial se o Jardim da Estrela é um Lugar Público, crê-se com base nos resultados deste estudo podermos concluir que sim, ou seja, é um espaço público apropriado por diferentes grupos sociais que aí coexistem. É um espaço de partilha de experiências, entre pessoas de passados distintos, pertencentes a redes sociais diversas.

### **PARTE III - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pretendeu-se com este estudo contribuir para a compreensão do espaço público enquanto Lugar Público na cidade contemporânea.

Para tal foi essencial a caracterização e entendimento da cidade enquanto território urbano de uma sociedade em rede. Cidade onde os espaços públicos e a multiplicidade de espaços de uso público, simultaneamente, competem entre si e se complementam. Onde os espaços públicos existem numa articulação entre lugar e o espaço de fluxo, entre espaço sujeito à apropriação e o espaço colectivo, e onde a vivência social do espaço público se encontra entre a tensão do comunalismo e do individualismo.

O reaprender a olhar e analisar o espaço público no contexto da sociedade urbana actual é fundamental para o decisor e para o projectista, permitindo um reconhecimento da especificidade e da potencialidade de cada espaço em cada tempo, despertando a capacidade real de intervir através de um olhar crítico, baseado num entendimento da evolução espacial e social da cidade contemporânea.

Procurou-se compreender a importância da existência de espaços públicos enquanto lugares de pertença, identidade e interacção para diferentes grupos sociais na sociedade e no território urbano contemporâneo. Propôs-se o conceito de Lugar Público, para denominação deste espaço.

Fazendo uma abordagem por camadas, ou invólucros ecológicos, estudou-se primeiro de modo genérico e depois de um modo específico no estudo de caso, a cidade contemporânea, o bairro e o espaço público. Abordou-se mais especificamente o jardim de proximidade, ou o jardim enquadrado numa zona residencial, enquanto espaço com potencialidade de Lugar Público.

Os Lugares Públicos reflectem uma estabilidade entre o passado, o presente e o futuro, precisam de tempo para se consolidarem. A sua existência promove e é promovida, pela manutenção de uma vivência cívica diária, radicada na sua utilidade, conveniência, e atractibilidade.

A falta de conhecimento, por parte dos decisores e dos projectistas, é um dos factores que promove a sua eliminação. Uma intervenção alheada das características do lugar leva frequentemente a uma quebra de comunicação entre comunidade e espaço, resultando num processo de rejeição da mesma. Um espaço no qual os potenciais utilizadores não se identifiquem, é um espaço estéril; falta-lhe

interactividade e envolvimento com a componente humana, favorecendo a emergência de sentimentos de indiferença e insegurança, promovendo a degradação e o vandalismo.

Procurou-se com este trabalho contribuir com uma metodologia de análise do espaço público, que permita entender o seu funcionamento, o seu uso e ocupação, a relação dos utilizadores ente si e com o espaço. Ao proceder à análise, é muito difícil face à formação tradicional e disciplinar conseguir uma análise global, onde as correlações entre os diferentes factores constituam um conhecimento uno, capaz de definir o lugar público. É necessário evoluirmos no sentido de uma atitude transdisciplinar, de modo a garantir uma capacidade real de detectar as propriedades emergentes de um lugar.

## BIBLIOGRAFIA

- ALCANTRA, Denise, et al** 2006 *Percurso á deriva na Investigação do Lugar: O caso do Corredor Cultural, Rio de Janeiro*. [http://www.fau.ufrj.br/prologar/arc\\_pdf/diverso/nutau2006\\_percurso\\_deriva\\_safe.pdf](http://www.fau.ufrj.br/prologar/arc_pdf/diverso/nutau2006_percurso_deriva_safe.pdf)
- ALVES, Fernando M. B.** 2003 *Avaliação da qualidade do espaço público urbano. Proposta metodológica* Edição Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a ciência e tecnologia, Lisboa
- ALVES, Maria P.; INFANTE, Sérgio** 1992 *Lisboa – Freguesia da Lapa*, Guias Contexto. Contexto Editora, Lisboa
- ANDERSEN, T.** 2003 *Três Décadas de Arquitectura Paisagista em Portugal. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- ARAÚJO, Norberto; PEREIRA, A. M. —,** Peregrinações em Lisboa. Livro XI, p.47-48. Lisboa
- ARAÚJO, Norberto,** 1952 No centenário do Jardim da Estrela, Revista Municipal, Ano XIII, 53, 2º trimestre, p.25-30. Lisboa
- ARROYO, Júlio,** 2006, *Del espacio publico a lo público en la ciudad escindida – Desplazamientos epistemológicos y conflictos arquitectónicos*, disponível em: WWW. Cafedelasciudades.com.ar, Ano5, nº42, Abril 2006 (8Maio2006)
- AUGÉ, Marc,** (1992) 2005 *Não-Lugares – Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa, 90 Graus Editora
- BAPTISTA, Luís** 2005 *Territórios Lúdicos (e o que torna lúdico um território): ensaiando um ponto de partida* Fórum Sociológico - Dossier Cidade Lúdica Cidade residencial nº 13/14 Institutos de Estudos e Divulgação Sociológica. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa
- BARRETO, A., PONTES J.** 2007 *Quem somos, quantos somos e como vivemos .Portugal um Retrato Social - 01 Gente Diferente*. Edição Público – Comunicação Social, S.A. Lisboa
- BIDDULPH, Mike** 2002 *At Home in our Streets*. Landscape Design n. 310, May 2002
- BORJA, Jordi,** 2006, "Espacio publico, condicion de la ciudad democrática – la creacion de um lugar de intercambio" em [www. Cafedelasciudades.com.ar](http://www.Cafedelasciudades.com.ar), Ano5, nº42, Abril 2006 (10Maio)
- BRANDÃO, Pedro; REMESAR, Antoni (coord.)** 2000 *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. Centro Português de Design, Lisboa
- BRANDÃO, P.** 2004 " Apocalípticos-integrados", in BRANDÃO, Pedro; REMESAR, Antoni (org.) *Design Urbano Inclusivo. Uma experiência em Marvila*. Editores Pedro Brandão; Antoni REMESAR. Lisboa
- BREUST, J., FELDMANN, H., UHLMANN, O.(Eds).** 1998 *Urban Ecology*. Spriger. UFZ. Leipzig. Germany.
- Câmara Municipal de Lisboa - Urbanismo** <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/0001/> (25 Fevereiro 2008)
- Câmara Municipal de Lisboa - Arquivo** <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx> (5 Fevereiro 2008)
- CARMONA, Mathew et al.** 2003 *Public Places – Urban Spaces. The Dimensions of Urban Design*
- CARONNA, L.** 2000 "Ethics, Idea, Tenure, and Commitment" *Does the Neighborhood Landscape Matter? – a conference held at the University of California, Berkeley, Department of Landscape Architecture and Environmental Planning, October 19-22, 2000*. University of California, Berkeley. Elsevier/Architectural Press, Oxford, Burlington
- CASTELL, M.** 2002 *Urban Sociology in the Twenty-First Century* , Comunidades e Territórios, n.º5. Centro de Estudos Territoriais, Lisboa, pp. 53-67

**CASTRO, Alexandra** 2002 *Espaços Públicos, Coexistência Social e Cívildade*. Cidades, Comunidades e Territórios, n.º5. Centro de Estudos Territoriais, Lisboa, pp. 53-67

**Censos 2001** – região de Lisboa – INE, 2002

**CONSIGLIERI, Carlos; RIBEIRO, Filomena; VARGAS, José Manuel; ABEL, Marília** 1995 *«Pelos Freguesias de Lisboa»* - Volume 3  
Câmara Municipal de Lisboa - Educação

**COUTINHO, Manuel de Azevedo** 1952 Jardim da Estrela, 3 de abril de 1952., Revista Municipal, (Lisboa), ano XIII, 53, 2º trimestre, p31-32. Lisboa

**CULLEN, Gordon** 1971 *Paisagem Urbana*  
Edições 70, Lda. Lisboa

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, 2001 Academia das Ciências de Lisboa  
Verbo. Lisboa

**DINES, N. et al** 2006. *Public Spaces and Social Relations in East London*. Findings-Informing Change. Joseph Rowtree Foundation.

**DUARTE, Ana C. P. Braz** 1998 *A Natureza no Contexto Urbano – Estudo da Percepção, Significado, Comportamentos e Modelos de Utilização no Parque Urbano dos Moinhos de Sant’Ana*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa

**DUVIGNEAUD, P.**, 1996 *A Síntese Ecológica*. 2ª Edição. Perspectivas ecológicas. Instituto Piaget. Lisboa

**FERREIRA, 2004** “Espaços Públicos Urbanos e Espaço Público na Cidade” in BRANDÃO, Pedro; REMESAR, Antoni (org.) *Design Urbano Inclusivo*. p 108-123 *Uma experiência em Marvila*. Editores Pedro Brandão; Antoni REMESAR. Lisboa

**FERREIRA, V.M.; CASTRO, A.** 2002 *Espaços públicos e verde urbano de Lisboa. Um estudo de caso sobre ambiente urbano*.  
Cidades, Comunidades e Territórios, n.º1. Centro de Estudos Territoriais, Lisboa, p. 19-31

**FURTADO, G.** 2004 “DESIGNAR a cidade”, in BRANDÃO, Pedro; REMESAR, Antoni (org.) *Design Urbano Inclusivo*. *Uma experiência em Marvila*. Editores Pedro Brandão; Antoni REMESAR. Lisboa

**FOX, T.** 2000 “Neighborhood Landscape Matter-Big Time” *Does the Neighborhood Landscape Matter? – a conference held at the University of California, Berkeley, Department of Landscape Architecture and Environmental Planning, October 19-22, 2000*. University of California, Berkeley

**FREIRE, Elizabeth; GONÇALVES, Jorge** 2001 “Transformação territorial: do Lugar ao não-lugar” in NEVES, Victor (coord.) *O Lugar Sebentas d’arquitectura* n.º3. Universidade Lusluda Editora, Lisboa, pp. 27-33

**FRIAS, Aníbal; PEIXOTO, Paulo** 2001 “Representação imaginária da cidade. Processos de racionalização e de estetização do património urbano de Coimbra” *Encontro Temático Intercongressos da Associação Portuguesa de Sociologia Cidades e Culturas: novas políticas/novas urbanidades (Porto, 27-28 Setembro 2001)*

**FRONTIER, S.**, 2001 *Os Ecossistemas*. Instituto Piaget. Lisboa

**FRONTIER et al**, 2004 *Écossistèmes, Struture, Fonctionnement, Évolution*. 3 édition. Dunod. Paris

**GEHL, Jan** 2006 *Life Between Buildings – Using Public Space*. The Danish Architectural Press, Skive

**GEHL, Jan; GEMZOE, Lars** 2002 *Novos Espaços Urbanos*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona

**GOBSTER, P.** 2000 “The Relevance of Neighborhoods to Metropolitan Open Space Planning: An experience résumé” *Does the Neighborhood Landscape Matter? – Department of Landscape Architecture and Environmental Planning, October 19-22, 2000*. University of California, Berkeley

- GOTIA, Fernando C.**, 1989, *Breve Historia do Urbanismo*, Presença, Lisboa
- GUERRA, Isabel**, 2003, "Tensões do Urbanismo Quotidiano" *Políticas Urbanas – Tendências, Estratégias e Oportunidades*. Edição Calouste Gulbenkian. Lisboa p.237-251
- HAJER, Maarten** 2002, *The New Urban Landscapes*, www.openDemocracy.net (21Dez2005)
- HAJER, Maarten; REIJNDORP, Arnold** 2001 *In Search Of New Public Domain – Analysis And Strategy*. NAI Publishers, Rotterdam
- HALL, Edward T.** (obra original 1966) 1986 *A Dimensão Oculta* Relógio d'Água, Lisboa
- HESTER** (2000) "Form that matters" *Does the Neighborhood Landscape Matter? – a conference held at the University of California, Berkeley, Department of Landscape Architecture and Environmental Planning, October, 2000*. University of California, Berkeley
- INDOVINA, Francesco** 2001 *Geologia da Insegurança Urbana. A construção Social do Medo nas Cidades*, p. 19-31 *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º2. Centro de Estudos Territoriais, Lisboa
- INDOVINA, Francesco** 2001 *Geologia da Insegurança Urbana. Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º2. Centro de Estudos Territoriais, Lisboa, p. 19-30
- INDOVINA, Francesco** 2002 *O Espaço Público – tópicos sobre a sua mudança*. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º5. Centro de Estudos Territoriais, Lisboa, pp. 119-123
- Junta de Freguesia da Lapa** - <http://www.jf-lapa.pt> (25 Fevereiro 2008)
- Junta de Freguesia de Santo Condestável** - <http://www.jf-santocondestavel.pt/> (25 Fevereiro 2008)
- KWONG, J.**, 1999 *Suburban Sprawl and Human Ecology*. *Religion & Liberty*. Vol 9, number 2. March and April 1999.
- LAMY, M.** 1996 *As camadas ecológicas do Homem*. Instituto Piaget. Lisboa
- LAUNDRY, Charles** 2001 *Experiencing the city anew*. OpenDemocracy. www.openDemocracy.net (Fevereiro 2006)
- LAWRENCE, R.** 2003 *Human Ecology and its applications*. *Landscape and Urban Planning* 65 (2003) 31-40
- LEITE, Rogerio P.** 2002 *Contra-usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n.º 49, pp. 115-172
- LIMA, Maria Q.M.M.** 2000 *Perspectivas de Aplicação da Psicologia Ambiental à Arquitectura Paisagista* Instituto Superior de Agronomia, UTL, Lisboa
- LOFLAND, I.H.** 1973 *A World of Strangers*. Basic Books, Inc., USA
- LOPES, Ana Müller** 2005 *Percepção e Forma do Espaço Público Urbano*. Instituto Superior de Agronomia, UTL, Lisboa
- LOPES, João Teixeira** 2002 *Novas Questões de Sociologia Urbana*. Edições Afrontamento, Lisboa
- LOW, Setha M.** 2000 *On The Plaza - The Politics Of Space And Culture*. University of Texas Press, Austin
- LYNCH, Kevin** (1960) 1990 *A Imagem da Cidade*. Edições 70, Lisboa
- MARCUS, Clare C., FRANCIS, Carolyn** 1990 *People Places: Design Guidelines for Urban Open Spaces*. Department of Architecture and Landscape Architecture. University of California, Berkeley. Van Nostrand Reinhold, New York
- MARCUS, C.C.** 2000 "The Argument for Shared Outdoor Space" *Does the Neighborhood Landscape Matter? – a conference held at the University of California, Berkeley, Department of Landscape Architecture and Environmental Planning, October, 2000*. University of California, Berkeley

**SPELLER, Gerda M.** 2005 "A Importância da Vinculação ao Lugar" in SOCZKA, Luis (org.) *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 133-167

**SULLIVAN, Bill** 2000 "Neighborhood Landscape in our inner cities" *Does the Neighborhood Landscape Matter? – a conference held at the University of California, Berkeley, Department of Landscape Architecture and Environmental Planning, October 1-10, 2000*. University of California, Berkeley

**SUKOPP, H.; WERNER, P.**(1982/1987) 1991 *Naturaleza en las Ciudades*  
Monografías de la Secretaria de Estado para las Políticas del Agua y el Medio Ambiente. Ministerio de Obras Públicas y Transportes, Madrid.

**TELLES, Gonçalo Ribeiro** 1997 *Plano Verde de Lisboa: Componente do Plano Director Municipal de Lisboa*, Edições Colibri, Lisboa

**THOMSON, Ward** 2002 *Urban Open Space in the First Century* Landscape and Urban Planning 60. p 59-72

**TOSTÕES, Ana** 1992 *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande – Kell do Amaral, Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. Edições Salamandra, Lisboa

**WILLIAM, Daniel; VASKES, Jerry** 2003 *The Measurement of Place Attachment: Validity and Generalizability of a Psychometric Approach*. Forest Science 49 (6) 2003

**WHYTE, William H.** 2000 *The Social Life Of Small Urban Spaces*  
Project for Public Spaces, New York

## ÍNDICE DE FIGURAS

73	<b>Figura 1</b>	Concelho de Lisboa e Freguesias que o Constituem *
79	<b>Figura 2</b>	Envolvente Próxima ao Jardim da Estrela
80	<b>Figura 3</b>	Praça da Estrela
80	<b>Figura 4</b>	Rua Domingos Sequeira
91	<b>Figura 5</b>	Fotografia aérea* (s/ data)
92	<b>Figura 6</b>	Planta do Jardim*
93	<b>Figura 7</b>	Café/Restaurante
93	<b>Figura 8</b>	Creche
93	<b>Figura 9</b>	Biblioteca Municipal
93	<b>Figura 10</b>	Parque Infantil
94	<b>Figura 11</b>	Bancos de madeira
94	<b>Figura 12</b>	Bancos e mesas de pedra
95	<b>Figura 13</b>	Coreto
95	<b>Figura 14</b>	Estátua de Antero de Quental
95	<b>Figura 15</b>	Estátua Filha do rei a guardar patos
95	<b>Figura 16</b>	<i>Ficus macrophylla</i>
95	<b>Figura 17</b>	Lago envolto em vegetação variada
98	<b>Figura 18</b>	Planta de Tipologia de Percursos e Zonamento*
99	<b>Figura 19</b>	Percorso Principal
99	<b>Figura 20</b>	Percorso Terciário
101	<b>Figura 21</b>	Zona Central. Entrad direita, junto à Praça da Estrela
101	<b>Figura 22</b>	Zona Central. Relvado
101	<b>Figura 23</b>	Zona Oeste
101	<b>Figura 24</b>	Zona Sudeste
102	<b>Figura 25</b>	Zona Miradouro - acesso principal
102	<b>Figura 26</b>	Zona Miradouro - área de estadia
102	<b>Figura 27</b>	Zona Miradouro – 'montanha'
104	<b>Figura 28</b>	Luminária partida
104	<b>Figura 29</b>	<i>Graffitis</i> e vandalismo na Estátua Antero Quental
104	<b>Figura 30</b>	Acesso a miradouro. Área muito vandalizada
120	<b>Figura 31</b>	Atravessando Zona Central
120	<b>Figura 32</b>	Sentados na Zona Central
121	<b>Figura 33</b>	Homem sozinho vendo quem passa
121	<b>Figura 34</b>	Homem sozinho vendo quem passa
122	<b>Figura 35</b>	Crianças a brincar no relvado
122	<b>Figura 36</b>	Crianças a conversar
122	<b>Figura 37</b>	Crianças a trepar às árvores
122	<b>Figura 38</b>	Homens a jogar às cartas
122	<b>Figura 39</b>	Observadores do jogo das cartas
122	<b>Figura 40</b>	Coexistência de homens a jogar às cartas e jovens a almoçar
122	<b>Figura 41</b>	Jovens a descansar no relvado
123	<b>Figura 42</b>	Passear o cão
123	<b>Figura 43</b>	Senhora sentada sózinha
123	<b>Figura 44</b>	Senhoras sentadas a conversar
124	<b>Figura 45</b>	Indivíduos a ler
124	<b>Figura 46</b>	Indivíduos a dormir

\* base e fotografia fornecida pelos serviços da CML

**ÍNDICE DE QUADROS**

81	<b>Quadro 1</b>	Densidades Populacionais à Data do Censur 2001
82	<b>Quadro 2</b>	Constituição das Famílias Clássicas Residentes nas Freguesias em Estudo, à Data Censur
82	<b>Quadro 3</b>	População Residente Segundo Grupo Etário (2001)
83	<b>Quadro 4</b>	População Residente Segundo Grau de Escolaridade
83	<b>Quadro 5</b>	População Empregada Segundo Sector Económico e Taxa de Actividade
84	<b>Quadro 6</b>	População Desempregada Segundo a Condição de Procura de Emprego e Taxa de Desemprego
88	<b>Quadro 7</b>	População com 15 ou mais anos Segundo a Condição Perante a Actividade Económica
105	<b>Quadro 8</b>	Tabela de Compatibilização de Grupos Etários
105	<b>Quadro 9</b>	Tabela Comparativa de Distribuição de grupos Etários
106	<b>Quadro 10</b>	Total de Dados Registados no Dia Útil 2ª Feira

**ÍNDICE DE GRÁFICOS**

107	<b>Gráfico 1</b>	Caracterização da População de Acordo com a Idade e Sexo
108	<b>Gráfico 2</b>	Caracterização da Variação do Uso ao Longo do Dia de Acordo com a Idade, para o Sexo Masculino
108	<b>Gráfico 3</b>	Caracterização da Variação do Uso ao Longo do Dia de acordo com a Idade, para o Sexo Feminino
110	<b>Gráfico 4</b>	Caracterização da Variação das Actividades de Acordo o Sexo
111	<b>Gráfico 5</b>	Caracterização Percentual da Variação das Actividades de Acordo com o Sexo para os Individuos da Classe Etária superior a 65 anos
112	<b>Gráfico 6</b>	Caracterização da Variação das 5 Actividades Principais ao Longo do Dia para o Sexo Feminino
112	<b>Gráfico 7</b>	Caracterização da Variação das 5 Actividades Principais ao Longo do Dia para o Sexo Masculino
113	<b>Gráfico 8</b>	Caracterização da Variação da Agregação
114	<b>Gráfico 9</b>	Caracterização da Variação da Agregação . Período 21:00-23:00



O LUGAR PÚBLICO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

I PLANTA DE JARDINS DE LISBOA

# Parques e Jardins de Lisboa

- 1 Jardim da Torre de Belém
- 2 Jardim Praça do Império
- 3 Jardim Vasco da Gama
- 4 Jardim Praça Afonso de Albuquerque
- 5 Jardim Museu Agrícola Tropical
- 6 Jardim Botânico da Ajuda
- 7 Parque dos Moinhos de Santana
- 8 Jardim Ducla Soares
- 9 Tapada da Ajuda
- 10 Parque Florestal de Monsanto
- 11 Parque Silva Porto
- 12 Tapada das Necessidades
- 13 Jardim do Palácio de Marquês de Fronteira
- 14 Jardim das Janelas Verdes
- 15 Jardim da Estrela
- 16 Parque Bensaúde
- 17 Jardim do Príncipe Real
- 18 Jardim das Amoreiras
- 19 Estufa Fria
- 20 Jardim Amália Rodrigues
- 21 Jardim de S. Pedro de Alcântara
- 22 Jardim Botânico do Museu Nacional de História Natural
- 23 Parque Eduardo VII de Inglaterra
- 24 Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian
- 25 Jardim do Torel
- 26 Jardim Braancamp Freire
- 27 Jardim do Arco do Cego
- 28 Jardim do Campo Grande
- 29 Parque Monteiro-Mor
- 30 Quinta das Conchas e dos Lilazes
- 31 Parque da Madre de Deus
- 32 Parque José Gomes Ferreira
- 33 Parque da Bela Vista
- 34 Parque do Vale Silêncio
- 35 Jardins Garcia d'Orta



## FICHA TÉCNICA

**Concepção e Produção:**  
 Câmara Municipal de Lisboa  
 Direcção Municipal de Ambiente Urbano  
 Departamento de Ambiente e Espaços Verdes  
 Divisão de Educação e Sensibilização Ambiental

**Design e Ilustração:** Maria José Belchior  
 Fotógrafa CML | Divisão de Comunicação e Imagem | Parques e Jardins do Município  
 Impressão: Setgraf

Janeiro de 2005  
 13.000 exemplares



**PARA MAIS INFORMACOES:**  
 Divisão de Educação e Sensibilização Ambiental  
 Tel. 21 351 26 75/777  
 Fax. 21 351 89 33  
 E-mail: dees@cm-lisboa.pt





4ª FEIRA	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Registos	1930	87	81	118	441	334	71	26	114	493	165
Agreg.1	784	1	7	27	270	185	0	0	28	213	53
Agreg.2	592	41	24	26	113	71	20	14	39	175	69
Agreg.3	258	21	18	16	34	15	38	5	17	65	29
Agreg.4	131	14	18	23	13	6	8	3	13	21	12
Agreg.>4	165	10	14	26	11	57	5	4	17	19	2
Atravessar	873	18	25	81	205	94	20	19	84	257	70
Passear o cão	44	0	0	1	13	7	0	1	2	20	0
Merendar	22	2	0	0	7	1	1	0	1	9	1
beber água bebedouro	4	1	0	0	2	0	0	0	0	0	1
Entrar/Sair da creche	11	1	1	0	1	0	1	1	0	5	1
Jogging	96	0	0	0	61	5	0	0	0	29	1
Jogar à bola	35	2	23	1	2	0	0	0	6	1	0
Brincar	137	68	22	3	1	1	30	2	3	6	1
Bicicleta	6	0	3	1	2	0	0	0	0	0	0
Trepar às árvores	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Skate/patins	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Dormir	8	0	0	0	3	4	1	0	0	0	0
Sentado	559	20	11	36	101	144	11	0	23	139	74
Conversar	420	1	4	64	54	111	2	6	51	84	43
Jogar às cartas	91	0	0	0	8	83	0	0	0	0	0
Passear	174	11	3	1	45	48	11	4	0	33	18
Observar e fotografar	10	1	1	0	2	0	1	0	0	5	0
Alimentar aves	11	2	0	0	1	3	1	0	0	2	2
Ler/escrever	51	0	0	0	16	20	0	0	0	10	5
A falar sózinho	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
Ouvir rádio	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
A falar ao telefone	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0



## Legenda Dendrogramas

prinfm	(0-6) primeira infância - masculino
priinff	(0-6) primeira infância - feminino
seginfm	(7-12) segunda infância - masculino
seginff	(7-12) segunda infância - feminino
adoim	(13-20) adolescente - masculino
adolf	(13-20) adolescente - feminino
adactm	(21-64) adulto idade activa masculino
adactf	(21-64) adulto idade activa feminino
adidm	(>65) adulto idoso masculino
adidf	(>65) adulto idoso feminino

Atividade - Tabelas Síntese de Dados (2ª feira -4ª feira)

Dia Completo	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Atravessar	1704	36	39	146	455	172	43	28	146	496	134
Jogging	177	0	0	0	100	8	0	0	1	48	4
Jogar à bola	60	5	30	10	4	0	1	3	6	1	0
Brincar	261	102	33	9	3	2	72	9	4	21	4
Sentado	822	22	11	56	160	210	15	0	35	213	102
Conversar	867	9	11	101	141	201	5	13	92	195	98
Jogar às cartas	120	0	0	0	11	109	0	0	0	0	0
Passear	407	27	4	2	112	93	19	5	1	96	47

Manhã	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Atravessar	500	5	13	76	115	44	7	6	67	132	35
Passear o cão	27	0	0	0	6	6	0	0	0	13	2
Entrar/Sair da creche	4	0	0	0	0	0	1	0	1	1	2
Jogging	60	0	0	0	27	7	0	0	0	7	3
Jogar à bola	15	0	10	1	0	0	0	0	4	0	0
Brincar	6	1	0	3	0	0	0	0	2	0	0
Sentado	83	1	0	24	12	23	1	0	14	8	2
Conversar	181	2	2	51	20	28	1	0	41	17	19
Passear	78	1	2	0	21	35	1	1	0	8	9
Observar e fotografar	27	0	0	0	10	7	0	0	0	5	5

Almoço	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 64a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 64a
Atravessar	578	11	5	36	157	75	16	10	52	169	45
Jogar à bola	7	0	5	0	0	0	0	2	0	0	0
Brincar	135	61	10	0	2	1	47	0	1	9	2
Sentado	264	3	1	8	57	68	3	0	7	88	29
Conversar	290	5	1	23	44	60	1	12	29	79	35
Jogar às cartas	42	0	0	0	2	40	0	0	0	0	0
Passear	166	11	0	2	46	32	7	3	0	42	22
Ler/escrever	46	0	0	0	11	14	0	2	0	14	5

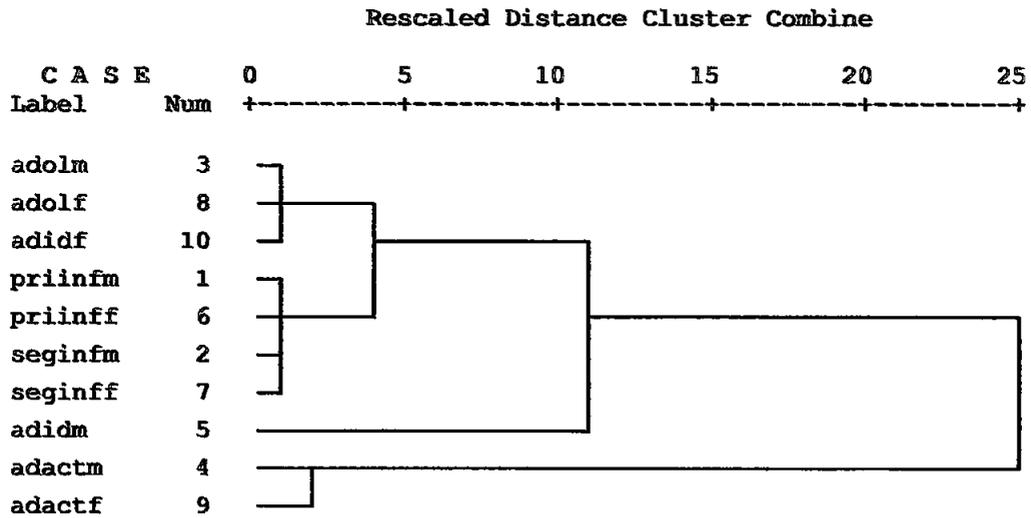
Tarde	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Atravessar	420	13	17	25	107	44	15	8	19	126	46
Passear o cão	15	0	0	0	7	5	0	0	0	2	1
Merendar	16	2	0	6	2	0	1	0	0	5	0
Jogar à bola	36	5	15	9	4	0	1	1	0	1	0
Brincar	100	35	15	6	1	1	20	8	1	11	2
Bicicleta	6	0	5	0	1	0	0	0	0	0	0
Sentado	412	15	9	21	67	118	8	0	11	93	70
Conversar	314	2	7	25	50	109	1	1	17	63	39
Jogar às cartas	78	0	0	0	9	69	0	0	0	0	0
Passear	113	11	1	0	21	23	9	0	1	34	13

Noite	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Atravessar	206	7	4	9	76	9	5	4	8	69	8
Passear o cão	44	0	0	0	14	0	0	1	1	27	1
Jogging	82	0	0	0	47	0	0	0	1	33	1
Jogar à bola	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
Brincar	20	5	8	0	0	0	5	1	0	1	0
Bicicleta	6	0	2	1	2	1	0	0	0	0	0
Sentado	63	3	1	3	24	1	3	0	3	24	1
Conversar	82	0	1	2	27	4	2	0	5	36	3
Passear	50	4	1	0	24	3	2	1	0	12	3
Ler/escrever	2	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0
A falar sozinho	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*

**TOTAL ACTIVIDADES**

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

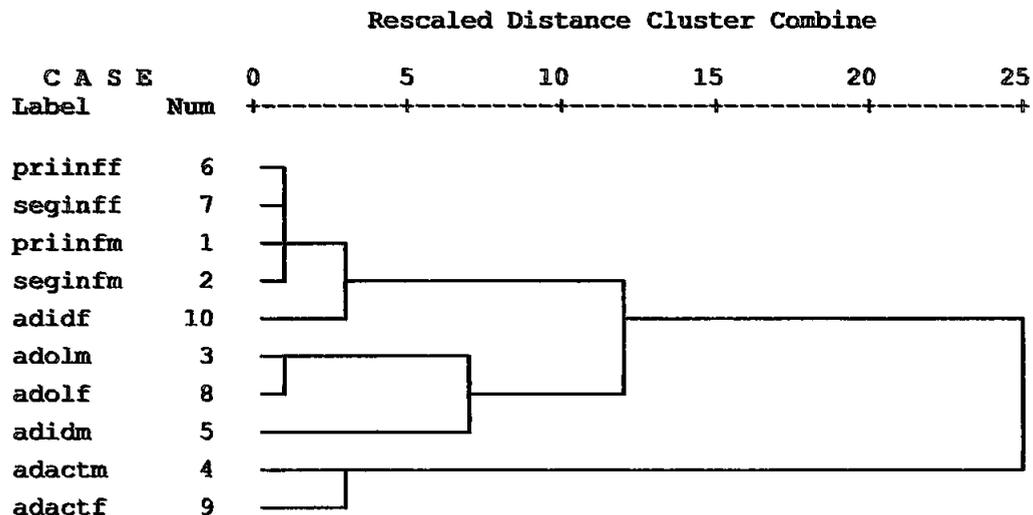


∇

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*

MANHÃ ACTIVIDADES

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

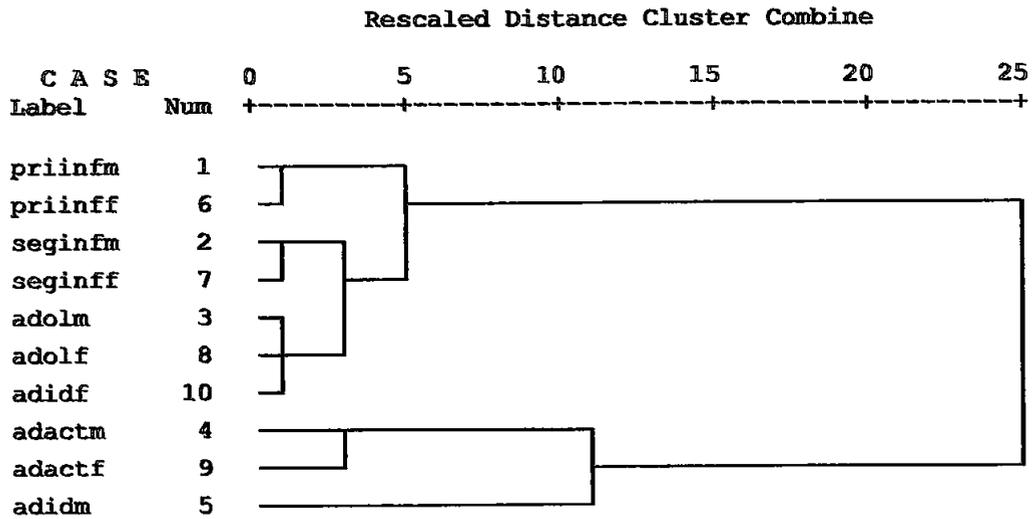


▽

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*  
\*\*\*\*\*

**ALMOÇO ACTIVIDADES**

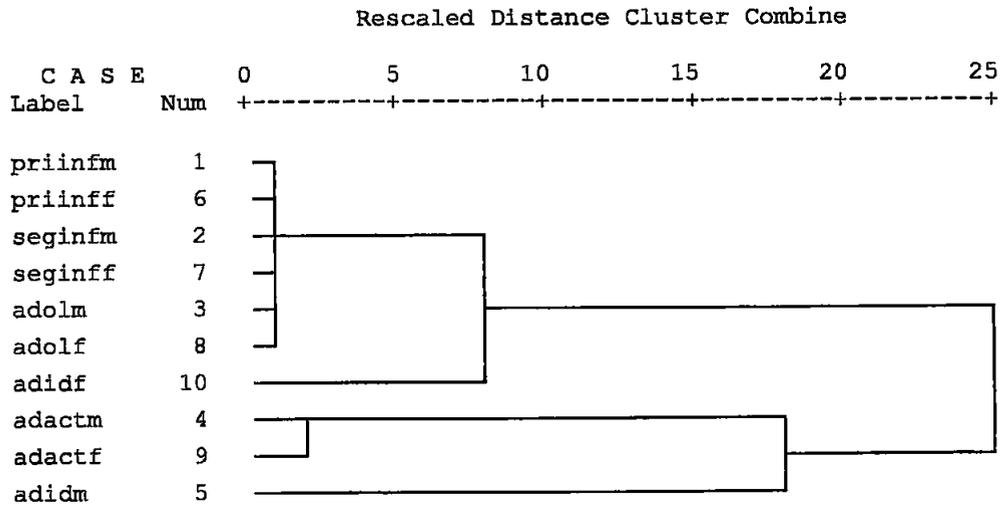
Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



**TARDE ACTIVIDADES**

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*\*  
 \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

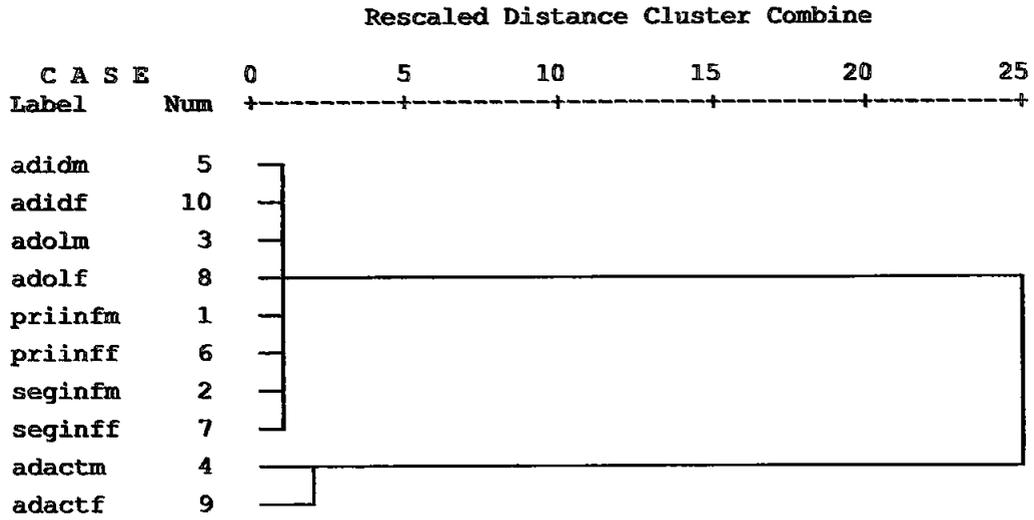


▼

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*  
\*\*\*\*\*

**NOITE ACTIVIDADES**

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



Agregação - Tabelas Síntese de Dados ( 2ªfeira + 4ªfeira)

Dia Completo	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Agreg.1	1499	1	10	50	540	310	0	3	51	402	114
Agreg.2	1068	64	37	45	216	116	53	23	62	330	116
Agreg.3	460	40	26	30	72	31	55	13	31	110	51
Agreg.4	247	22	22	41	34	35	14	5	15	44	15
Agreg.>4	271	15	24	36	18	91	15	5	30	28	4

Manhã	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Agreg.1	462	0	3	28	159	80	0	1	30	127	34
Agreg.2	171	5	7	15	35	23	5	3	20	39	19
Agreg.3	63	4	4	9	14	3	4	3	10	8	4
Agreg.4	32	0	4	18	0	6	0	0	2	0	2
Agreg.>4	56	0	6	19	0	7	0	0	24	0	0

Almoço	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Agreg.1	453	1	1	12	146	111	0	1	15	129	37
Agreg.2	335	24	2	13	68	36	21	6	18	110	37
Agreg.3	198	16	9	11	37	8	25	3	17	53	19
Agreg.4	84	1	6	5	20	18	6	4	5	17	2
Agreg.>4	79	3	4	12	6	29	8	4	6	6	1

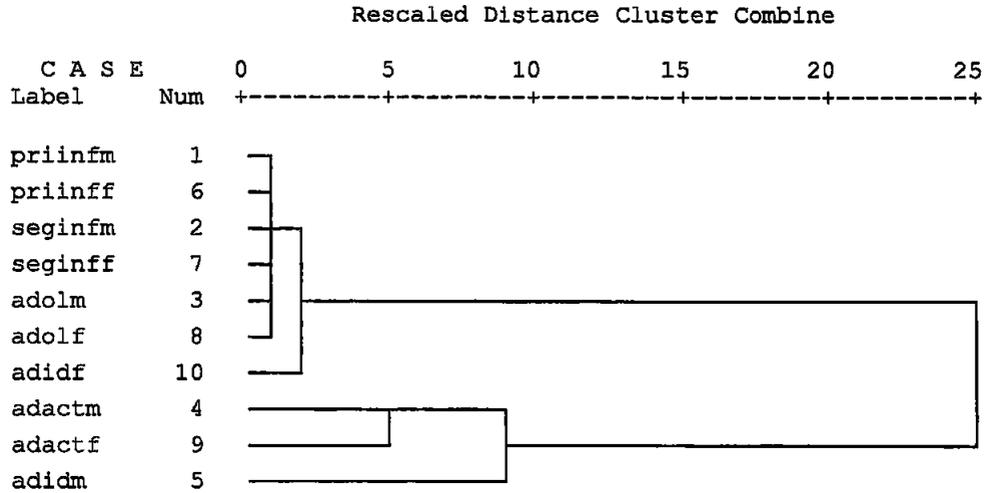
Tarde	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Agreg.1	368	0	4	7	116	110	0	1	3	82	35
Agreg.2	428	32	24	14	73	54	22	10	16	127	56
Agreg.3	154	17	8	9	12	18	19	6	2	35	27
Agreg.4	103	15	11	13	8	11	7	0	7	20	11
Agreg.>4	109	8	10	5	6	55	5	1	0	11	3

Noite	masculino						feminino				
	TOTAL	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a	0-6 a	7-12a	13-20a	21-64a	> 65a
Agreg.1	216	0	2	3	119	9	0	0	3	64	8
Agreg.2	134	3	4	3	40	3	5	4	8	54	4
Agreg.3	45	3	5	1	9	2	7	1	2	14	1
Agreg.4	28	6	1	5	6	0	1	1	1	7	0
Agreg.>4	27	4	4	0	6	0	2	0	0	11	0

▼

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*  
\*\*\*\*\*  
TOTAL AGREGAÇÃO

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

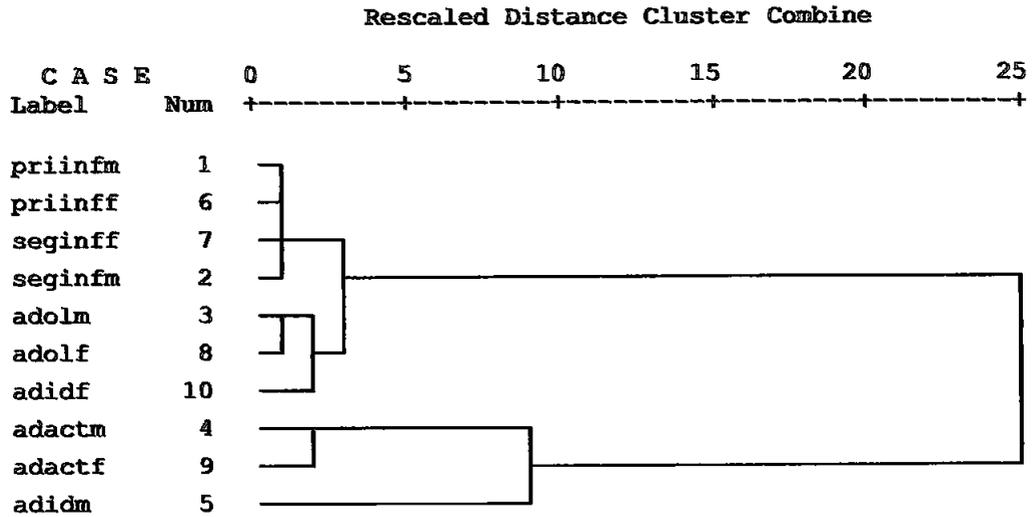


▼

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*  
\*\*\*\*\*

**MANHÃ AGREGAÇÃO**

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

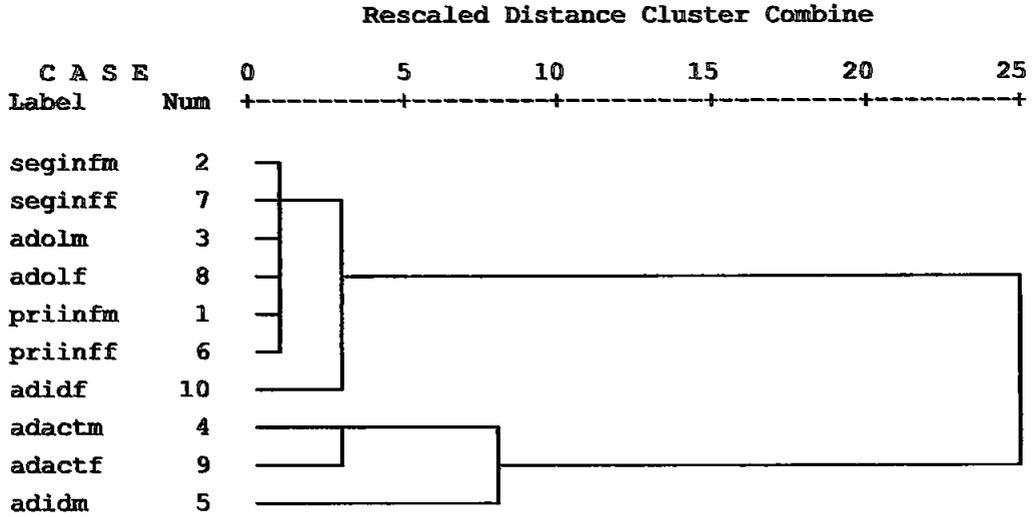


∇

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*

ALMOÇO AGREGAÇÃO

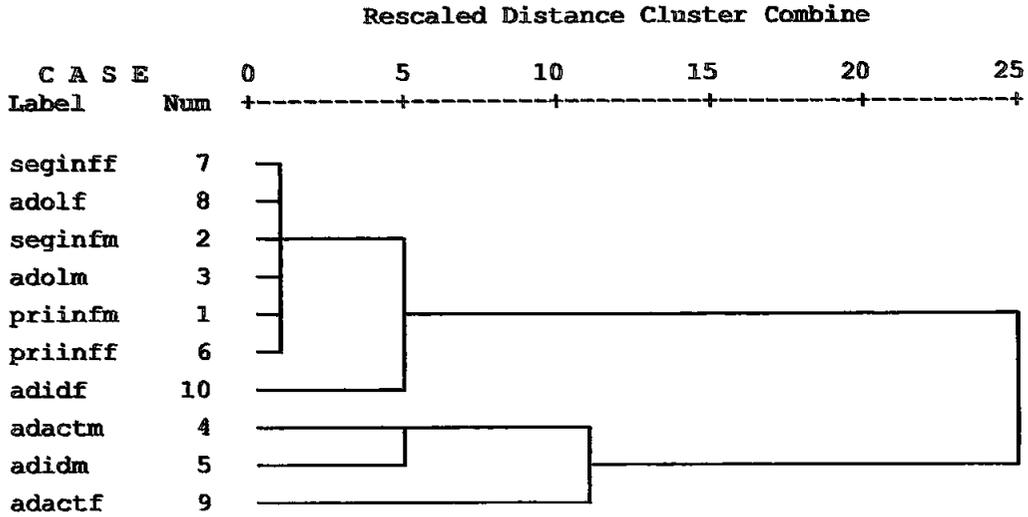
Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*

TARDE AGREGAÇÃO

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

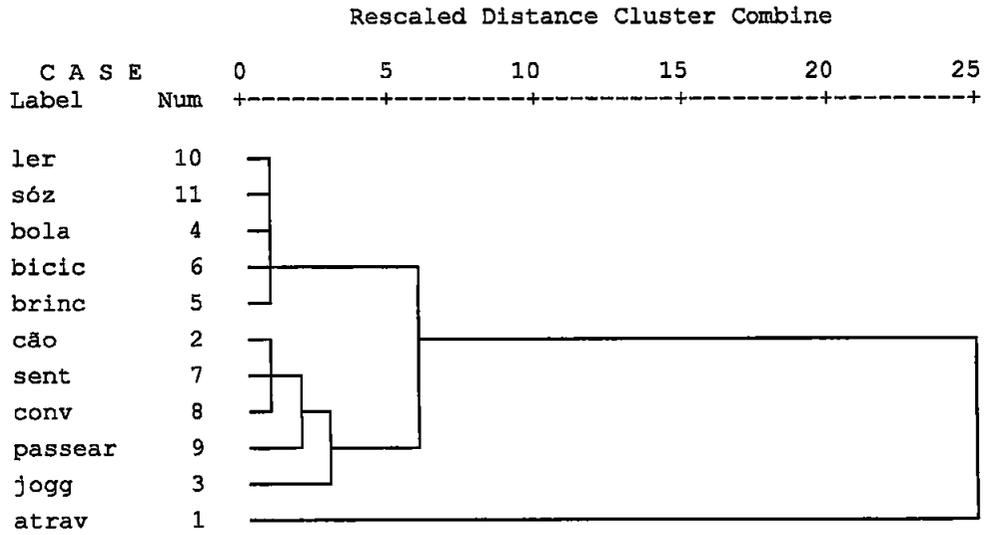


▼

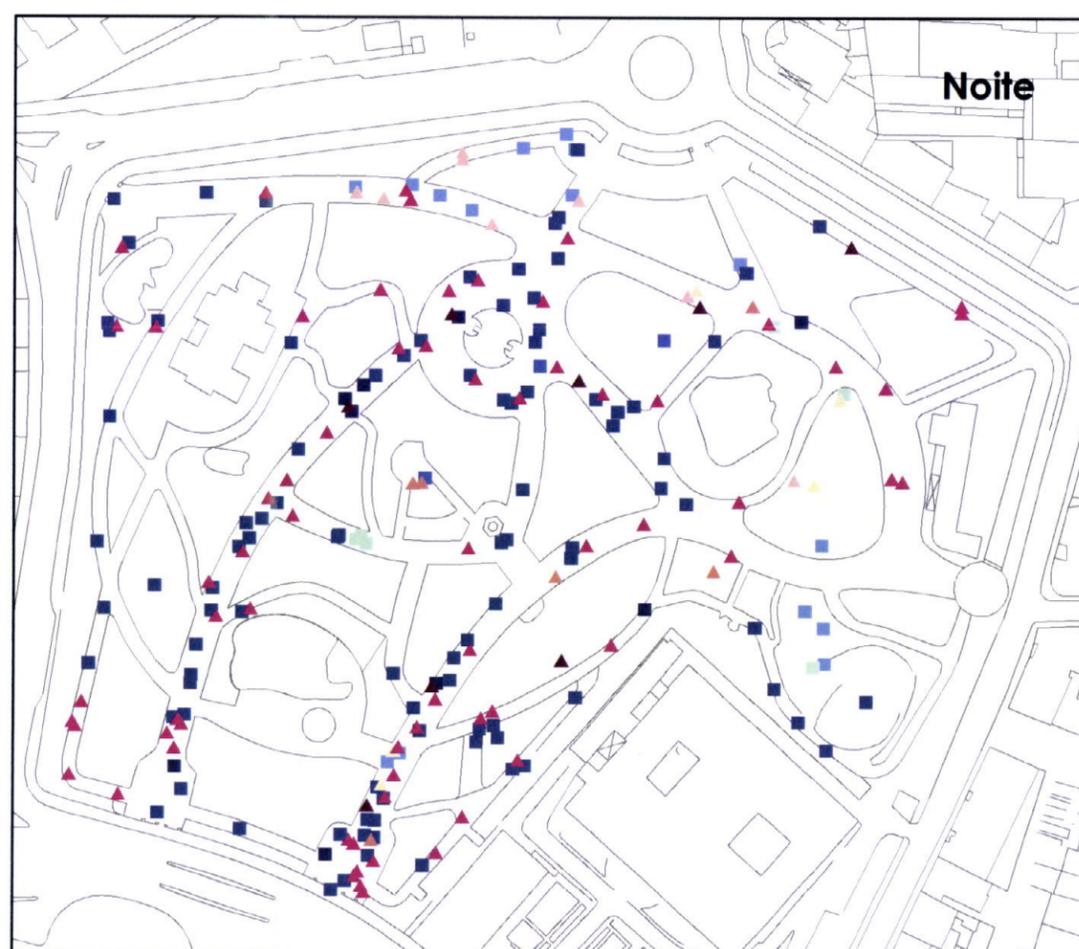
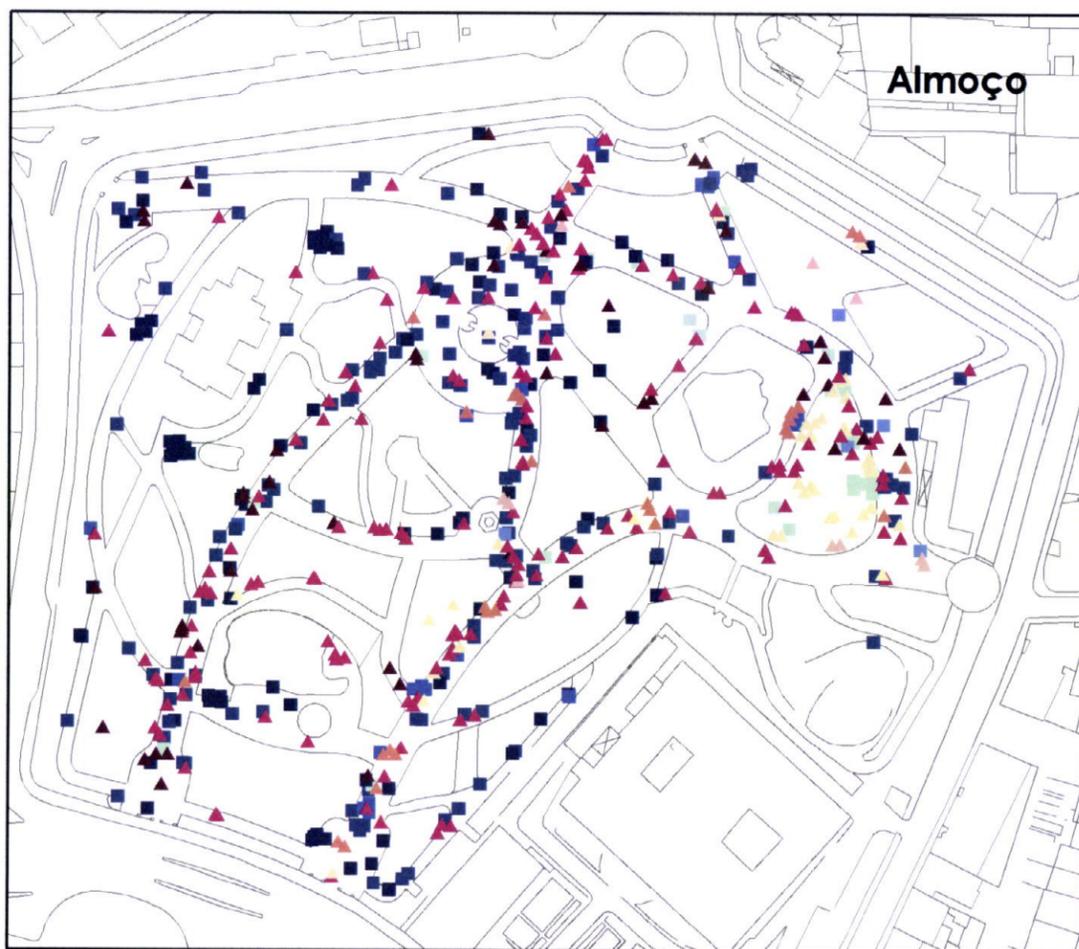
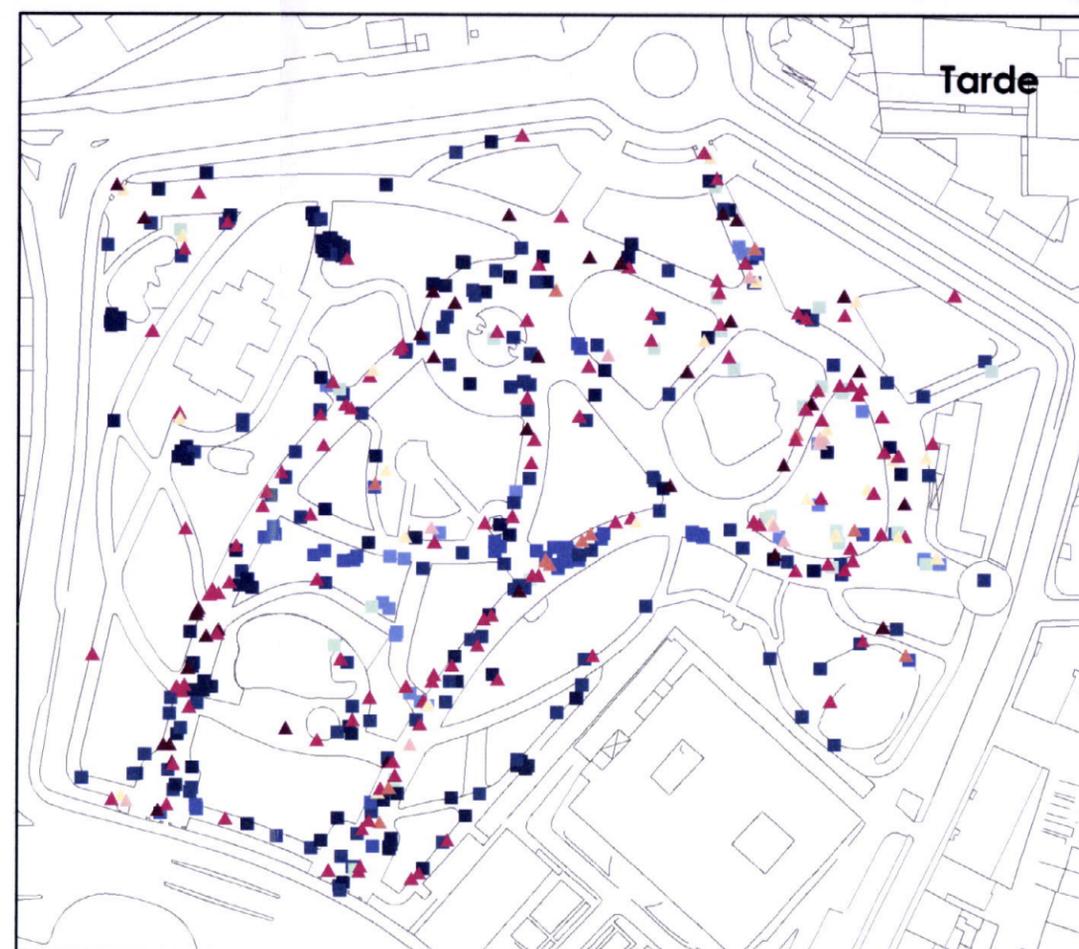
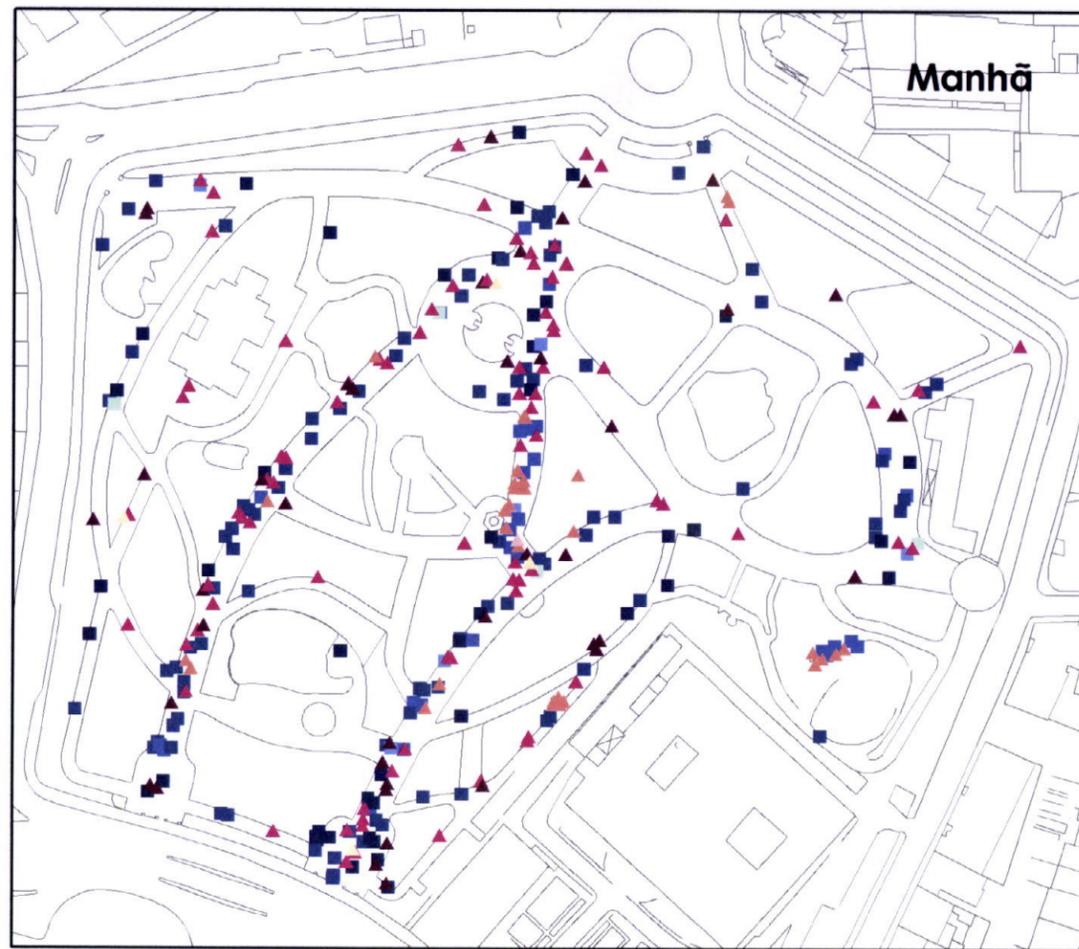
\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*

NOITE

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)







**Legenda:**

**Sexo Feminino**

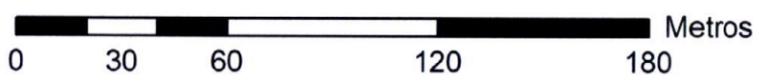
Faixa Etária:

- 0-6
- 7-12
- 13-20
- 21-65
- > 65

**Sexo Masculino**

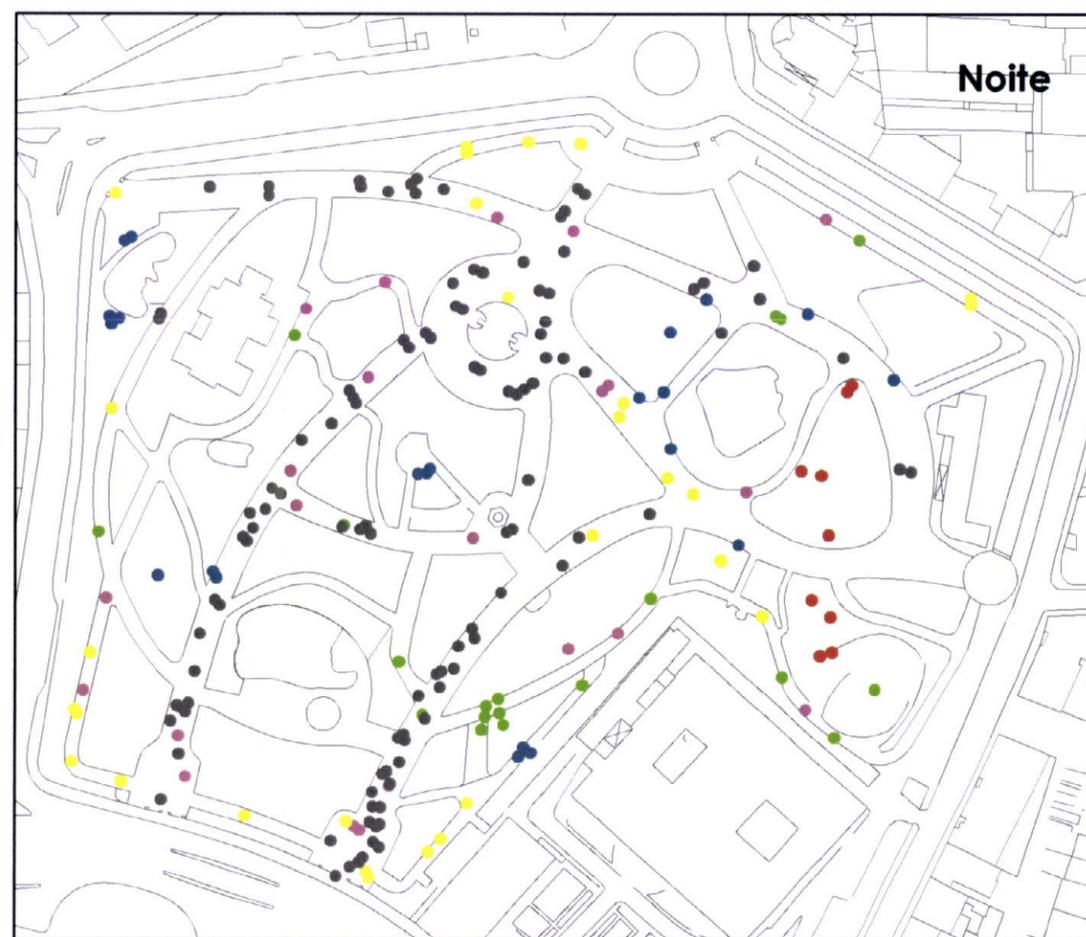
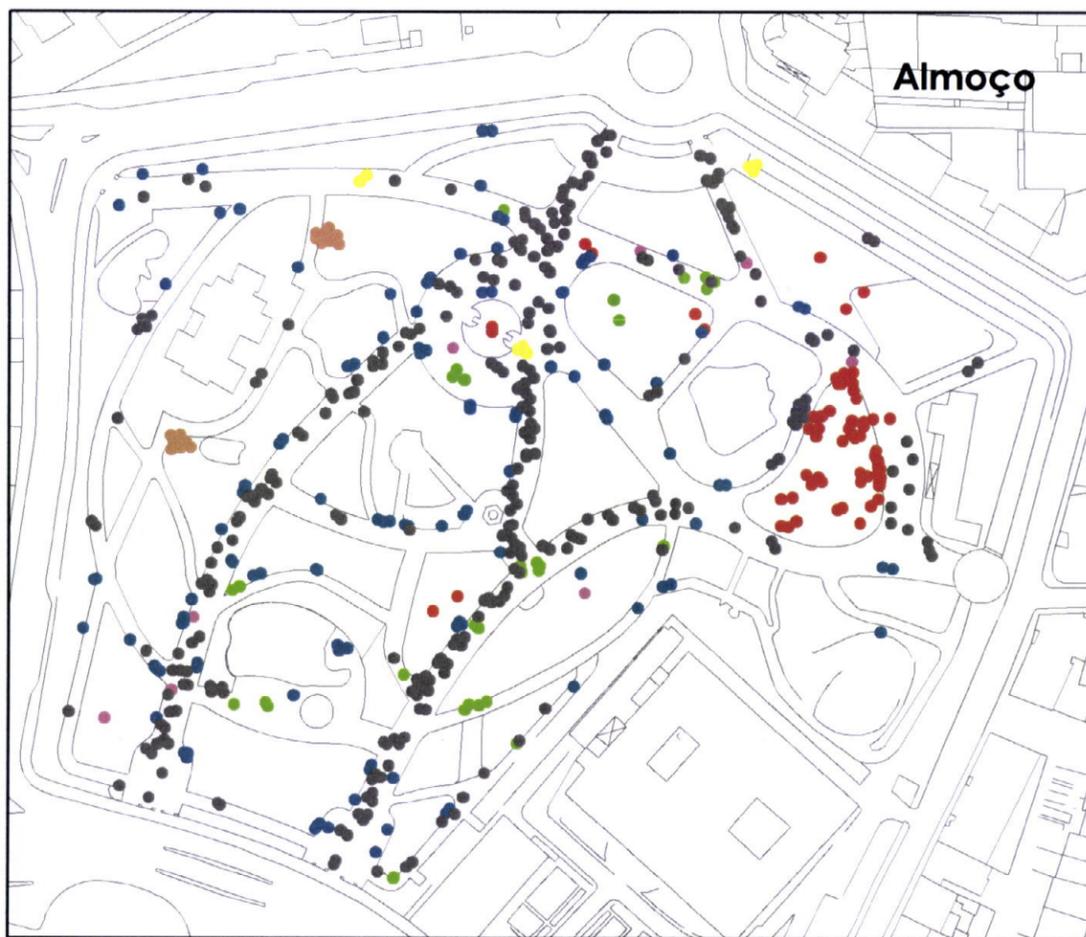
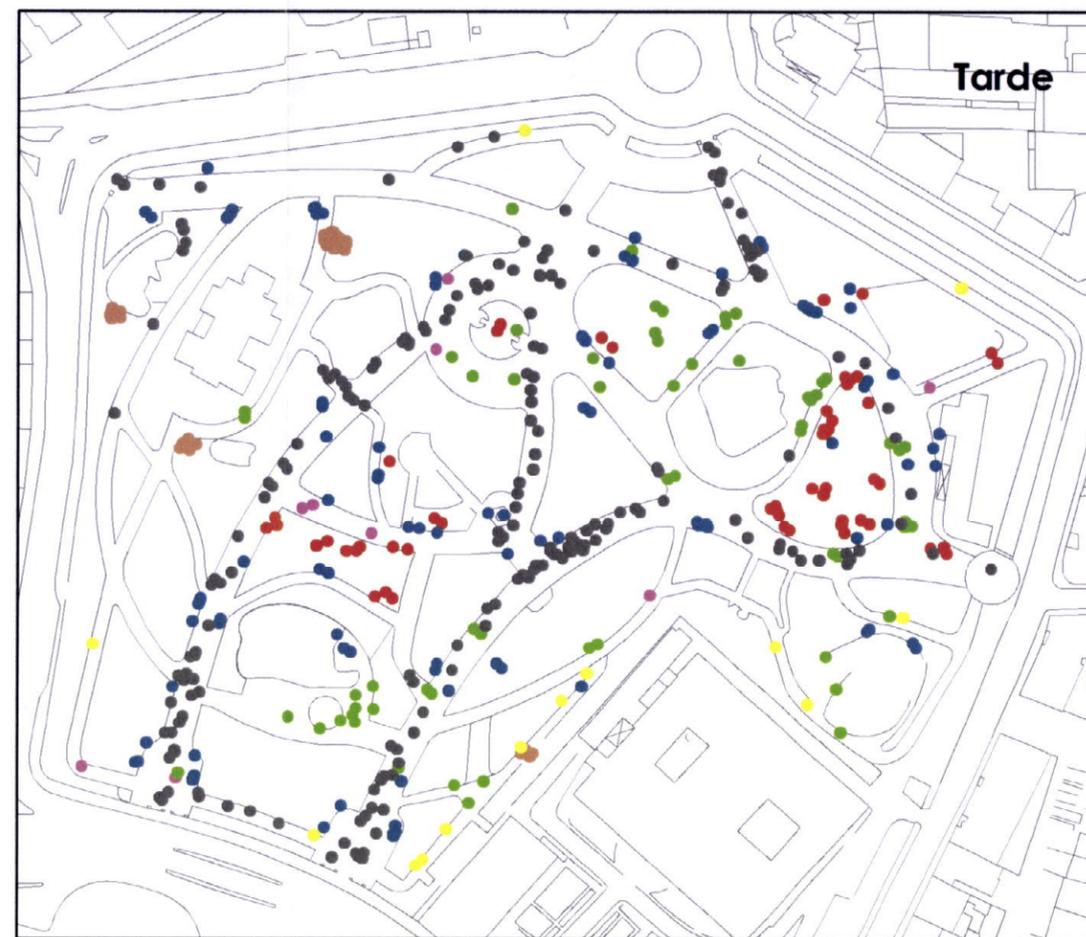
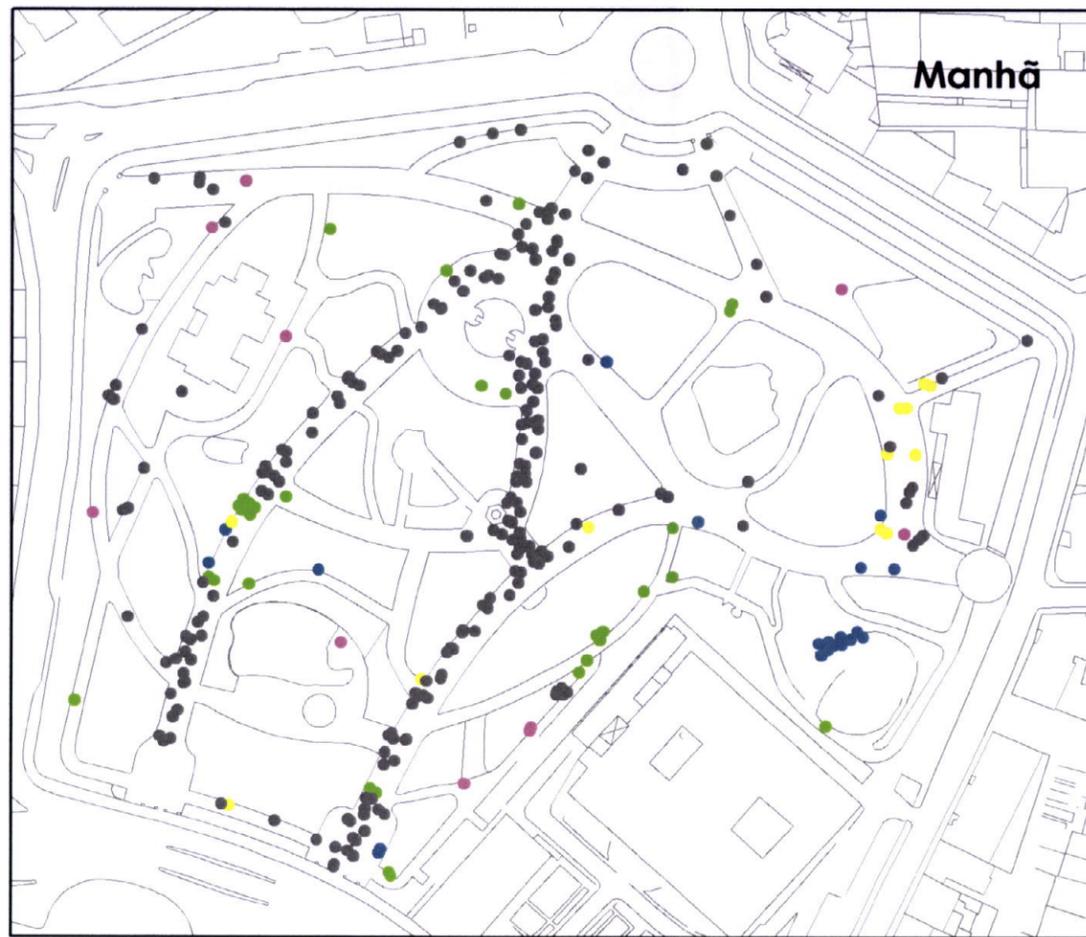
Faixa Etária

- 0-6
- 7-12
- 13-20
- 21-65
- > 65



Escala: 1:2.000

DISTRIBUIÇÃO TOTAL

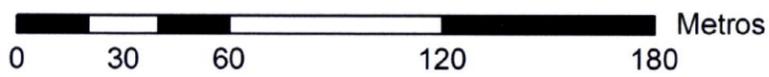


Legenda:



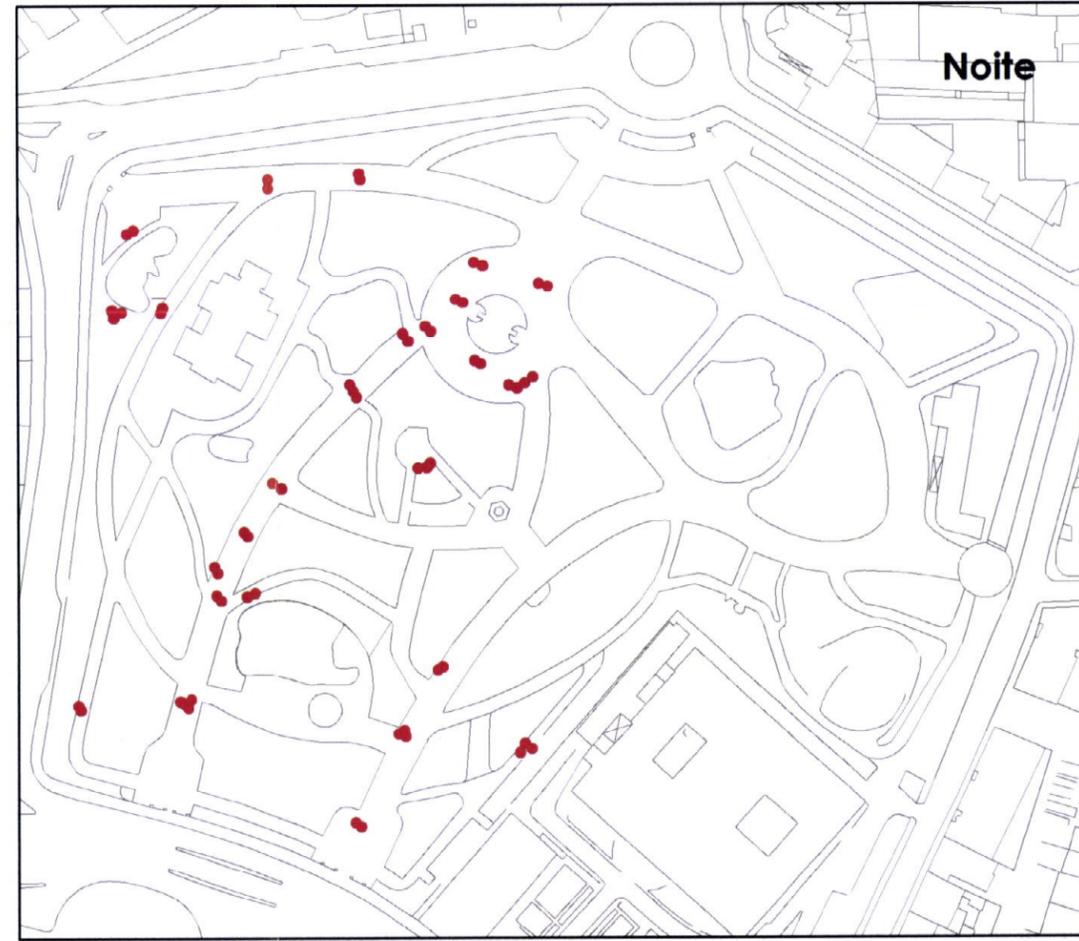
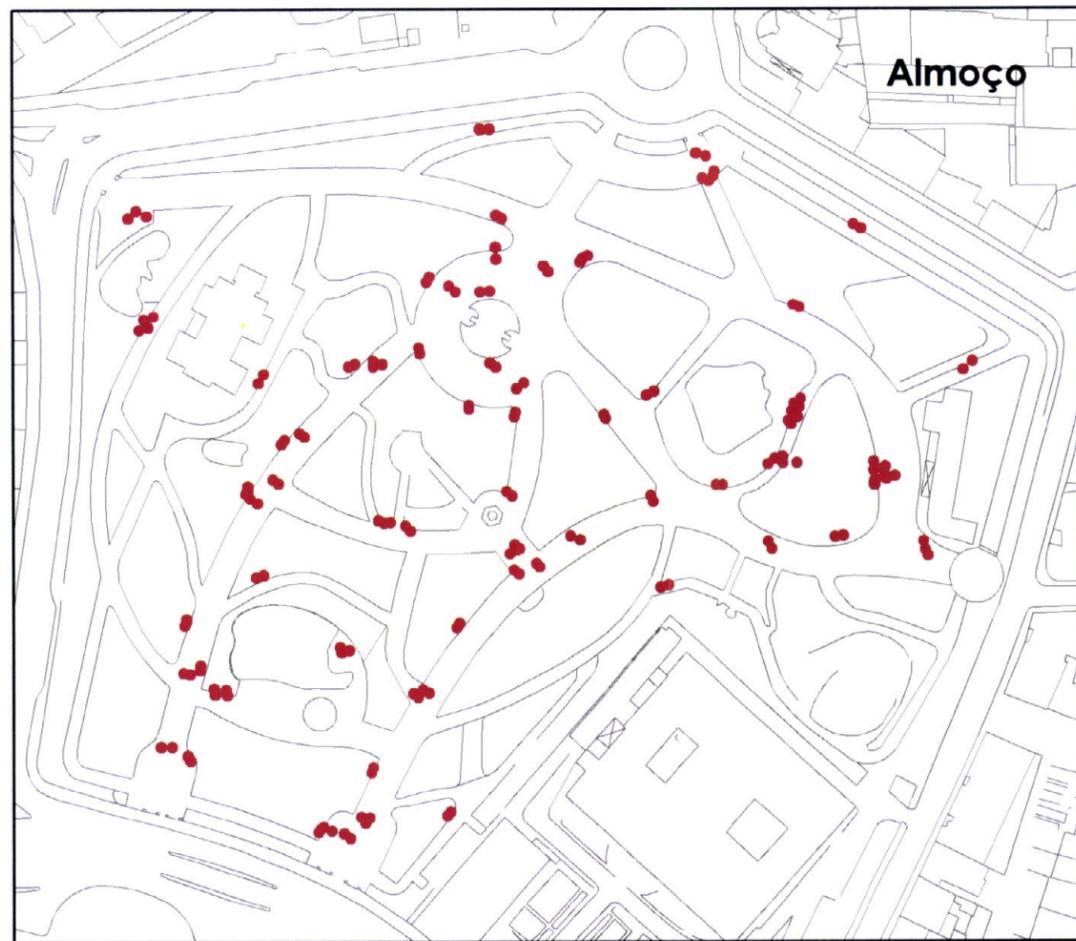
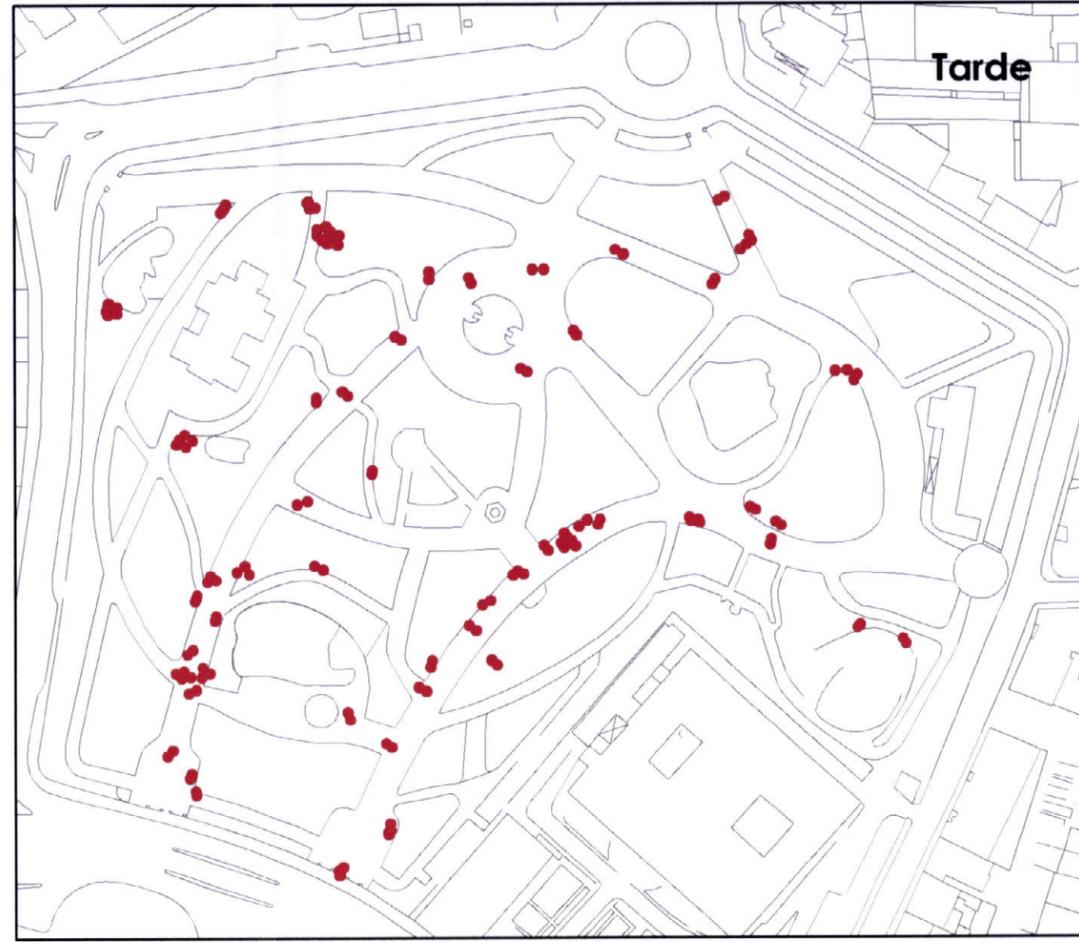
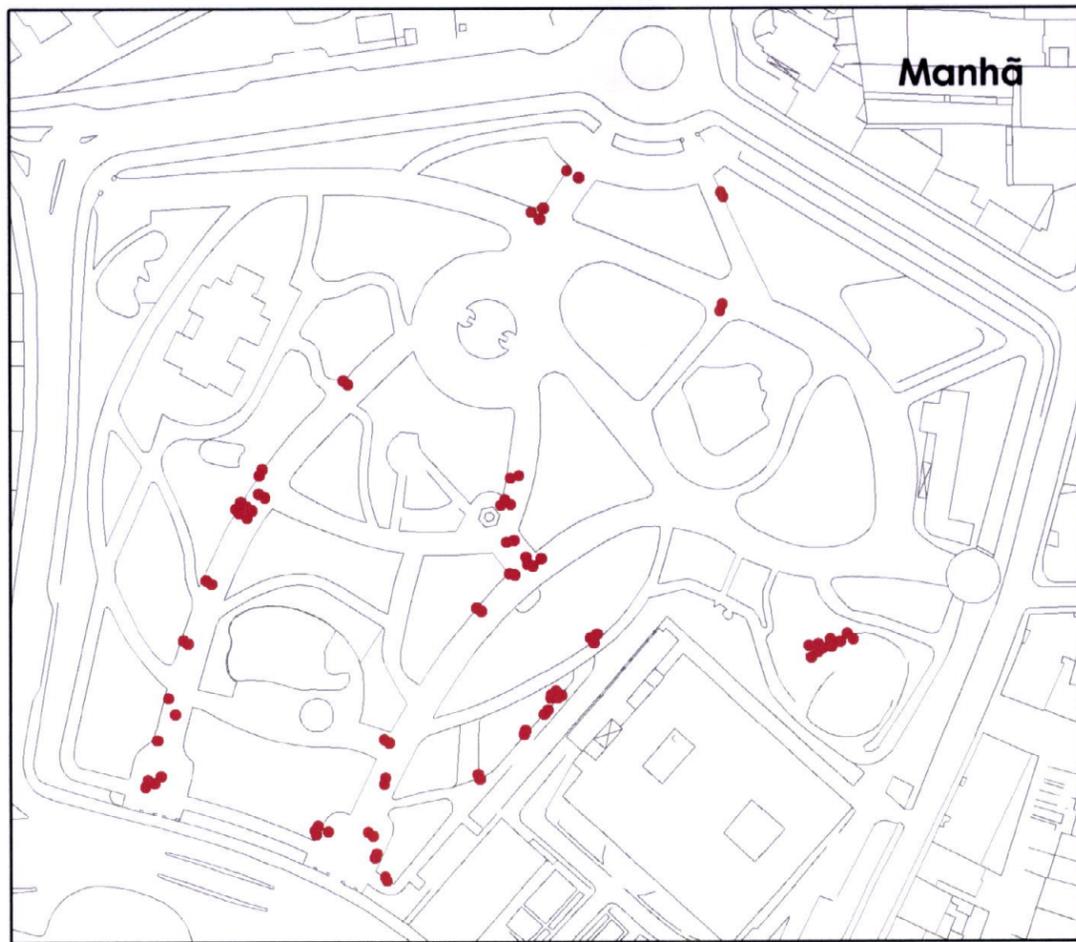
Actividades:

- Atravessar
- Jogging
- Sentado
- Passear/Observar /Fotografar
- Brincar/Trepar /Jogar à bola
- Jogar às Cartas
- Passear o Cão



Escala: 1:2.000

ACTIVIDADES PRINCIPAIS



Legenda:

Actividades:

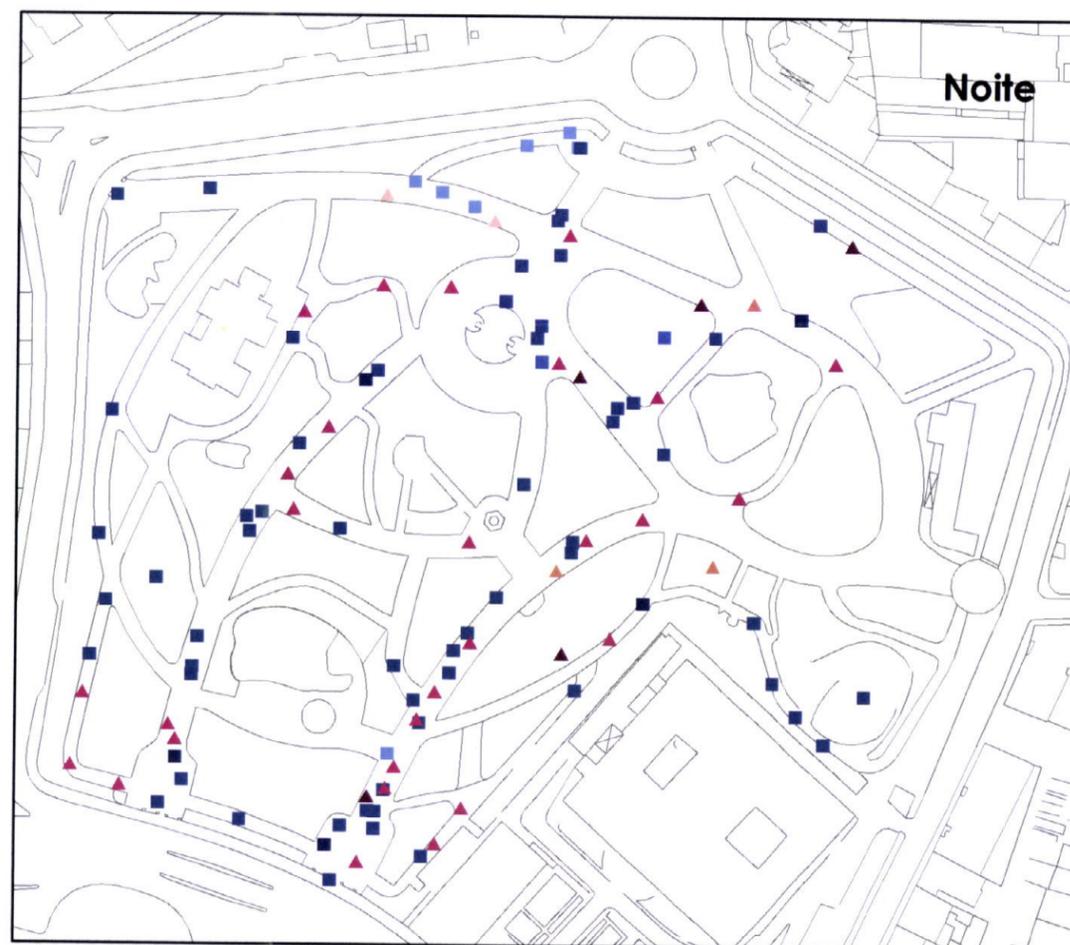
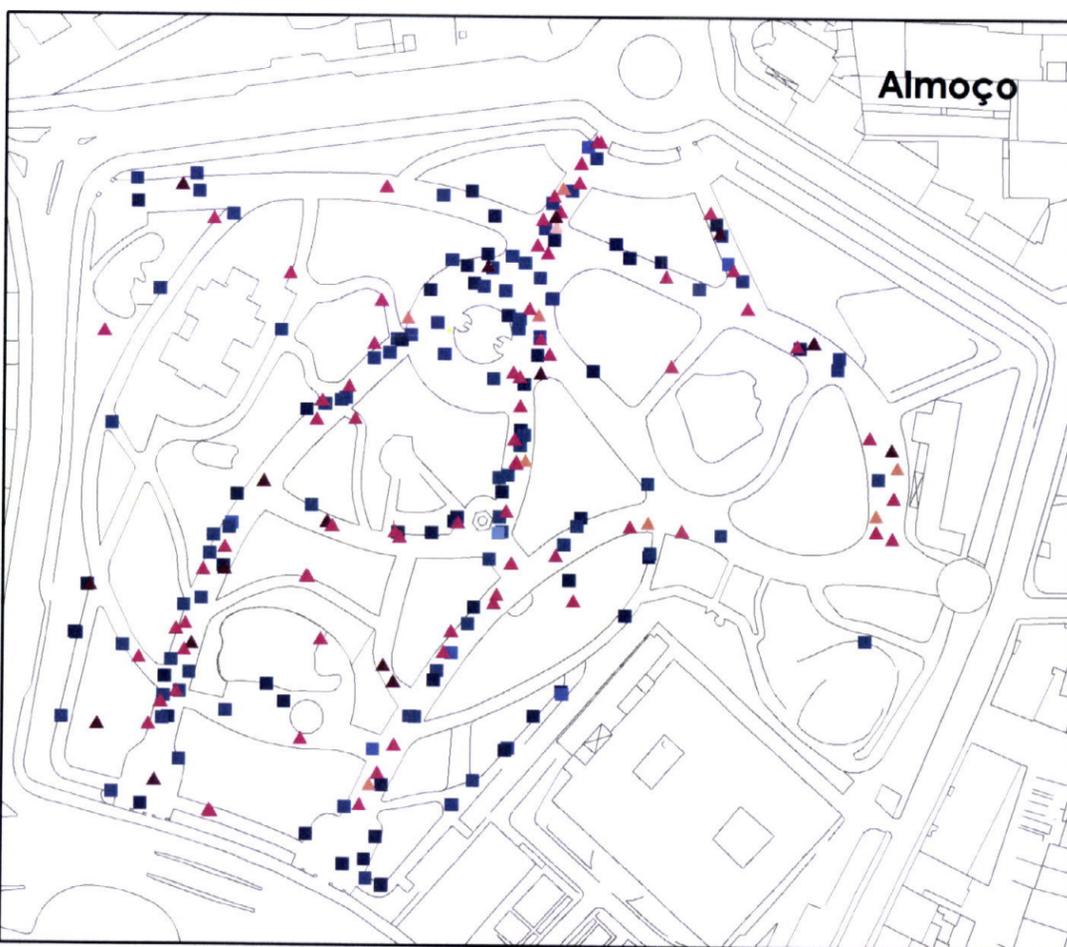
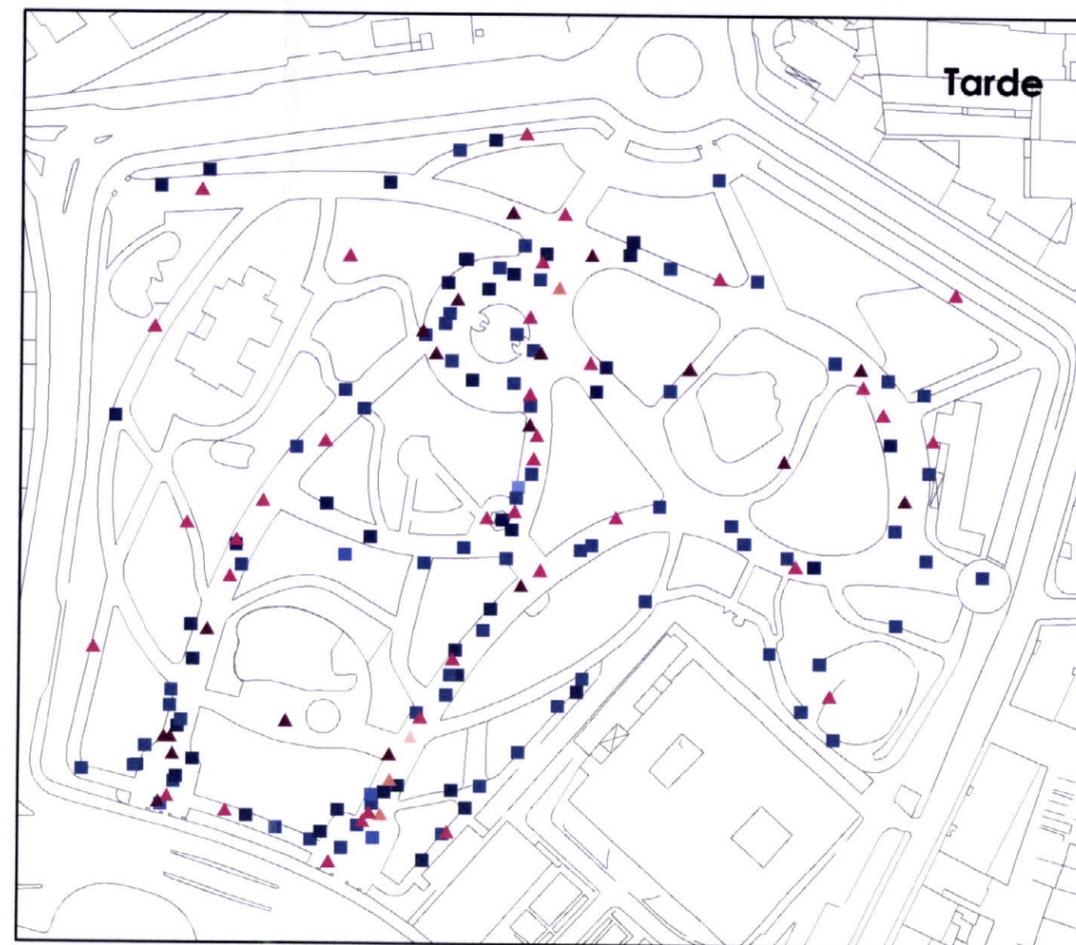
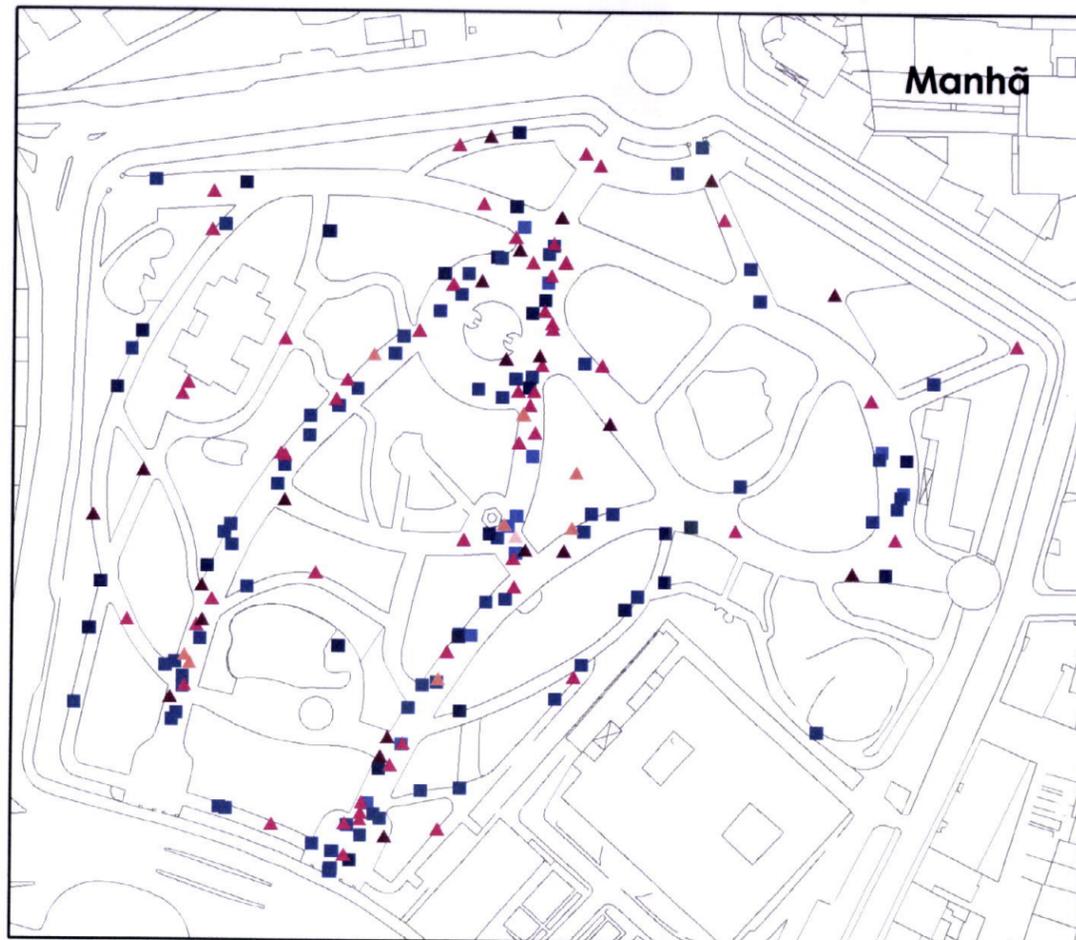
• Conversar



0 30 60 120 180 Metros

Escala: 1:2.000

ACTIVIDADE CONVERSAR



Legenda:

Sexo Feminino

Faixa Etária

- 0-6
- 7-12
- 13-20
- 21-65
- > 65

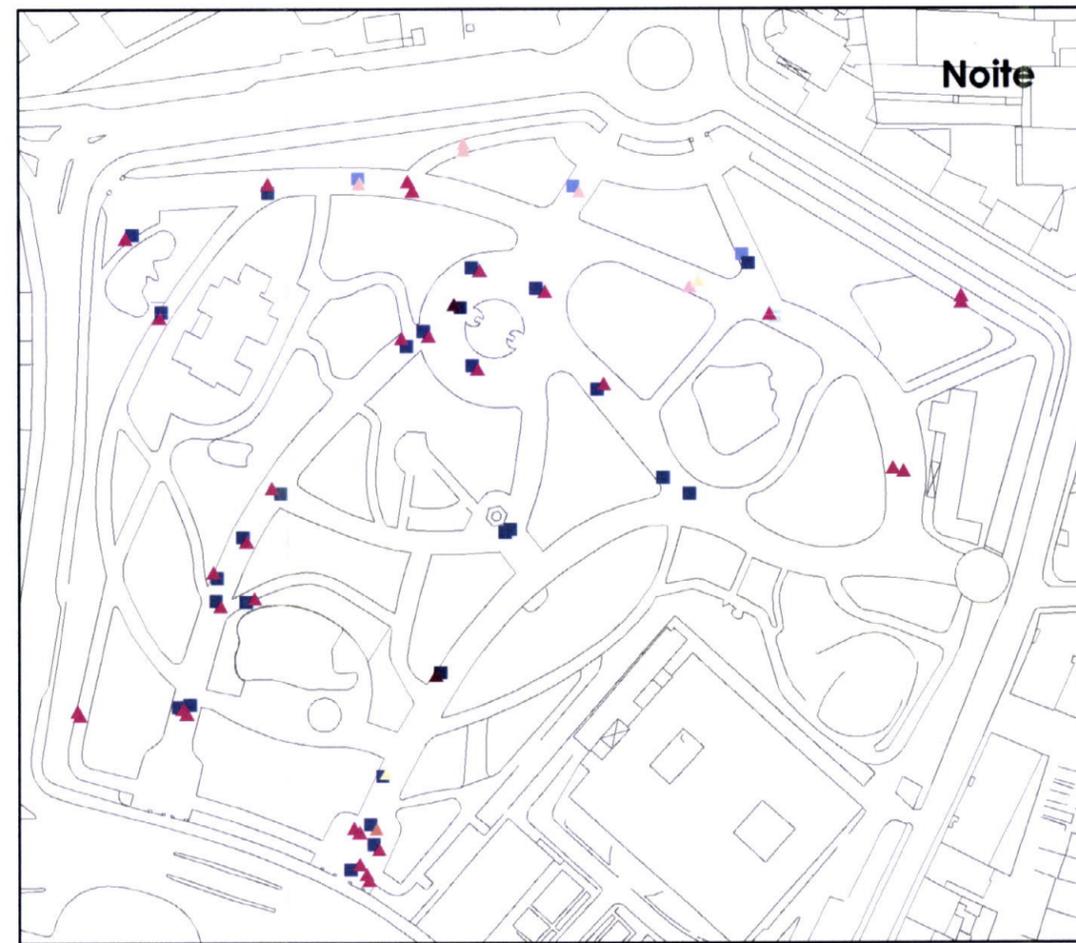
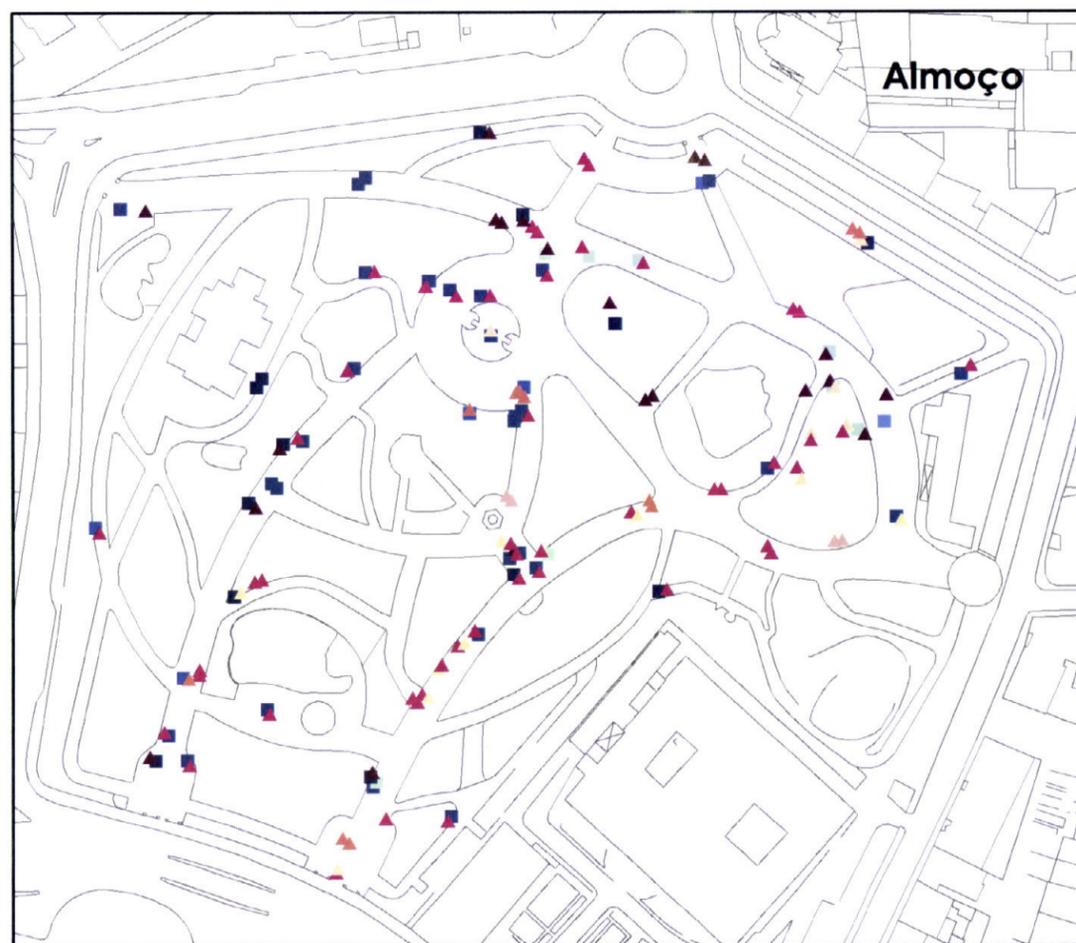
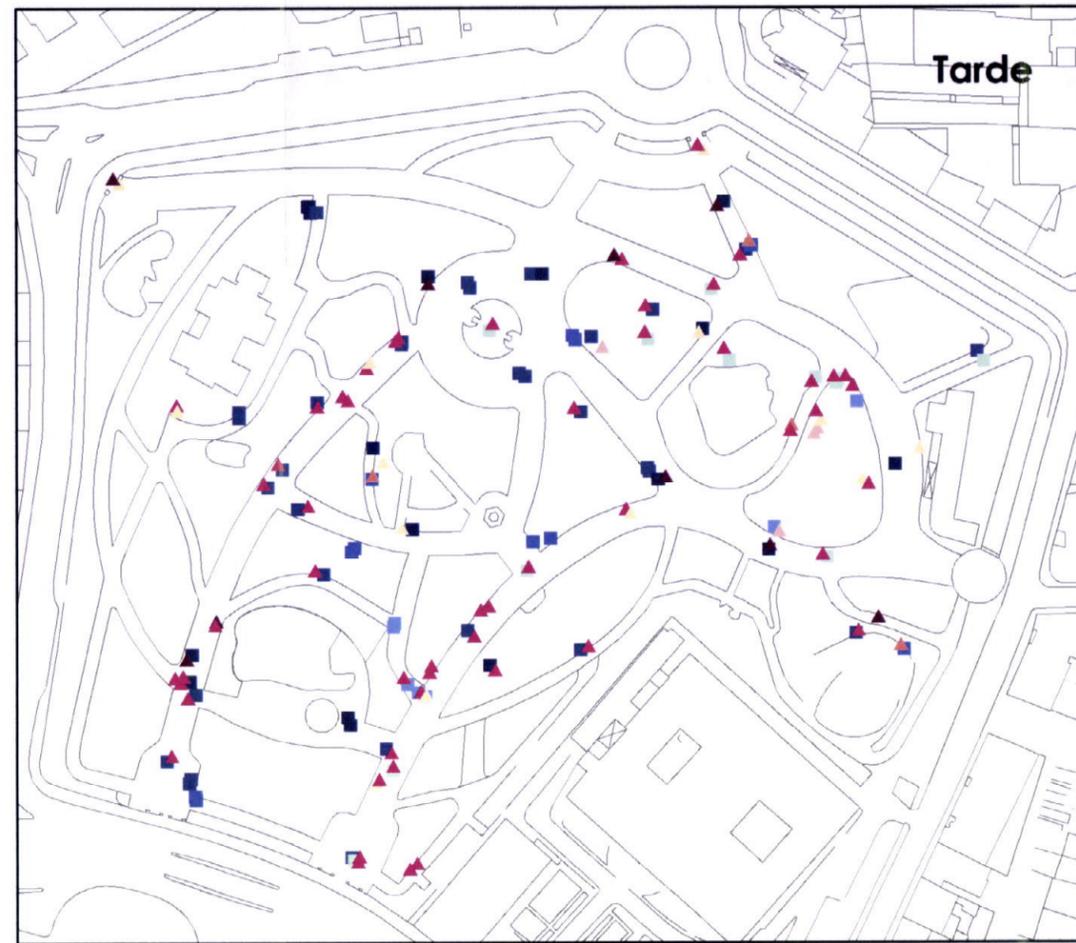
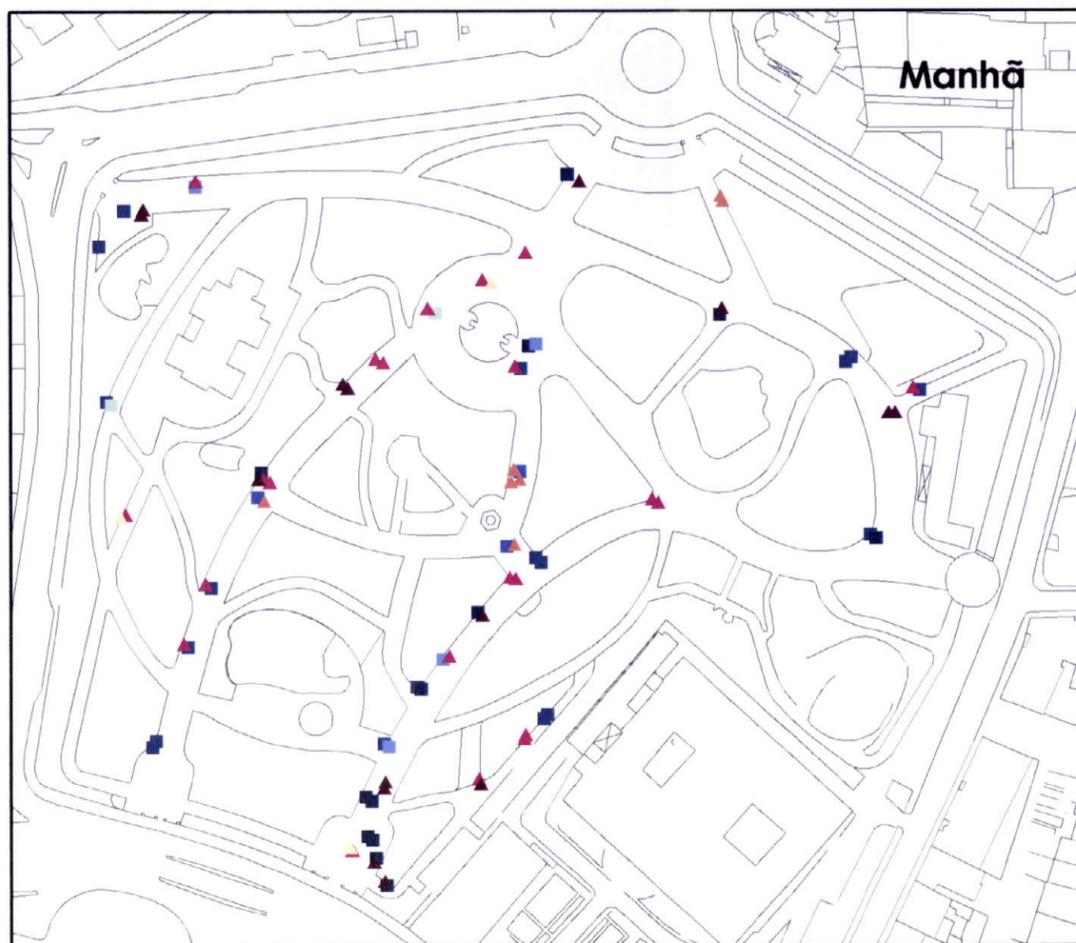
Sexo Masculino

Faixa Etária

- 0-6
- 7-12
- 13-20
- 21-65
- > 65

0 30 60 120 180 Metros

Escala: 1:2.000



Legenda:

Sexo Feminino

Faixa Etária

- 0-6
- 7-12
- 13-20
- 21-65
- > 65

Sexo Masculino

Faixa Etária

- 0-6
- 7-12
- 13-20
- 21-65
- > 65

0 30 60 120 180 Metros

Escala: 1:2.000



Legenda:

Sexo Feminino

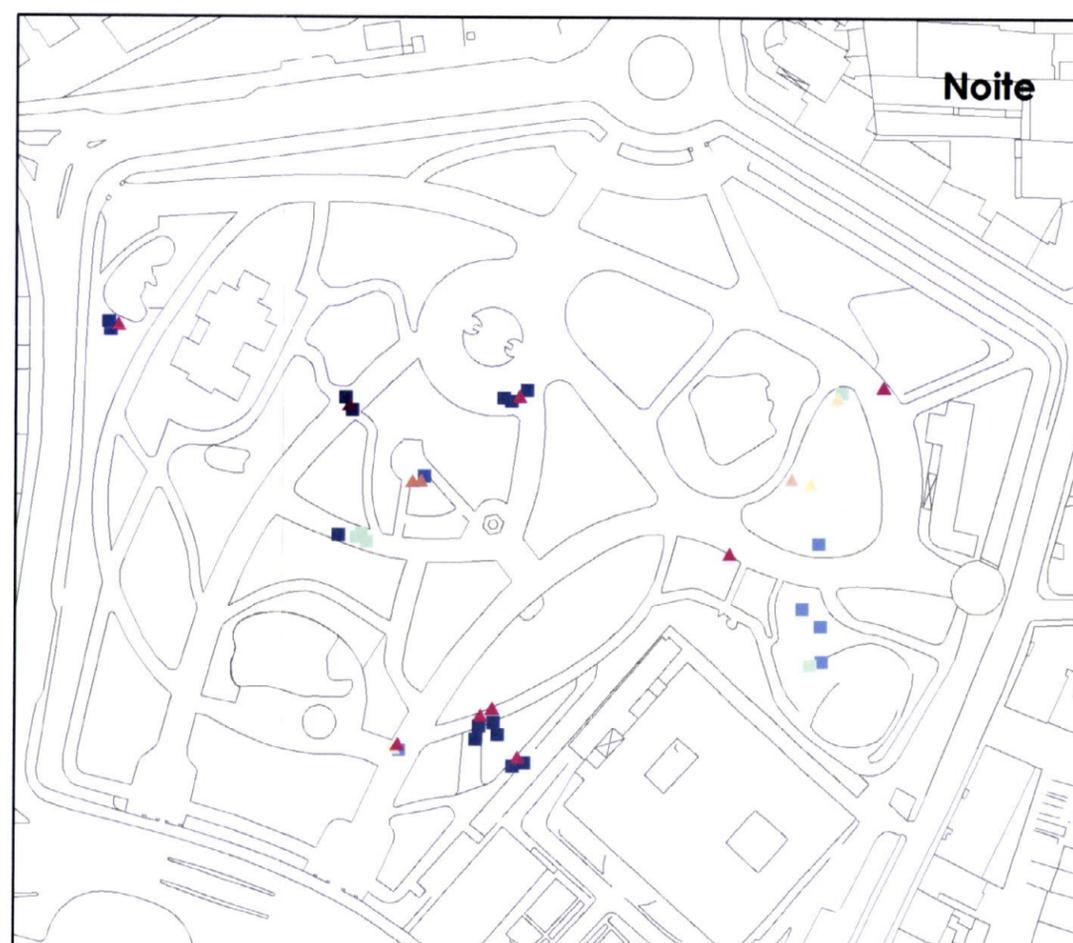
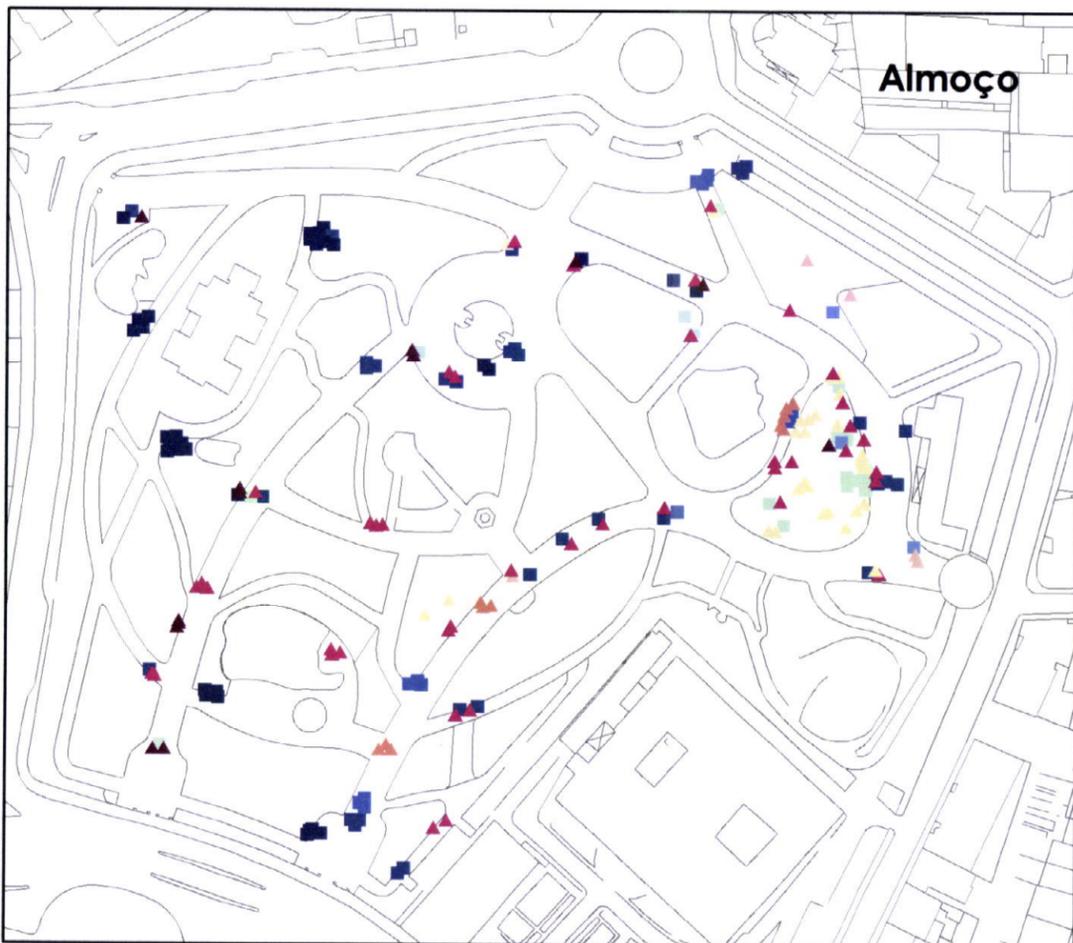
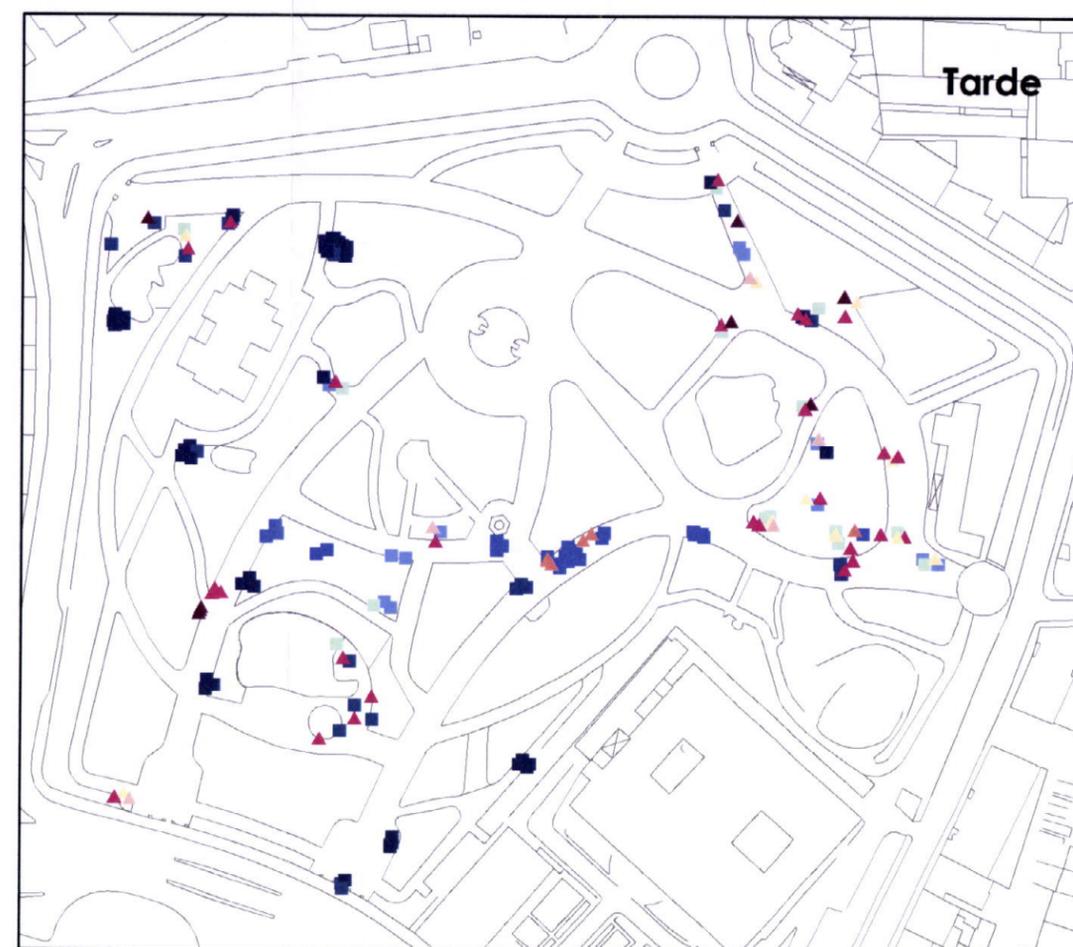
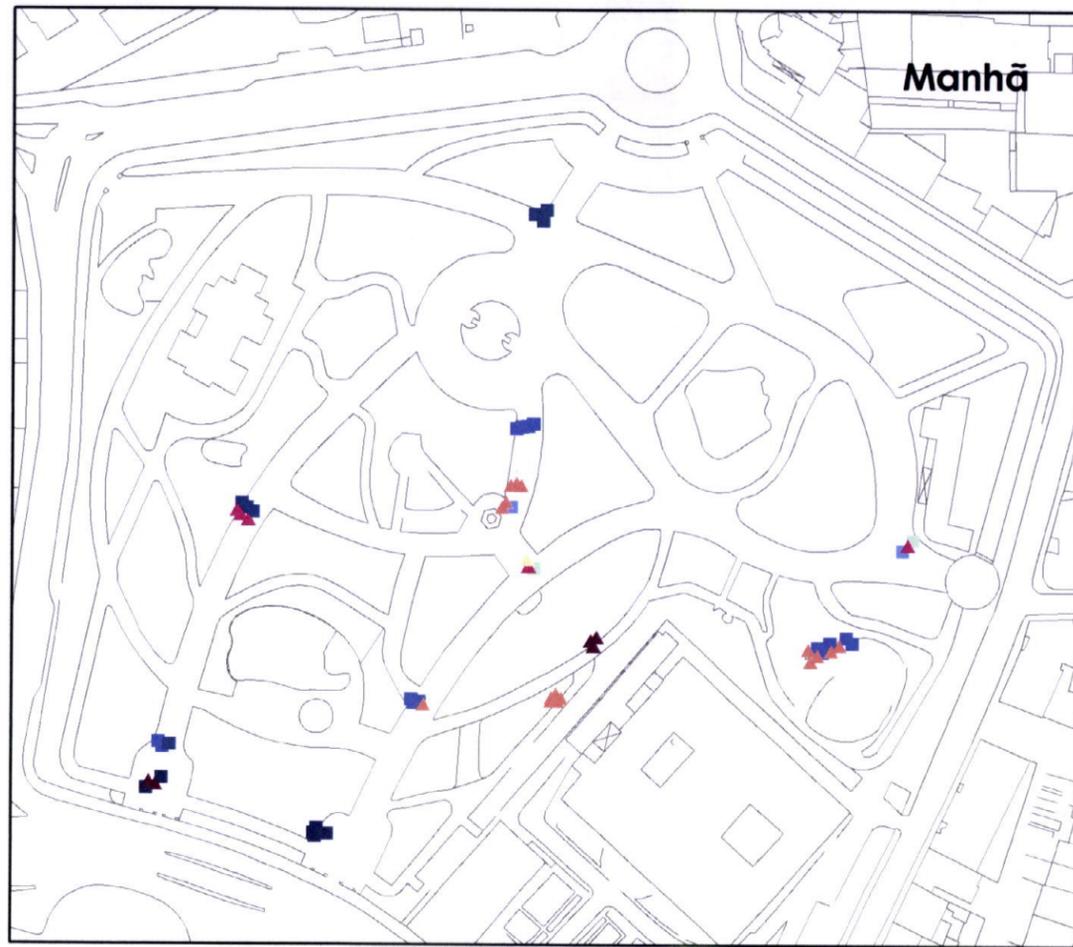
Faixa Etária

- ▲ 0-6
- ▲ 7-12
- ▲ 13-20
- ▲ 21-65
- ▲ > 65

Sexo Masculino

Faixa Etária

- 0-6
- 7-12
- 13-20
- 21-65
- > 65



Escala: 1:2.000